

# ROMÂNTICA

**Eça de Queirós**  
**Os Maias**



**Os Maias**  
**EPISÓDIOS DA**

**VIDA**

Os Maias 1

Os Maias



**éditions  
eBooksFrance**

[www.ebooksfrance.com](http://www.ebooksfrance.com)

Os Maias 2  
Os Maias



[Capítulo I](#)  
[Capítulo II](#)  
[Capítulo III](#) [Capítulo IV](#) [Capítulo V](#)  
[Capítulo VI](#) [Capítulo VII](#) [Capítulo VIII](#)  
[Capítulo IX](#) [Capítulo X](#)  
[Capítulo XI](#) [Capítulo XII](#) [Capítulo XIII](#)  
[Capítulo XIV](#) [Capítulo XV](#) [Capítulo XVI](#)  
[Capítulo XVII](#) [Capítulo XVIII](#)

Os Maias

Os Maias<sup>4</sup>

Os Maias

## Capítulo I

A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no Outono de 1875, era conhecida na vizinhança da *Rua de S. Francisco de Paula*, e em todo o bairro das Janelas Verdes,

pela *Casa do Ramalhete*, ou simplesmente o *Ramalhete*. Apesar deste fresco nome de vivenda campestre, o *Ramalhete*, sombrio casarão de paredes severas, com um renque de estreitas varandas de ferro no primeiro andar, e por cima uma tímida fila de janelinhas abrigadas à beira do telhado, tinha o aspecto tristonho de residência eclesiástica que competia a uma edificação do reinado da senhora D. Maria I : com uma sineta e com uma cruz no topo, assemelhar-se-ia a um colégio de Jesuítas. O nome de Ramalhete provinha decerto de um revestimento quadrado de azulejos fazendo painel no lugar heráldico do Escudo de Armas, que nunca chegara a ser colocado, e representando um grande ramo de girassóis atado por uma fita onde se distinguiam letras e números de uma data.

Longos anos o *Ramalhete* permanecera desabitado, com teias de aranha pelas grades dos postigos térreos, e cobrindo-se de tons de ruína. Em 1858, Monsenhor Buccarini, Núncio de Sua Santidade, visitara-o com ideia de instalar lá a Nunciatura, seduzido pela gravidade clerical do edifício e pela paz dormente do bairro : e o interior do casarão agradara-lhe também, com a sua disposição apalaçada, os tectos apainelados, as paredes cobertas de frescos onde já desmaiavam as rosas das grinaldas e as faces dos Cupidinhos. Mas Monsenhor, com os seus hábitos de rico prelado romano, necessitava na sua vivenda os arvoredos e as águas de um jardim de luxo e o *Ramalhete* possuía apenas, ao fundo de um terraço de tijolo, um pobre quintal inculto, abandonado às ervas bravas, com um cipreste, um cedro, uma cascatazinha seca, um tanque

entulhado, e uma estátua de mármore (onde Monsenhor reconheceu logo Vénus Citereia) enegrecendo a um canto na lenta humidade das ramagens silvestres. Além disso, a renda que pediu o velho Vilaça, procurador dos Maias, pareceu tão exagerada a Monsenhor, que lhe perguntou sorrindo se ainda julgava a Igreja nos tempos de Leão X. Vilaça respondeu – que também a nobreza não estava nos tempos do senhor D. João V. E o *Ramalhete* continuou desabitado. Este inútil pardieiro (como lhe chamava Vilaça Júnior, agora, por morte de seu pai, administrador dos Maias) só veio a servir, nos fins de 1870, para lá se arrecadarem as mobílias e as louças provenientes do palacete de família em Benfica, morada quase histórica, que, depois de andar anos em praça, fora então comprada por um comendador brasileiro. Nessa ocasião vendera-se outra propriedade dos Maias, a *Tojeira* ; e algumas raras pessoas que em Lisboa ainda se lembravam dos Maias, e sabiam que desde a Regeneração eles viviam retirados na sua quinta de Santa Olávia, nas margens do Douro, tinham perguntado a Vilaça se essa gente estava atrapalhada.

– Ainda têm um pedaço de pão – disse Vilaça sorrindo – e a manteiga para lhe barrar por cima.

Os Maias eram uma antiga família da Beira, sempre pouco numerosa, sem linhas colaterais, sem parentelas – e agora reduzida a dois varões, o senhor da casa, Afonso da Maia, um velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século, e seu neto Carlos que estudava medicina em Coimbra. Quando Afonso se retirara definitivamente para Santa Olávia, o rendimento da casa excedia já cinquenta mil



cruzados : mas desde então tinham-se acumulado as economias de vinte anos de aldeia ; viera também a herança de um último parente, Sebastião da Maia, que desde 1830 vivia em Nápoles, só ocupando-se de numismática : – e o procurador podia certamente sorrir com segurança quando falava dos Maias e da sua fatia de pão. A venda da *Tojeira* fora realmente aconselhada por Vilaça : mas nunca ele aprovara que Afonso se desfizesse de Benfica – só pela razão de aqueles muros terem visto tantos desgostos domésticos. Isso, como dizia Vilaça, acontecia a todos os muros. O resultado era que os Maias, o *Ramalhete* inabitável, não possuíam agora uma casa em Lisboa ; e se Afonso naquela idade amava o sossego de Santa Olávia, seu neto, rapaz de gosto e de luxo que passava as férias em Paris e Londres, não queria, depois de formado, ir sepultar-se nos penhascos do Douro. E com efeito, meses antes de ele deixar Coimbra, Afonso assombrou Vilaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o *Ramalhete* ! O procurador compôs logo um relatório a enumerar os inconvenientes do casarão : o maior era necessitar tantas obras e tantas despesas ; depois, a falta de um jardim devia ser muito sensível a quem saía dos arvoredos de Santa Olávia ; e por fim aludia mesmo a uma lenda, segundo a qual

## Capítulo I 5

### Os Maias

eram sempre fatais aos Maias as paredes do *Ramalhete*, «ainda que (acrescentava ele numa frase meditada) até me envergonho de mencionar tais frioleiras neste século de Voltaire, Guizot e outros filósofos liberais...» Afonso riu

muito da frase, e respondeu que aquelas razões eram excelentes – mas ele desejava habitar sob tectos tradicionalmente seus ; se eram necessárias obras, que se fizessem e largamente ; e enquanto a lendas e agouros, bastaria abrir de par em par as janelas e deixar entrar o sol.

Sua Excelência mandava : – e, como esse Inverno ia seco, as obras começaram logo, sob a direcção de um Esteves, architecto, político, e compadre de Vilaça. Este artista entusiasmará o procurador com um projecto de escada aparatosa, flanqueada por duas figuras simbolizando as conquistas da Guiné e da Índia. E estava ideando também uma cascata de louça na sala de jantar – quando, inesperadamente, Carlos apareceu em Lisboa com um architecto–decorador de Londres, e, depois de estudar com ele à pressa algumas ornamentações e alguns tons de estofos, entregou–lhe as quatro paredes do *Ramalhete*, para ele ali criar, exercendo o seu gosto, um interior confortável, de luxo inteligente e sóbrio.

Vilaça ressentiu amargamente esta desconsideração pelo artista nacional ; Esteves foi berrar ao seu Centro político que isto era um país perdido. E Afonso lamentou também que se tivesse despedido o Esteves, exigiu mesmo que o encarregassem da construção das cocheiras. O artista ia aceitar – quando foi nomeado governador civil.

Ao fim de um ano, durante o qual Carlos viera frequentemente a Lisboa colaborar nos trabalhos, «dar os seus retoques estéticos» – do antigo *Ramalhete* só restava a fachada tristonha, que Afonso não quisera alterada por

constituir a fisionomia da casa. E Vilaça não duvidou declarar que Jones Bule (como ele chamava ao inglês) sem desponder despropositadamente, aproveitando até as antigualhas de Benfica, fizera do *Ramalhete* «um museu».

O que surpreendia logo era o pátio, outrora tão lôbrego, nu, lajeado de pedregulhos – agora resplandecente, com um pavimento quadrilhado de mármore brancos e vermelhos, plantas decorativas, vasos de Quimper, e dois longos bancos feudais que Carlos trouxera de Espanha, trabalhados em talha, solenes como coros de catedral. Em cima, na antecâmara, revestida como uma tenda de estofos do Oriente, todo o rumor de passos morria : e ornavam-na divãs cobertos de tapetes persas, largos pratos mouriscos com reflexos metálicos de cobre, uma harmonia de tons severos, onde destacava, na brancura imaculada do mármore, uma figura de rapariga friorenta, arrepiando-se, rindo, ao meter o pezinho na água. Daí partia um amplo corredor, ornado com as peças ricas de Benfica, arcas góticas, jarrões da Índia, e antigos quadros devotos. As melhores salas do *Ramalhete* abriam para essa galeria. No salão nobre, raramente usado, todo em brocados de veludo cor de musgo de Outono, havia uma bela tela de Constable, o retrato da sogra de Afonso, a condessa de Runa, de tricorne de plumas e vestido escarlate de caçadora inglesa, sobre um fundo de paisagem enevoada. Uma sala mais pequena, ao lado, onde se fazia música, tinha um ar de século XVIII com seus móveis enramalhados de ouro, as suas sedas de ramagens brilhantes : duas tapeçarias de Gobelins desmaiadas, em tons cinzentos, cobriam as paredes de pastores e de arvoredos.

Defronte era o bilhar, forrado de um couro moderno trazido por Jones Bule, onde, por entre a desordem de ramagens verde-garrafa, esvoaçavam cegonhas prateadas. E, ao lado, achava-se o *fumoir*, a sala mais cómoda do *Ramalhete* : as otomanas tinham a fofa vastidão de leitos ; e o conchego quente e um pouco sombrio dos estofos escarlates e pretos era alegrado pelas cores cantantes de velhas faianças holandesas.

Ao fundo do corredor ficava o escritório de Afonso, revestido de damascos vermelhos com uma velha câmara de prelado. A maciça mesa de pau-preto, as estantes baixas de carvalho lavrado, o solene luxo das encadernações, tudo tinha ali uma feição austera de paz estudiosa – realçada ainda por um quadro atribuído a Rubens, antiga relíquia da casa, um Cristo na Cruz, destacando a sua nudez de atleta sobre um céu de poente revoltado e rubro. Ao lado do fogão, Carlos arranjava um canto para o avô com um biombo japonês bordado a ouro, uma pele de urso branco, e uma venerável cadeira de braços, cuja tapeçaria mostrava ainda as armas

## Capítulo I 6

### Os Maias

dos Maias no desmaio da trama de seda.

No corredor do segundo andar guarnecido com retratos de família, estavam os quartos de Afonso. Carlos dispusera os seus, num ângulo da casa, com uma entrada particular, e janelas sobre o jardim : eram três gabinetes a seguir, sem

portas, unidos pelo mesmo tapete : e os recostos acolchoados, a seda que forrava as paredes, faziam dizer ao Vilaça que aquilo não eram aposentos de médico – mas de dançarina !

A casa, depois de arranjada, ficou vazia enquanto Carlos, já formado, fazia uma longa viagem pela Europa ; – e foi só nas vésperas da sua chegada, nesse lindo Outono de 1875, que Afonso se resolveu enfim a deixar Santa Olávia e vir instalar-se no *Ramalhete*. Havia vinte e cinco anos que ele não via Lisboa ; e, ao fim de alguns curtos dias, confessou ao Vilaça que estava suspirando outra vez pelas suas sombras de Santa Olávia. Mas, que remédio ! Não queria viver muito separado do neto ; e Carlos agora, com ideias sérias de carreira activa, devia necessariamente habitar Lisboa... De resto, não desgostava do *Ramalhete*, apesar de Carlos, com o seu fervor pelo luxo dos climas frios, ter prodigalizado de mais as tapeçarias, os pesados reposteiros e os veludos. Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio adormecido ao sol. E gostava até do seu quintalejo. Não era decerto o jardim de Santa Olávia : mas tinha o ar simpático, com os seus girassóis perfilados ao pé dos degraus do terraço, o cipreste e o cedro envelhecendo juntos como dois amigos tristes, e a Vénus Citereia parecendo agora, no seu tom claro de estátua de parque, ter chegado de Versalhes, do fundo do Grande Século... E desde que a água abundava, a cascatazinha era deliciosa, dentro do nicho de conchas, com os seus três pedregulhos arranjados em despenhadeiro bucólico, melancolizando aquele fundo de quintal soalheiro com um

pranto de náíade doméstica, esfiado gota a gota na bacia de mármore.

O que desconsolara Afonso, ao princípio, fora a vista do terraço – donde outrora, decerto, se abrangia até ao mar. Mas as casas edificadas em redor, nos últimos anos, tinham tapado esse horizonte esplêndido. Agora, uma estreita tira de água e monte que se avistava entre dois prédios de cinco andares, separados por um corte de rua, formava toda a paisagem defronte do *Ramalhete*. E, todavia, Afonso terminou por lhe descobrir um encanto íntimo. Era como uma tela marinha, encaixilhada em cantarias brancas, suspensa do céu azul em face do terraço, mostrando, nas variedades infinitas de cor e luz, os episódios fugitivos de uma pacata vida de rio : às vezes uma vela de barco da Trafaria fugindo airoosamente à bolina ; outras vezes uma galera toda em pano, entrando num favor da aragem, vagarosa, no vermelho da tarde ; ou então a melancolia de um grande paquete, descendo, fechado e preparado para a vaga, entrevisto um momento, desaparecendo logo, como já devorado pelo mar incerto ; ou ainda durante dias, no pó de ouro das sextas silenciosas, o vulto negro de um couraçado inglês... E sempre ao fundo o pedaço de monte verde-negro, com um moinho parado no alto, e duas casas brancas ao rés da água, cheias de expressão – ora faiscantes e despedindo raios das vidraças acesas em brasa ; ora tomando aos fins de tarde um ar pensativo, cobertas dos rosados tenros do poente, quase semelhantes a um rubor humano ; e de uma tristeza arrepiada nos dias de chuva, tão sós, tão brancas, como nuas, sob o tempo agreste.

O terraço comunicava por três portas envidraçadas com o escritório – e foi nessa bela câmara de prelado que Afonso se acostumou logo a passar os seus dias, no recanto aconchegado que o neto lhe preparara ternamente, ao lado do fogão. A sua longa residência em Inglaterra dera-lhe o amor dos suaves vagares junto do lume. Em Santa Olávia as chaminés ficavam acesas até Abril ; depois ornavam-se de braçadas de flores, como um altar doméstico ; e era ainda aí, nesse aroma e nessa frescura, que ele gozava melhor o seu cachimbo, o seu Tácito, ou o seu querido Rabelais.

Todavia, Afonso ainda ia longe, como ele dizia, de ser um velho borralheiro. Naquela idade, de Verão ou de Inverno, ao romper do Sol, estava a pé, saindo logo para a quinta, depois da sua boa oração da manhã que era um grande mergulho na água fria. Sempre tivera o amor supersticioso da água ; e costumava dizer que nada havia melhor para o homem – que sabor de água, som de água e vista de água. O que o prendera mais a Santa Olávia fora a sua grande riqueza de águas vivas, nascentes, repuxos, tranquilo espelhar de águas

## Capítulo I 7

### Os Maias

paradas, fresco murmúrio de águas regantes... E a esta viva tonificação da água atribuía ele o ter vindo assim, desde o começo do século, sem uma dor e sem uma doença, mantendo a rica tradição de saúde da sua família, duro, resistente aos desgostos e anos – que passavam por ele, tão

em vão, como passavam em vão, pelos seus robles de Santa Olávia, anos e vendavais.

Afonso era um pouco baixo, maciço, de ombros quadrados e fortes : e com a sua face larga de nariz aquilino, a pele corada, quase vermelha, o cabelo branco todo cortado à escovinha, e a barba de neve aguda e longa – lembrava, como dizia Carlos, um varão esforçado das idades heróicas, um D. Duarte de Meneses ou um Afonso de Albuquerque. E isto fazia sorrir o velho, recordar ao neto, gracejando, quanto as aparências iludem !

Não, não era Meneses, nem Albuquerque, apenas um antepassado bonacheirão que amava os seus livros, o concheiro da sua poltrona, o seu *whist* ao canto do fogão. Ele mesmo costumava dizer que era simplesmente um egoísta : – mas nunca, como agora na velhice, as generosidades do seu coração tinham sido tão profundas e largas. Parte do seu rendimento ia-se-lhe por entre os dedos, esparsamente, numa caridade enternecida. Cada vez amava mais o que é pobre e o que é fraco. Em Santa Olávia, as crianças corriam para ele, dos portais, sentindo-o acariciador e paciente. Tudo o que vive lhe merecia amor – e era dos que não pisam um formigueiro e se compadecem da sede de uma planta.

Vilaça costumava dizer que lhe lembrava sempre o que se conta dos patriarcas, quando o vinha encontrar ao canto da chaminé, na sua coçada quinquena de veludilho, sereno, risonho, com um livro na mão, o seu velho gato aos pés. Este pesado e enorme angorá, branco com malhas louras, era



agora (desde a morte de Tobias, o soberbo cão são-bernardo) o fiel companheiro de Afonso. Tinha nascido em Santa Olávia, e recebera então o nome de *Bonifácio* : depois, ao chegar à idade do amor e da caça, fora-lhe dado o apelido mais cavalheiresco de «D. Bonifácio de Calatrava» : agora, dorminhoco e obeso, entrara definitivamente no remanso das dignidades eclesiásticas, e era o «Reverendo Bonifácio»...

Esta existência nem sempre assim correria com a tranquilidade larga e clara de um belo rio de Verão. O antepassado, cujos olhos se enchiam agora de uma luz de ternura diante das suas rosas, e que ao canto do lume relia com gosto o seu Guizot, fora, na opinião de seu pai, algum tempo, o mais feroz jacobino de Portugal ! E todavia, o furor revolucionário do pobre moço consistira em ler Rousseau, Volney, Helvécio, e a «Enciclopédia» ; em atirar foguetes de lágrimas à Constituição ; e ir, de chapéu à liberal e alta gravata azul, recitando pelas lojas maçónicas odes abomináveis ao Supremo Arquitecto do Universo. Isto, porém, bastara para indignar o pai. Caetano da Maia era um português antigo e fiel que se benzia ao nome de Robespierre, e que, na sua apatia de fidalgo beato e doente, tinha só um sentimento vivo – o horror, o ódio ao jacobino, a quem atribuía todos os males, os da pátria e os seus, desde a perda das colónias até às crises da sua gota. Para extirpar da nação o jacobino, dera ele o seu amor ao senhor infante D. Miguel, messias forte e restaurador providencial... E ter justamente por filho um jacobino, parecia-lhe uma provação comparável só às de Job !

Ao princípio, na esperança que o menino se emendasse, contentou-se em lhe mostrar um carão severo e chamar-lhe com sarcasmo – *cidadão* ! Mas quando soube que seu filho, o seu herdeiro, se misturara à turba que, numa noite de festa cívica e de Luminárias, tinha apedrejado as vidraças apagadas do senhor legado de Áustria, enviado da Santa Aliança – considerou o rapaz um Marat e toda a sua cólera rompeu. A gota cruel, cravando-o na poltrona, não lhe deixou espancar o maçã, com a sua bengala da Índia, à lei de bom pai português : mas decidiu expulsá-lo de sua casa, sem mesada e sem bênção, renegado como um bastardo ! Que aquele pedreiro-livre não podia ser do seu sangue !

As lágrimas da mamã amoleceram-no ; sobretudo as razões de uma cunhada de sua mulher, que vivia com eles em Benfica, senhora irlandesa de alta instrução, Minerva respeitada e tutelar, que ensinara inglês ao menino e o adorava como um bebé. Caetano da Maia limitou-se a desterrar o filho para a Quinta de Santa

## Capítulo I 8

### Os Maias

Olávia ; mas não cessou de chorar no seio dos padres que vinham a Benfica a desgraça da sua casa. E esses santos lá o consolavam, afirmando-lhe que Deus, o velho Deus de Ourique, não permitiria jamais que um Maia pactuasse com Belzebu e com a Revolução ! E, à falta de Deus-Padre, lá estava Nossa Senhora da Soledade, padroeira da casa e

madrinha do menino, para fazer o bom milagre. E o milagre fez-se. Meses depois, o jacobino, o Marat, voltava de Santa Olávia um pouco contrito, enfastiado sobretudo daquela solidão, onde os chás do brigadeiro Sena eram ainda mais tristes que o terço das primas Cunhas. Vinha pedir ao pai a bênção, e alguns mil cruzados, para ir a Inglaterra, esse país de vivos prados e de cabelos de ouro, de que lhe falara tanto a tia Fanny. O pai beijou-o, todo em lágrimas, acedeu a tudo fervorosamente, vendo ali a evidente, a gloriosa intercessão de Nossa Senhora da Soledade ! E o mesmo frei Jerónimo da Conceição, seu confessor, declarou este milagre – não inferior ao de Carnaxide.

Afonso partiu. Era na Primavera – e a Inglaterra toda verde, os seus parques de luxo, os copiosos confortos, a harmonia penetrante dos seus nobres costumes, aquela raça tão séria e tão forte – encantaram-no. Bem depressa esqueceu o seu ódio aos sorumbáticos padres da Congregação, as horas ardentes passadas no café dos Remolares a recitar Mirabeau, e a República que quisera fundar, clássica e voltairiana, com um triunvirato de Cipiões e festas ao Ente Supremo. Durante os dias da *Abrilada* estava ele nas corridas de Epsom, no alto de uma sege de posta, com um grande nariz postiço, dando hurras medonhos – bem indiferente aos seus irmãos de Maçonaria, que a essas horas o senhor infante espicaçava a chuço, pelas vielas do Bairro Alto, no seu rijo cavalo de Alter.

Seu pai morreu de súbito, ele teve de regressar a Lisboa. Foi então que conheceu D. Maria Eduarda Runa, filha do conde de Runa, uma linda morena, mimosa e um pouco adoentada.

Ao fim do luto casou com ela. Teve um filho, desejou outros ; e começou logo, com belas ideias de patriarca moço, a fazer obras no palacete de Benfica, a plantar em redor arvoredos, preparando tectos e sombras à descendência amada que lhe encantaria a velhice.

Mas não esquecia a Inglaterra : – e tornava–lha mais apetecida essa Lisboa miguelista que ele via, desordenada como uma Tunes barbaresca ; essa rude conjuração apostólica de frades e boleeiros, atroando tabernas e capelas ; essa plebe beata, suja e feroz, rolando do *lausperene* para o curro, e ansiando tumultuosamente pelo príncipe que lhe encarnava tão bem os vícios e as paixões...

Este espectáculo indignava Afonso da Maia ; e muitas vezes, na paz do serão, entre amigos, com o pequeno nos joelhos, exprimiu a indignação da sua alma honesta. Já não exigia decerto, como em rapaz, uma Lisboa de Catões e de Múcios Cévolas. Já admitia mesmo o esforço de uma nobreza para manter o seu privilégio histórico ; mas então queria uma nobreza inteligente e digna, como a aristocracia *tory* (que o seu amor pela Inglaterra lhe fazia idealizar), dando em tudo a direcção moral, formando os costumes e inspirando a literatura, vivendo com fausto e falando com gosto, exemplo de ideias altas e espelho de maneiras patricias... O que não tolerava era o mundo de Queluz, bestial e sórdido.

Tais palavras, apenas soltas, voavam a Queluz. E quando se reuniram as Cortes Gerais, a polícia invadiu Benfica, «a

procurar papéis e armas escondidas».

Afonso da Maia, com o seu filho nos braços e a mulher tremendo ao lado – viu, impassivelmente e sem uma palavra, a busca, as gavetas arrombadas pela coronha das escopetas, as mãos sujas do malsim rebuscando os colchões do seu leito. O senhor juiz de fora não descobriu nada ; aceitou mesmo na copa um cálice de vinho, e confessou ao mordomo «que os tempos iam bem duros...». Desde essa manhã as janelas do palacete conservaram-se cerradas ; não se abriu mais o portão nobre para sair o coche da senhora ; e daí a semanas, com a mulher e com o filho, Afonso da Maia partia para Inglaterra e para o exílio.

Aí instalou-se, com luxo, para uma longa demora, nos arredores de Londres, junto a Richmond, ao fundo de um parque, entre as suaves e calmas paisagens de Surrey.

## Capítulo I 9

### Os Maias

Os seus bens, graças ao crédito do conde de Runa, antigo mimoso de D. Carlota Joaquina, hoje conselheiro ríspido do senhor D. Miguel, não tinham sido confiscados ; e Afonso da Maia podia viver largamente.

Ao princípio os emigrados liberais, Palmela e a gente do *Belfast*, ainda o vieram desassossegar e consumir. A sua alma recta não tardou a protestar vendo a separação de castas, de hierarquias, mantidas ali na terra estranha entre os vencidos da mesma ideia – os fidalgos e os

desembargadores vivendo no luxo de Londres à forra, e plebe, o exército, depois dos padecimentos da Galiza, sucumbindo agora à fome, à vérmina, à febre nos barracões de Plymouth. Teve logo conflitos com os chefes liberais ; foi acusado de vintista e demagogo ; descreu por fim do liberalismo. Isolou-se então – sem fechar todavia a sua bolsa, donde saíam às cinquenta, às cem moedas... Mas quando a primeira expedição partiu, e pouco a pouco se foram vazando os depósitos de emigrados, respirou enfim – e, como ele disse, pela primeira vez lhe soube bem o ar de Inglaterra !

Meses depois, sua mãe, que ficara em Benfica, morria de uma apoplexia : e a tia Fanny veio para Richmond completar a felicidade de Afonso, com o seu claro juízo, os seus caracóis brancos, os seus modos de discreta Minerva. Ali estava ele pois no seu sonho, numa digna residência inglesa, entre árvores seculares, vendo em redor nas vastas relvas dormirem ou pastarem os gados de luxo, e sentindo em torno de si tudo tão são, forte, livre e sólido – como o amava o seu coração.

Teve relações ; estudou a nobre e rica literatura inglesa ; interessou-se, como convinha a um fidalgo em Inglaterra, pela cultura, pela cria dos cavalos, pela prática da caridade ; – e pensava com prazer em ficar ali para sempre naquela paz e naquela ordem. Somente Afonso sentia que sua mulher não era feliz. Pensativa e triste, tossia sempre pelas salas. À noite sentava-se ao fogão, suspirava e ficava calada...

Pobre senhora ! A nostalgia do País, da parentela, das igrejas, ia-a minando. Verdadeira lisboeta, pequenina e trigueira, sem se queixar e sorrindo palidamente, tinha vivido desde que chegara num ódio surdo àquela terra de hereges e ao seu idioma bárbaro : sempre arrepiada, abafada em peles, olhando com pavor os céus fuscos ou a neve nas árvores, o seu coração não estivera nunca ali, mas longe, em Lisboa, nos adros, nos bairros batidos do sol. A sua devoção (a devoção dos Runas !) sempre grande, exaltara-se, exacerbara-se àquela hostilidade ambiente que ela sentia em redor contra os «papistas». E só se satisfazia à noite, indo refugiar-se no sótão com as criadas portuguesas, para rezar o *terço* agachada numa esteira – gozando ali, nesse murmúrio de *ave-marias* em país protestante, o encanto de uma conjuração católica !

Odiando tudo o que era inglês, não consentira que seu filho, o Pedrinho, fosse estudar ao colégio de Richmond. Debalde Afonso lhe provou que era um colégio católico. Não queria : aquele catolicismo sem romarias, sem fogueiras pelo S. João, sem imagens do Senhor dos Passos, sem frades nas ruas – não lhe parecia a religião. A alma do seu Pedrinho não abandonaria ela à heresia ; – e para o educar mandou vir de Lisboa o padre Vasques, capelão do conde de Runa.

O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha : e a face de Afonso da Maia cobria-se de tristeza, quando ao voltar de alguma caçada ou das ruas de Londres, de entre o forte rumor da vida livre – ouvia no

quarto dos estudos a voz dormente do reverendo, perguntando como do fundo de uma treva :

– Quantos são os inimigos da alma ?

E o pequeno, mais dormente, lá ia murmurando :

– Três. Mundo, Diabo e Carne...

## Capítulo I 10

### Os Maias

Pobre Pedrinho ! Inimigo da sua alma só havia ali o reverendo Vasques, obeso e sórdido, arrotando do fundo da sua poltrona, com o lenço do rapé sobre o joelho...

Às vezes Afonso, indignado, vinha ao quarto, interrompia a doutrina, agarrava a mão do Pedrinho – para o levar, correr com ele sob as árvores do Tamisa, dissipar-lhe na grande luz do rio o pesadume crasso da cartilha. Mas a mamã acudia de dentro, em terror, a abafá-lo numa grande manta : depois, lá fora, o menino, acostumado ao colo das criadas e aos recantos estofados, tinha medo do vento e das árvores : e pouco a pouco, num passo desconsolado, os dois iam pisando em silêncio as folhas secas – o filho todo acobardado das sombras do bosque vivo, o pai vergando os ombros, pensativo, triste daquela fraqueza do filho...

Mas o menor esforço dele para arrancar o rapaz àqueles braços de mãe que o amoleciam, àquela cartilha mortal do padre Vasques – trazia logo à delicada senhora acessos de febre. E Afonso não se atrevia já a contrariar a pobre doente,



tão virtuosa, e que o amava tanto ! Ia então lamentar-se para o pé da tia Fanny : a sábia irlandesa metia os óculos entre as folhas do seu livro, tratado de Addison ou poema de Pope, e encolhia melancolicamente os ombros. Que podia ela fazer !... Por fim a tosse de Maria Eduarda foi aumentando – como a tristeza das suas palavras. Já falava da «sua ambição derradeira», que era ver o sol uma vez mais ! Porque não voltariam a Benfica, ao seu lar, agora que o senhor Infante estava também desterrado e que havia uma grande paz ? Mas a isso Afonso não cedeu : não queria ver outra vez as suas gavetas arrombadas a coronhadas – e os soldados do senhor D. Pedro não lhe davam mais garantias que os malsins do senhor D. Miguel.

Por esse tempo veio um grave desgosto à casa : a tia Fanny morreu, de uma pneumonia, nos frios de Março ; e isto enegreceu mais a melancolia de Maria Eduarda, que a amava muito também – por ser irlandesa e católica.

Para a distrair, Afonso levou-a para a Itália, para uma deliciosa *villa* ao pé de Roma. Aí não lhe faltava o sol : tinha-o pontual e generoso todas as manhãs, banhando largamente os terraços, dourando loureirais e mirtos. E depois, lá em baixo, entre mármore, estava a coisa preciosa e santa – o Papa !

Mas a triste senhora continuava a choramingar. O que realmente apetecia era Lisboa, as suas novenas, os santos devotos do seu bairro, as procissões passando num rumor de pachorrenta penitência por tardes de sol e de poeira...

Foi necessário calmá-la, voltar a Benfica.

Aí começou uma vida desconsolada. Maria Eduarda definhava lentamente, todos os dias mais pálida, levando semanas imóvel sobre o canapé, com as mãos transparentes cruzadas sobre as suas grossas peles de Inglaterra. O padre Vasques, apoderando-se daquela alma aterrada para quem Deus era um amo feroz, tornara-se o grande homem da casa. De resto Afonso encontrava a cada momento pelos corredores outras figuras canónicas, de capote e solidéu, em que reconhecia antigos franciscanos, ou algum magro capuchinho parasitando no bairro ; a casa tinha um bafio de sacristia ; e dos quartos da senhora vinha constantemente, dolente e vago, um rumor de ladainha.

Todos aqueles santos varões comiam, bebiam o seu vinho do Porto na copa. As contas do administrador apareciam sobrecarregadas com as mesadas piedosas que dava a senhora : um frei Patrício surripiaralhe duzentas missas de cruzado por alma do senhor D. José I... Esta carolice que o cercava ia lançando Afonso num ateísmo rancoroso : queria as igrejas fechadas como os mosteiros, as imagens escavacadas a machado, uma matança de reverendos...

Quando sentia na casa a voz das rezas, fugia, ia para o fundo da quinta, sob as trepadeiras do mirante, ler o seu Voltaire : ou então partia a desabafar com o seu velho amigo, o coronel Sequeira, que vivia numa

## Os Maias

quinta a Queluz.

O Pedrinho no entanto estava quase um homem. Ficara pequenino e nervoso como Maria Eduarda, tendo pouco da raça, da força dos Maias ; a sua linda face oval de um trigueiro cálido, dois olhos maravilhosos e irresistíveis, prontos sempre a humedecer-se, faziam-no assemelhar a um belo árabe. Desenvolvera-se lentamente, sem curiosidades, indiferente a brinquedos, a animais, a flores, a livros. Nenhum desejo forte parecera jamais vibrar naquela alma meio adormecida e passiva : só às vezes dizia que gostaria muito de voltar para a Itália. Tomara birra ao padre Vasques, mas não ousava desobedecer-lhe. Era em tudo um fraco ; e esse abatimento contínuo de todo o seu ser resolvía-se a espaços em crises de melancolia negra, que o traziam dias e dias mudo, murcho, amarelo, com as olheiras fundas e já velho. O seu único sentimento vivo, intenso, até aí, fora a paixão pela mãe.

Afonso quisera-o mandar para Coimbra. Mas, à ideia de se separar do seu Pedro, a pobre senhora caíra de joelhos diante de Afonso, balbuciando e tremendo : e ele, naturalmente, lá cedeu perante essas mãos suplicantes, essas lágrimas que caíam quatro a quatro pela pobre face de cera. O menino continuou em Benfica, dando os seus lentos passeios a cavalo, de criado de farda atrás, começando já a ir beber a sua genebra aos botequins de Lisboa... Depois foi despontando naquela organização

uma grande tendência amorosa : aos dezanove anos teve o seu bastardozinho.

Afonso da Maia consolava-se pensando que, apesar de tão desgraçados mimos, não faltavam ao rapaz qualidades : era muito esperto, são e, como todos os Maias, valente : não havia muito que ele só, com um chicote, dispersara na estrada três saloios de varapau que lhe tinham chamado *palmito*.

Quando a mãe morreu, numa agonia terrível de devota, debatendo-se dias nos pavores do Inferno, Pedro teve na sua dor os arrebatamentos de uma loucura. Fizera a promessa histérica, se ela escapasse, de dormir durante um ano sobre as lajes do pátio : e levado o caixão, saídos os padres, caiu numa angústia soturna, obtusa, sem lágrimas, de que não queria emergir, estirado de bruços sobre a cama numa obstinação de penitente. Muitos meses ainda não o deixou uma tristeza vaga : e Afonso da Maia já se desesperava de ver aquele rapaz, seu filho e seu herdeiro, sair todos os dias a passos de monge, lúgubre no seu luto pesado, para ir visitar a sepultura da mamã...

Esta dor exagerada e mórbida cessou por fim ; e sucedeu-lhe, quase sem transição, um período de vida dissipada e turbulenta, estroinice banal, em que Pedro, levado por um romantismo torpe, procurava afogar em lupanares e botequins as saudades da mamã. Mas essa exuberância ansiosa que se desencadeara tão subitamente, tão tumultuosamente, na sua natureza desequilibrada, gastou-se depressa também.

Ao fim de um ano de distúrbios no Marrare, de façanhas nas esperas de toiros, de cavalos esfalfados, de pateadas em S. Carlos, começaram a reaparecer as antigas crises de melancolia nervosa ; voltavam esses dias taciturnos, longos como desertos, passados em casa a bocejar pelas salas, ou sob alguma árvore da quinta todo estirado de bruços, como despenhado num fundo de amargura. Nesses períodos tornava-se também devoto : lia *Vidas de Santos*, visitava o *lauserene* : eram desses bruscos abatimentos de alma que outrora levavam os fracos aos mosteiros.

Isto penalizava Afonso da Maia : preferia saber que ele recolhera de Lisboa, de madrugada, exausto e bêbedo, – do que vê-lo, de ripanço debaixo do braço, com um ar velho, marchando para a igreja de Benfica.

E havia agora uma ideia que, a seu pesar, às vezes o torturava : descobrira a grande parecença de Pedro com um avô de sua mulher, um Runa, de quem existia um retrato em Benfica : este homem extraordinário, com que na casa se metia medo às crianças, enlouquecera – e julgando-se Judas enforcara-se numa figueira... Mas um dia, excessos e crises findaram. Pedro da Maia amava ! Era um amor à Romeu, vindo de repente numa troca de olhares fatal e deslumbradora, uma dessas paixões que assaltam uma existência, a

## Capítulo I 12

### Os Maias

assolam como um furacão, arrancando a vontade, a razão, os

respeitos humanos e empurrando-os de roldão aos abismos. Numa tarde, estando no Marrare, vira parar defronte, à porta de Madame Levailant, uma caleche azul onde vinha um velho de chapéu branco, e uma senhora loura, embrulhada num xale de Caxemira. O velho, baixote e reforçado, de barba muito grisalha talhada por baixo do queixo, uma face tisonada de antigo embarcadço e o ar goche, desceu todo encostado ao trintanário como se um reumatismo o tolhesse, entrou arrastando a perna o portal da modista ; e ela voltando devagar a cabeça olhou um momento o Marrare. Sob as rosinhas que ornavam o seu chapéu preto, os cabelos loiros, de um oiro fulvo, ondeavam de leve sobre a testa curta e clássica : os olhos maravilhosos iluminavam-na toda ; a friagem fazia-lhe mais pálida a carnção de mármore : e com o seu perfil grave de estátua, o modelado nobre dos ombros e dos braços que o xale cingia – pareceu a Pedro nesse instante alguma coisa de imortal e superior à Terra.

Não a conhecia. Mas um rapaz alto, macilento, de bigodes negros, vestido de negro, que fumava encostado à outra ombreira, numa *pose* de tédio – vendo o violento interesse de Pedro, o olhar aceso e perturbado com que seguia a caleche trotando Chiado acima, veio tomar-lhe o braço, murmurou-lhe junto à face na sua voz grossa e lenta :

– Queres que te diga o nome, meu Pedro ? O nome, as origens, as datas e os feitos principais ? E pagas ao teu amigo Alencar, ao teu sequioso Alencar, uma garrafa de champanhe ?

Veio o champanhe. E o Alencar, depois de passar os

dedos magros pelos anéis da cabeleira e pelas pontas do bigode, começou, todo recostado e dando um puxão aos punhos :

– Por uma doirada tarde de Outono...

– André – gritou Pedro ao criado, martelando o

mármore da mesa – retira o champanhe ! O

Alencar bradou, imitando o actor Epifânio :

– O quê ! Sem saciar a avidez do meu lábio ?...

Pois bem, o champanhe ficaria : mas o amigo Alencar, esquecendo que era o poeta das *Vozes de Aurora*, explicaria aquela gente da caleche azul numa linguagem cristã e prática !...

– Aí vai, meu Pedro, aí vai !

Havia dois anos, justamente quando Pedro perdera a mamã, aquele velho, o papá Monforte, uma manhã rompera subitamente pelas ruas e pela sociedade de Lisboa naquela mesma caleche com essa bela filha ao seu lado. Ninguém os conhecia. Tinham alugado a Arroios um primeiro andar no palacete dos Vargas ; e a rapariga principiou a aparecer em S. Carlos, fazendo uma impressão – uma impressão de causar aneurismas, dizia o Alencar ! Quando ela atravessava o salão, os ombros vergavam-se no deslumbramento de auréola que vinha daquela magnífica criatura, arrastando com um passo de deusa a sua cauda de corte, sempre

decotada como em noites de gala, e, apesar de solteira, resplandecente de jóias. O papá nunca lhe dava o braço : seguia atrás, entalado numa grande gravata branca de mordomo, parecendo mais tisonado e mais embarcado na claridade loira que saía da filha, encolhido e quase apavorado, trazendo nas mãos o óculo, o *libreto*, um saco de *bombons*, o leque e o seu próprio guarda-chuva. Mas era no camarote, quando a luz caía sobre o seu colo ebúrneo e as suas tranças de oiro, que ela oferecia verdadeiramente a encarnação de um ideal da Renascença, um modelo de Ticiano... Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às outras, as trigueirotas de assinatura :

– Rapazes ! É como um ducado de oiro novo entre velhos

patacos do tempo do senhor D. João VI ! Capítulo I 13

## Os Maias

O Magalhães, esse torpe pirata, pusera o dito num folhetim do *Português*. Mas o dito era dele, Alencar !

Os rapazes, naturalmente, começaram logo a rondar o palacete de Arroios. Mas nunca naquela casa se abria uma janela. Os criados interrogados disseram apenas que a menina se chamava Maria, e que o senhor se chamava Manuel. Enfim uma criada, amaciada com seis pintos, soltou mais : o homem era taciturno, tremia diante da filha, e



dormia numa rede ; a senhora, essa, vivia num ninho de sedas todo azul-ferrete, e passava o seu dia a ler novelas. Isto não podia satisfazer a sofreguidão de Lisboa. Fez-se uma devassa metódica, hábil, paciente... Ele, Alencar, pertencera à devassa.

E souberam-se horrores. O papá Monforte era dos Açores ; muito moço, uma facada numa rixa, um cadáver a uma esquina tinham-no forçado a fugir a bordo de um brigue americano. Tempos depois um certo Silva, procurador da Casa de Taveira, que o conhecera nos Açores, estando na Havana a estudar a cultura do tabaco que os Taveiras queriam implantar nas Ilhas encontrara lá o Monforte (que verdadeiramente se chamava Forte) rondando pelo cais, de chinelas de esparto, à procura de embarque para a Nova Orleães. Aqui havia uma treva na história do Monforte. Parece que servira algum tempo de feitor numa plantação da Virgínia... Enfim, quando reapareceu à face dos céus, comandava o brigue Nova Linda, e levava cargas de pretos para o Brasil, para a Havana e para a Nova Orleães.

Escapara aos cruzeiros ingleses, arrancara uma fortuna da pele do africano, e agora rico, homem de bem, proprietário, ia ouvir a Corelli a S. Carlos. Todavia esta terrível crónica, como dizia o Alencar, obscura e mal provada, claudicava aqui e além...

– E a filha ? – perguntou Pedro, que o escutara, sério e pálido. Mas isso não o sabia o amigo Alencar. Onde a arranjava assim tão loira e bela ? Quem fora a mamã ? Onde estava ? Quem a ensinara a embrulhar-se com

aquele gesto real no seu xale de Caxemira ?...

– Isso, meu Pedro, são

*mistérios que jamais pôde Lisboa  
astuta devassar e só Deus sabe !*

Em todo o caso quando Lisboa descobriu aquela legenda de sangue e negros, o entusiasmo pela Monforte calçou. Que diabo ! Juno tinha sangue de assassino, a *beltà* do Ticiano era filha de negreiro ! As senhoras, deliciando-se em vilipendiar uma mulher tão loira, tão linda e com tantas jóias, chamaram-lhe logo a *negreira* ! Quando ela aparecia agora no teatro, D. Maria da Gama affectava esconder a face detrás do leque, porque lhe parecia ver na rapariga (sobretudo quando ela usava os seus belos rubis) o sangue das facadas que dera o papazinho ! E tinham-na caluniado abominavelmente. Assim, depois de passarem em Lisboa o primeiro Inverno, os Monfortes sumiram-se : pois disse-se logo, com furor, que estavam arruinados, que a polícia perseguia o velho, mil perversidades... O excelente Monforte, que sofria de reumatismos articulares, achava-se tranquilamente, ricamente, tomando as águas dos Pirenéus... Fora lá que o Melo os conhecera...

– Ah ! o Melo conhece-os ? – exclamou Pedro.

– Sim, meu Pedro, o Melo os conhece.

Pedro daí a um momento deixou o Marrare ; e nessa noite, antes de recolher, apesar da chuva fria e miúda, andou rondando uma hora, com a imaginação toda acesa, o palacete dos Vargas, apagado e mudo. Depois, daí a duas

semanas o Alencar, entrando em S. Carlos ao fim do primeiro acto do *Barbeiro*, ficou assombrado ao ver Pedro da Maia instalado na frisa do Monforte, à frente, ao lado de Maria, com uma camélia escarlata na casaca – igual às de um ramo pousado no rebordo de veludo.

## Capítulo I 14

### Os Maias

Nunca Maria Monforte aparecera mais bela : tinha uma dessas *toilettes* excessivas e teatrais que ofendiam Lisboa, e faziam dizer às senhoras que ela se vestia «como uma cómica ». Estava de seda cor de trigo, com duas rosas amarelas e uma espiga nas tranças, opalas sobre o colo e nos braços ; e estes tons de seara madura batida do sol, fundindo-se com o ouro dos cabelos, iluminando-lhe a carnção ebúrnea, banhando as suas formas de estátua, davam-lhe o esplendor de uma Ceres. Ao fundo entreviam-se os grandes bigodes loiros do Melo, que conversava de pé com o papá Monforte – escondido como sempre no canto negro da frisa.

O Alencar foi observar «o caso» do camarote dos Gamas. Pedro voltara à sua cadeira, e de braços cruzados contemplava Maria. Ela conservou algum tempo a sua atitude de deusa insensível ; mas depois, no dueto de Rosina e Lindor, duas vezes os seus olhos azuis e profundos se fixaram nele, gravemente e muito tempo. O Alencar correu ao Marrare, de braços ao ar, a berrar a novidade.

Não tardou de resto a falar-se em toda a Lisboa da paixão

de Pedro da Maia pela *negreira*. Ele também namorou-a publicamente, à antiga, plantado a uma esquina, defronte do palacete dos Vargas, com os olhos cravados na janela dela, imóvel e pálido de êxtase. Escrevia-lhe todos os dias duas cartas em seis folhas de papel – poemas desordenados que ia compor para o Marrare : e ninguém lá ignorava o destino daquelas páginas de linhas encruzadas que se acumulavam diante dele sobre o tabuleiro da genebra. Se algum amigo vinha à porta do café perguntar por Pedro da Maia, os criados já respondiam muito naturalmente :

– O sr. D. Pedro ? Está a escrever à menina.

E ele mesmo, se o amigo se acercava, estendia-lhe a mão, exclamava radiante, com o seu belo e franco sorriso :

– Espera aí um bocado, rapaz, estou a escrever à Maria ! Os velhos amigos de Afonso da Maia que vinham fazer o seu *whist* a Benfica, sobretudo o Vilaça, o administrador dos Maias, muito zeloso da dignidade da casa, não tardaram em lhe trazer a nova daqueles amores do Pedrinho. Afonso já os suspeitava : via todos os dias um criado da quinta partir com um grande ramo das melhores camélias do jardim ; todas as manhãs cedo encontrava no corredor o escudeiro, dirigindo-se ao quarto do menino, a cheirar regaladamente o perfume de um envelope com sinete de lacre dourado ; e não lhe desagradava que um sentimento qualquer, humano e forte, lhe fosse arrancando o filho à estroinice bulhenta, ao jogo, às melancolias sem razão em que reaparecia o negro ripanço... Mas ignorava o nome, a existência sequer dos

Monfortes ; e as particularidades que os amigos lhe revelaram, aquela facada nos Açores, o chicote de feitor na Virgínia, o brigue *Nova Linda*, toda a sinistra legenda do velho contrariou muito Afonso da Maia. Uma noite que o coronel Sequeira, à mesa do *whist*, contava que vira Maria Monforte e Pedro passeando a cavalo, ambos muito bem e muito *distingués*, Afonso, depois de um silêncio, disse com um ar enfastiado :

– Enfim, todos os rapazes têm as suas amantes... Os costumes são assim, a vida é assim, e seria absurdo querer reprimir tais coisas. Mas essa mulher com um pai desses, mesmo para amante acho má. O Vilaça suspendeu o baralhar das cartas, e ajeitando os óculos de oiro exclamou com espanto :

– Amante ! Mas a rapariga é solteira, meu senhor, é uma menina honesta !...

Afonso da Maia enchia o seu cachimbo ; as mãos começaram a tremer-lhe ; e voltando-se para o administrador, numa voz que tremia um pouco também :

– O Vilaça decerto não supõe que meu filho queira casar com essa criatura...

O outro emudeceu. E foi o Sequeira que murmurou :

## Capítulo I 15

### Os Maias

– Isso não, está claro que não...

E o jogo continuou algum tempo em silêncio.

Mas Afonso da Maia principiou a andar descontente. Passavam-se semanas que Pedro não jantava em Benfica. De manhã, se o via, era um momento, quando ele descia ao almoço, já com uma luva calçada, apressado e radiante, gritando para dentro se estava selado o cavalo ; depois, mesmo de pé, bebia um gole de chá, perguntava a correr «se o papá queria alguma coisa», dava um jeito ao bigode diante do grande espelho de Veneza sobre o fogão, e lá partia, enlevado. Outras vezes todo o dia não saía do quarto : a tarde descia, acendiam-se as luzes ; até que o pai, inquieto, subia, ia encontrá-lo estirado sobre o leito, com a cabeça enterrada nos braços.

– Que tens tu ? – perguntava-lhe.

– Enxaqueca – respondia num tom surdo e rouco.

E Afonso descia indignado, vendo em toda aquela angústia cobarde alguma carta que não viera, ou talvez uma rosa oferecida que não fora posta nos cabelos...

Depois, por vezes, entre dois *robbers* ou conversando em volta da bandeja do chá, os seus amigos tinham observações que o inquietavam, partindo daqueles homens que habitavam Lisboa, lhe conheciam os rumores – enquanto ele passava ali, Inverno e Verão, entre os seus livros e as suas rosas. Era o excelente Sequeira que perguntava porque não faria Pedro uma viagem longa, para se instruir, à Alemanha,

ao Oriente ? Ou o velho Luís Runa, o primo de Afonso, que a propósito de coisas indiferentes, rompia lamentando os tempos em que o Intendente da polícia podia livremente expulsar de Lisboa as pessoas importunas... Evidentemente aludiam à Monforte, evidentemente julgavam-na perigosa. No Verão, Pedro partiu para Sintra ; Afonso soube que os Monfortes tinham lá alugado uma casa. Dias depois o Vilaça apareceu em Benfica, muito preocupado : na véspera Pedro visitara-o no cartório, pedira-lhe informações sobre as suas propriedades, sobre o meio de levantar dinheiro. Ele lá lhe dissera que em Setembro, chegando à sua maioridade, tinha a legítima da mamã...

– Mas não gostei disto, meu senhor, não gostei disto...

– E porquê, Vilaça ? O rapaz quererá dinheiro, quererá dar presentes à criatura... O amor é um luxo caro, Vilaça.

– Deus queira que seja isso, meu senhor, Deus o ouça ! E aquela confiança tão nobre de Afonso da Maia no orgulho patricio, nos brios de raça de seu filho, chegava a tranquilizar Vilaça. Daí a dias, Afonso da Maia viu enfim Maria Monforte. Tinha jantado na quinta do Sequeira ao pé de Queluz, e tomavam ambos o seu café no mirante, quando entrou pelo caminho estreito que seguia o muro a caleche azul com os cavalos cobertos de redes. Maria, abrigada sob uma sombrinha escarlate, trazia um vestido cor-de-rosa cuja roda, toda em folhos, quase cobria os joelhos de Pedro, sentado ao seu lado : as fitas do seu chapéu, apertadas num grande laço que lhe enchia o peito, eram também

cor-de-rosa : e a sua face, grave e pura como um mármore grego, aparecia realmente adorável, iluminada pelos olhos de um azul sombrio, entre aqueles tons rosados. No assento defronte, quase todo tomado por cartões de modista, encolhia-se o Monforte, de grande chapéu panamá, calça de ganga, o mantelete da filha no braço, o guarda-sol entre os joelhos. Iam calados, não viram o mirante ; e, no caminho verde e fresco, a caleche passou com balanços lentos, sob os ramos que roçavam a sombrinha de Maria. O Sequeira ficara com a chávena de café junto aos lábios, de olho esgazeado, murmurando :

– Caramba ! É bonita !

## Capítulo I 16

### Os Maias

Afonso não respondeu : olhava cabisbaixo aquela sombrinha escarlata que agora se inclinava sobre Pedro, quase o escondia, parecia envolvê-lo todo – como uma larga mancha de sangue alastrando a caleche sob o verde triste das ramas.

O Outono passou, chegou o Inverno, frigidíssimo. Uma manhã, Pedro entrou na livraria onde o pai estava lendo junto ao fogão ; recebeu-lhe a bênção, passou um momento os olhos por um jornal aberto, e voltando-se bruscamente para ele :

– Meu pai – disse, esforçando-se por ser claro e decidido – venho pedir-lhe licença para casar com uma senhora que se chama Maria Monforte.



Afonso pousou o livro aberto sobre os joelhos, e numa voz grave e lenta :

– Não me tinhas falado disso... Creio que é a filha de um assassino, de um negreiro, a quem chamam também a *negreira*...

– Meu pai !...

Afonso ergueu-se diante dele, rígido e inexorável como a encarnação mesma da honra doméstica.

– Que tens a dizer-me mais ? Fazes-me corar de vergonha. Pedro, mais branco que o lenço que tinha na mão, exclamou todo a tremer, quase em soluços :

– Pois pode estar certo, meu pai, que hei-de casar !

Saiu, atirando furiosamente com a porta. No corredor gritou pelo escudeiro, muito alto para que o pai ouvisse, e deu-lhe ordem para levar as suas malas ao Hotel Europa.

Dois dias depois Vilaça entrou em Benfca, com as lágrimas nos olhos, contando que o menino casara nessa madrugada – e segundo lhe dissera o Sérgio, procurador do Monforte, ia partir com a noiva para a Itália.

Afonso da Maia sentara-se nesse instante à mesa do almoço, posta ao pé do fogão : ao centro, um ramo esfolhava-se num vaso do Japão, à chama forte da lenha : e junto ao talher de Pedro estava o número da *Grinalda*, jornal de versos que ele costumava receber... Afonso

ouviu o procurador, grave e mudo, continuando a desdobrar lentamente o seu guardanapo.

– Já almoçou, Vilaça ?

O procurador, assombrado daquela serenidade, balbuciou :

– Já almocei, meu senhor...

Então Afonso, apontando para o talher de Pedro, disse ao escudeiro :

– Pode tirar dali esse talher, Teixeira. Daqui por diante há só um talher à mesa... Sente-se, Vilaça, sente-se.

O Teixeira, ainda novo na casa, levantou com indiferença o talher do menino. Vilaça sentara-se. Tudo em redor era correcto e calmo como nas outras manhãs em que almoçara em Benfica. Os passos do escudeiro não faziam ruído no tapete fofo ; o lume estalava alegremente, pondo retoques de oiro nas pratas polidas ; o sol discreto que brilhava fora no azul de Inverno fazia cintilar cristais de geada nas ramas secas ; e à janela o

## Capítulo I 17

### Os Maias

papagaio, muito patuleia e educado por Pedro, rosnava injúrias aos Cabrais.

Por fim Afonso ergueu-se ; esteve olhando abstraidamente a quinta, os pavões no terraço ; depois ao sair da sala tomou o braço de Vilaça, apoiou-se nele com força, como se lhe tivesse chegado a primeira tremura da velhice, e no seu

abandono sentisse ali uma amizade segura. Seguiram o corredor, calados. Na livraria Afonso foi ocupar a sua poltrona ao pé da janela, começou a encher devagar o seu cachimbo. Vilaça, de cabeça baixa, passeava ao comprido das altas estantes, nas pontas dos pés, como no quarto de um doente. Um bando de pardais veio gralhar um momento nos ramos de uma alta árvore que roçava a varanda. Depois houve um silêncio, e Afonso da Maia disse :

– Então, Vilaça, o Saldanha lá foi demitido do Paço ?...

O outro respondeu vaga e maquinalmente : – É verdade, meu senhor, é verdade...

E não se falou mais de Pedro da Maia.

## Capítulo I 18

### Os Maias

## Capítulo II

Pedro e Maria, no entanto, numa felicidade de novela, iam descendo a Itália, a pequenas jornadas, de cidade em cidade, nessa via sagrada que vai desde as flores e das messes da planície lombarda até ao mole país de romanza, Nápoles,

branca sob o azul. Era lá que tencionavam passar o Inverno, nesse ar sempre tépido junto a um mar sempre manso, onde as preguiças de noivado têm uma suavidade mais longa... Mas um dia, em Roma, Maria sentiu o apetite de Paris. Parecia-lhe fatigante o viajar, assim, aos baloiços das caleças, só para ir ver *lazzaroni* engolir fios de macarrão. Quanto melhor seria habitar um ninho acolchoado nos Campos Elísios, e gozarem ali um lindo Inverno de amor ! Paris estava seguro, agora, com o príncipe Luís Napoleão... Além disso, aquela velha Itália clássica enfastiava-a já : tantos mármores eternos, tantas *Madonas* começavam (como ela dizia pendurada languidamente do pescoço de Pedro) a dar tonturas à sua pobre cabeça ! Suspirava por uma boa loja de modas, sob as chamas do gás, ao rumor do Boulevard... Depois tinha medo da Itália, onde todo o mundo conspirava. Foram para França.

Mas por fim aquele Paris ainda agitado, onde parecia restar um vago cheiro de pólvora pelas ruas, onde cada face conservava um calor de batalha, desagradou a Maria. De noite acordava com a *Marselhesa* ; achava um ar feroz à polícia ; tudo permanecia triste ; e as duquesas, pobres anjos, ainda não ousavam vir ao *Bois*, com medo dos operários, corja insaciável ! Enfim demoraram-se lá até à Primavera, no ninho que ela sonhara, todo de veludo azul, abrindo sobre os Campos Elísios.

Depois principiou a falar-se de novo em revolução, em golpe de estado. A admiração absurda de Maria pelos novos uniformes da *Garde Mobile* fazia Pedro nervoso. E quando ela apareceu grávida, ansiou por a tirar daquele

Paris batalhador e fascinante, vir abrigá-la na pacata Lisboa adormecida ao sol.

Antes de partir, porém, escreveu ao pai.

Fora um conselho, quase uma exigência de Maria. A recusa de Afonso da Maia ao princípio desesperara-a. Não a afligia a desunião doméstica : mas aquele *não* afrontoso de fidalgo puritano marcara muito publicamente, muito brutalmente, a sua origem suspeita ! Odiou o velho : e tinha apressado o casamento, aquela partida triunfante para Itália, para lhe mostrar bem que nada valiam genealogias, avós godos, brios de família – diante dos seus braços nus... Agora, porém, que ia voltar a Lisboa, dar *soirées*, criar corte, a reconciliação tornava-se indispensável ; aquele pai retirado em Benfica, com o rígido orgulho de outras idades, faria lembrar constantemente, mesmo entre os seus espelhos e os seus estofos, o brigue *Nova Linda* carregado de negros... E queria mostrar-se a Lisboa pelo braço desse sogro tão nobre e tão ornamental, com as suas barbas de vizo-rei.

– Diz-lhe que já o adoro – murmurava ela curvada sobre a escrivaninha acariciando os cabelos de Pedro. – Diz-lhe que se tiver um pequeno lhe hei-de pôr o nome dele...  
Escreve-lhe uma carta bonita, hem !

E foi bonita, foi terna a carta de Pedro ao papá. O pobre rapaz amava-o. Falou-lhe comovido da esperança de ter um filho varão ; as desinteligências deviam findar em torno do berço daquele pequeno Maia que ali vinha, morgado e herdeiro do nome... Contava-lhe a sua felicidade com uma

efusão de namorado indiscreto : a história da bondade de Maria, das suas graças, da sua instrução, enchia duas páginas : e jurava-lhe que apenas chegasse não tardaria uma hora em ir atirar-se aos seus pés...

Com efeito, apenas desembarcou, correu num trem a Benfica. Dois dias antes o pai partira para Santa Olávia : isto pareceu-lhe uma desfeita – e feriu-o acerbamente.

Fez-se então entre o pai e o filho uma grande separação.

## Capítulo II 19

### Os Maias

Quando lhe nasceu uma filha Pedro não lho participou – dizendo dramaticamente ao Vilaça «que já não tinha pai !» Era uma linda bebé, muito gorda, loura e cor-de-rosa, com os belos olhos negros dos Maias. Apesar dos desejos de Pedro, Maria não a quis criar ; mas adorava-a com frenesi ; passava dias de joelhos ao pé do berço, em êxtase, correndo as suas mãos cheias de pedrarias pelas carinhas tenras, pondo-lhe beijos de devota nos pezinhos, nas rosquinhas das coxas, balbuciando-lhe num enlevo nomes de grande amor, e perfumando-a já, enchendo-a já de laçarotes.

E nestes delírios pela filha, brotava, mais amarga, a sua cólera contra Afonso da Maia. Considerava-se então insultada em si mesma e naquele querubim que lhe nascera. Injuriava o velho grosseiramente, chamava-lhe o *D. Fuas*, o *Barbatanas*...

Pedro um dia ouviu isto, e scandalizou-se : ela replicou desabridamente : e diante daquela face abrasada, onde entre lágrimas os olhos azuis pareciam negros de cólera, ele só pôde balbuciar timidamente :

– É meu pai, Maria...

Seu pai ! E à face de toda a Lisboa tratava-a então como uma concubina ! Podia ser um fidalgo, as maneiras eram de vilão. Um *D. Fuas*, um *Barbatanas*, nada mais !...

Arrebatou a filha, e abraçada nela, romperam as queixas por entre os prantos :

– Ninguém nos ama, meu anjo ! Ninguém te quer !  
Tens só a tua mãe ! Tratam-te como se fosses bastarda !

A bebé, sacudida nos braços da mãe, desatou a gritar. Pedro correu, envolveu-as ambas no mesmo abraço, já enternecido, já humilde ; e tudo terminou num longo beijo.

E ele, por fim, no seu coração, justificava aquela cólera de mãe que vê desprezado o seu anjo. De resto, mesmo alguns amigos de Pedro, o Alencar, o D. João da Cunha, que começavam agora a frequentar Arroios, riam daquela obstinação de pai gótico, amuado na província, porque sua nora não tivera avós mortos em Aljubarrota ! E onde havia outra em Lisboa, com aquelas *toilettes*, aquela graça, recebendo tão bem ? Que diabo, o mundo marchara,



saíra-se já das atitudes empertigadas do século XVI !

E o próprio Vilaça, um dia que Pedro lhe fora mostrar a pequerruchinha adormecida entre as rendas do seu berço, sensibilizou-se, veio-lhe uma das suas fáceis lágrimas, declarou, com a mão no coração, que aquilo era uma caturrice do Sr. Afonso da Maia !

– Pois pior para ele ! Não querer ver um anjo destes ! – disse Maria, dando diante do espelho um lindo jeito às flores do cabelo.

– Também não faz cá falta...

E não fazia falta. Nesse Outubro, quando a pequena completou o seu primeiro ano, houve um grande baile na casa de Arroios, que eles agora ocupavam toda, e que fora ricamente remobilada. E as senhoras que outrora tinham horror à *negreira*, a D. Maria da Gama que escondia a face por trás do leque, lá vieram todas, amáveis e decotadas, com o beijinho pronto, chamando-lhe «querida», admirando as grinaldas de camélias que emolduravam os espelhos de quatrocentos mil réis, e gozando muito os gelados.

Começara então uma existência festiva e luxuosa, que, segundo dizia o Alencar, o íntimo da casa, o cortesão de Madame, «tinha um saborzinho de orgia *distinguée* como os poemas de Byron». Eram realmente as *soirées* mais alegres de Lisboa : ceava-se à uma hora com champanhe ; talhava-se até tarde um

## Os Maias

*monte* forte ; inventavam-se quadros vivos, em que Maria se mostrava soberanamente bela sob as roupagens clássicas de Helena ou no luxo sombrio do luto oriental de Judite. Nas noites mais íntimas, ela costumava vir fumar com os homens uma cigarrilha perfumada. Muitas vezes, na sala de bilhar, as palmas estalaram, vendo-a bater à carambola francesa D. João da Cunha, o grande taco da época. E no meio desta festança, atravessada pelo sopro romântico da Regeneração, lá se via sempre, taciturno e encolhido, o papá Monforte, de alta gravata branca, com as mãos atrás das costas rondando pelos cantos, refugiado pelos vãos das janelas, mostrando-se só para salvar alguma bobèche que ia estalar – e não desprendendo nunca da filha o olho embevecido e senil.

Nunca Maria fora tão formosa. A maternidade dera-lhe um esplendor mais copioso ; e enchia verdadeiramente, dava luz àquelas altas salas de Arroios, com a sua radiante figura de Juno loira, os diamantes das tranças, o ebúrneo e o lácteo do colo nu, e o rumor das grandes sedas. Com razão, querendo ter, à maneira das damas da Renascença, uma flor que a simbolizasse, escolhera a tulipa real, opulenta e ardente.

Citavam-se os requintes do seu luxo, roupas brancas, rendas do valor de propriedades !... Podia fazê-lo ! O marido era rico, e ela sem escrúpulo arruiná-lo-ia, a ele e ao papá Monforte...

Todos os amigos de Pedro, naturalmente, a amavam. O Alencar, esse proclamava-se com alarido «seu cavaleiro e seu poeta». Estava sempre em Arroios, tinha lá o seu talher : por aquelas salas soltava as suas frases ressoantes, por esses sofás arrastava as suas *poses* de melancolia. Ia dedicar a Maria (e nada havia mais extraordinário que o tom langoroso e plangente, o olho turvo, fatal, com que ele pronunciava este nome – MARIA !), ia dedicar-lhe o seu poema, tão anunciado, tão esperado – FLOR DE MARTÍRIO ! E citavam-se estrofes que lhe fizera ao gosto cantante do tempo :

*Vi-te essa noite no esplendor das salas Com as loiras tranças volteando louca...*

A paixão do Alencar era inocente : mas, dos outros íntimos da casa, mais de um, decerto, balbuciara já a sua declaração no *boudoir* azul em que ela recebia às três horas, entre os seus vasos de túlipas ; as suas amigas, porém, mesmo as piores, afirmavam que os seus favores nunca teriam passado de alguma rosa dada num vão de janela, ou de algum longo e suave olhar por trás do leque. Pedro todavia começava a ter horas sombrias. Sem sentir ciúmes, vinha-lhe às vezes, de repente, um tédio daquela existência de luxo e de festa, um desejo violento de sacudir da sala esses homens, os seus íntimos, que se atropelavam assim tão ardentemente em volta dos ombros decotados de Maria.

Refugiava-se então nalgum canto, trincando com furor o charuto : e aí, era em toda a sua alma um tropel de coisas dolorosas e sem nome...

Maria sabia perceber bem na face do marido «estas nuvens», como ela dizia. Corria para ele, tomava-lhe ambas as mãos, com força, com domínio :

– Que tens tu, amor ? Estás amuado !

– Não, não estou amuado...

– Olha então para mim !...

Colava o seu belo seio contra o peito dele ; as suas mãos corriam-lhe os braços numa carícia lenta e quente, dos pulsos aos ombros ; depois, com um lindo olhar, estendia-lhe os lábios. Pedro colhia neles um longo beijo, e ficava consolado de tudo.

## Capítulo II 21

### Os Maias

Durante esse tempo Afonso da Maia não saía das sombras de Santa Olávia, tão esquecido para lá como se estivesse no seu jazigo. Já se não falava dele em Arroios, *D. Fuas* estava roendo a teima. Só Pedro às vezes perguntava a Vilaça «como ia o papá». E as notícias do administrador enfureciam sempre Maria : o papá estava óptimo ; tinha agora um cozinheiro francês esplêndido ; Santa Olávia enchera-se de hóspedes, o Sequeira, André da Ega, D. Diogo Coutinho...

– O *Barbatanas* trata-se ! – ia ela dizer ao pai com rancor. E o velho negreiro esfregava as mãos, satisfeito de o saber assim feliz em Santa Olávia ; porque nunca cessara de

tremer à ideia de ver em Arroios, diante de si, aquele fidalgo tão severo e de vida tão pura. Quando, porém, Maria teve outro filho, um pequeno, o sossego que então se fez em Arroios trouxe de novo muito vivamente, ao coração de Pedro, a imagem do pai abandonado naquela tristeza do Douro. Falou a Maria de reconciliação, a medo, aproveitando a fraqueza da convalescença. E a sua alegria foi grande quando Maria, depois de ficar um momento pensativa, respondeu :

– Creio que me havia de fazer feliz tê-lo aqui...

Pedro, entusiasmado com um assentimento tão inesperado, pensou em abalar para Santa Olávia. Mas ela tinha um plano melhor : Afonso, segundo dizia o Vilaça, devia recolher em breve a Benfica ; pois bem, ela iria lá com o pequeno, toda vestida de preto, e de repente, atirando-se-lhe aos pés, pedir-lhe-ia a bênção para o seu neto ! Não podia falhar ! Não podia, realmente ; e Pedro viu ali uma alta inspiração de maternidade...

Para abrandar desde já o papá, Pedro quis dar ao pequeno o nome de Afonso. Mas nisso Maria não consentiu. Andava lendo uma novela de que era herói o último Stuart, o romanesco príncipe Carlos Eduardo ; e, namorada dele, das suas aventuras e desgraças, queria dar esse nome a seu filho... Carlos Eduardo da Maia ! Um tal nome parecia-lhe conter todo um destino de amores e façanhas. O baptizado teve de ser retardado ; Maria adoecera com uma angina. Foi muito benigna porém ; e daí a duas semanas Pedro podia já sair para uma caçada na sua quinta da *Tojeira*, adiante de

Almada. Devia demorar-se dois dias. A partida arranjava-se unicamente para obsequiar um italiano, chegado por então a Lisboa, distinto rapaz que lhe fora apresentado pelo secretário da Legação inglesa, e com quem Pedro simpatizara vivamente ; dizia-se sobrinho dos príncipes de Sória ; e vinha fugido de Nápoles, onde conspirara contra os Bourbons e fora condenado à morte. O Alencar e D. João Coutinho iam também à caçada – e a partida foi de madrugada. Nessa tarde, Maria jantava só no seu quarto, quando sentiu carruagens parando à porta, um grande rumor encher a escada ; quase imediatamente Pedro aparecia–lhe trémulo e enfiado :

– Uma grande desgraça, Maria !

– Jesus !

– Feri o rapaz, feriu o napolitano !...

– Como ?

Um desastre estúpido !... Ao saltar um barranco, a espingarda disparara-se–lhe, e a carga, zás, vai cravar-se no napolitano ! Não era possível fazer curativos na *Tojeira*, e voltaram logo a Lisboa. Ele naturalmente não consentira que o homem que tinha ferido recolhesse ao hotel : trouxera-o para Arroios, para o quarto verde por cima, mandara chamar o médico, duas enfermeiras para o velar, e ele mesmo lá ia passar a noite...

– E ele ?

## Capítulo II 22

### Os Maias

– Um herói !... Sorri, diz que não é nada, mas eu vejo-o pálido como um morto. Um rapaz adorável ! Isto só a mim, Senhor ! E então o Alencar, que ia mesmo ao pé dele... Podia antes ter ferido o Alencar, um rapaz íntimo, de confiança ! Até a gente se ria. Mas não, zás, logo o outro, o de cerimónia...

Uma sege, nesse instante, entrava o pátio.

– É o médico !

E Pedro abalou.

Voltou daí a pouco, mais tranquilo. O Dr. Guedes quase rira daquela bagatela, uma chumbada no braço, e alguns grãos perdidos nas costas. Prometera-lhe que daí a duas semanas podia caçar outra vez na *Tojeira* ; e o príncipe estava já fumando o seu charuto. Belo rapaz ! Parecia simpatizar com o papá Monforte.

Toda essa noite Maria dormiu mal, na excitação vaga que lhe dava aquela ideia de um príncipe entusiasta, conspirador, condenado à morte, ferido agora, por cima do seu quarto.

Logo de manhã cedo – apenas Pedro saíra a fazer transportar, ele mesmo, do hotel, as bagagens do napolitano – Maria mandou a sua criada francesa de quarto, uma bela moça de Arles, acima, saber da parte dela como Sua Alteza

passara, e «ver que figura tinha». A arlesiana apareceu, com os olhos brilhantes, a dizer à senhora, nos seus grandes gestos de provençal, que nunca vira um homem tão formoso ! Era uma pintura de Nosso Senhor Jesus Cristo ! Que pescoço, que brancura de mármore ! Estava muito pálido ainda ; agradecia enternecido os cuidados de Madame Maia ; e ficara a ler o jornal encostado aos travesseiros...

Maria, desde então, não pareceu interessar-se mais pelo ferido. Era Pedro que vinha, a cada instante, falar-lhe dele, entusiasmado por aquela existência patética de príncipe conspirador, partilhando já o seu ódio aos Bourbons, encantado com a similitude de gostos que encontrava nele, o mesmo amor da caça, dos cavalos, das armas. Agora logo de manhã, subia para o quarto do príncipe, de *robe-de-chambre* e cachimbo na boca, e passava lá horas numa camaradagem, fazendo grogues quentes – permitidos pelo Dr. Guedes. Levava mesmo para lá os seus amigos, o Alencar, o D. João da Cunha. Maria sentia-lhes por cima as risadas. Às vezes tocava-se viola. E o velho Monforte, pasmado para o herói, não cessava de lhe rondar o leito.

A arlesiana, essa, também a cada momento aparecia lá a levar toalhas de rendas, um açucareiro que ninguém reclamara, ou algum vaso com flores para alegrar a alcova... Maria, por fim, perguntou a Pedro, muito séria, se além de todos os amigos da casa, duas enfermeiras, dois escudeiros, o papá e ele Pedro – era necessária também constantemente a sua própria criada no quarto de Sua Alteza ! Não era. Mas Pedro riu muito à ideia de que a arlesiana se tivesse namorado do príncipe. Nesse caso



Vénus era–lhe propícia ! O napolitano também a achava picante : *un très joli brin de femme*, tinha ele dito.

A bela face de Maria empalideceu de cólera. Julgava tudo isso de mau gosto, grosseiro, impudente ! Pedro fora realmente um doido em trazer assim para a intimidade de Arroios um estrangeiro, um fugido, um aventureiro ! Demais, aquela troça em cima, entre grogues quentes, com guitarra, sem respeito por ela, ainda toda nervosa, toda fraca da convalescença, indignava–a ! Apenas Sua Alteza pudesse acomodar–se com almofadas numa sege, queria–o fora, na estalagem...

– O que aí vai ! Jesus ! O que aí vai !... – disse Pedro.

– É assim.

E decerto foi muito severa também com a arlesiana, porque nessa tarde Pedro encontrou a moça aos ais no corredor, limpando ao avental os olhos afogueados.

## Capítulo II 23

### Os Maias

Daí a dias, porém, o napolitano, já convalescente, quis recolher ao seu hotel. Não vira Maria : mas em agradecimento da sua hospitalidade, mandou–lhe um admirável ramo, e, com uma galanteria de príncipe artista da Renascença, um soneto em italiano enrolado entre as flores e tão perfumado como elas : comparava–a a uma nobre dama da Síria, dando a gota de água da sua bilha ao cavaleiro árabe, ferido na estrada ardente ; comparava–a à

Beatriz do Dante. Isto afigurou-se a todos de uma rara distinção, e, como disse o Alencar, um rasgo à Byron.

Depois, na *soirée* do baptizado Carlos Eduardo, dada daí a uma semana, o napolitano mostrou-se, e impressionou tudo. Era um homem esplêndido, feito como um Apolo, de uma palidez de mármore rico : a sua barba curta e frisada, os seus longos cabelos castanhos, cabelos de mulher, ondedados e com reflexos de oiro, apartados à nazarena – davam-lhe realmente, como dizia a arlesiana, uma fisionomia de belo Cristo.

Dançou apenas uma contradança com Maria, e pareceu, na verdade, um pouco taciturno e orgulhoso : mas tudo nele fascinava, a sua figura, o seu mistério, até o seu nome de Tancredo. Muitos corações de mulher palpitavam quando ele encostado a uma ombreira, de claque na mão, uma melancolia na face, exalando o encanto patético de um condenado à morte, derramava lentamente pela sala o langor sombrio do seu olhar de veludo. A marquesa de Alvenga, para o examinar de perto, pediu o braço a Pedro, e foi aplicar-lhe, como a um mármore de museu, a sua luneta de oiro.

– É de appetite ! – exclamou ela. – É uma imagem

!... E são amigos, são amigos, Pedro ? – Somos

como dois irmãos de armas, minha senhora.

Nessa mesma *soirée*, o Vilaça informara Pedro que o pai

era esperado no dia seguinte em Benfica. E Pedro, logo que se recolheram, falou a Maria em «irem fazer a grande cena ao papá». Ela, porém, recusou, e com as razões mais imprevistas, as mais sensatas. Tinha cogitado muito ! Reconhecia agora que um dos motivos daquela teima do papá – ultimamente chamava-lhe sempre o papá – era essa extraordinária existência de Arroios...

– Mas, filha – disse Pedro – escuta, nós não vivemos também em plena orgia... Alguns amigos que vêm...

Pois sim, pois sim... Mas, realmente, estava decidida a ter um interior mais calmo e mais doméstico. Era mesmo melhor para os bebés. Pois bem, queria que o papá estivesse convencido dessa transformação, para que as pazes fossem mais fáceis e eternas.

– Deixa passar dois ou três meses... Quando ele souber como nós vivemos quietinhos, eu o trarei, sossega... É bom também que seja quando meu pai partir para as águas, para os Pirenéus. Que o pobre papá, coitado, tem medo do teu... Filho, não achas assim melhor ?

– És um anjo – foi a resposta de Pedro, beijando-lhe ambas as mãos.

Toda a antiga maneira de Maria pareceu com efeito ir mudando. Suspendera as *soirées*. Começou a passar as noites muito recolhidas, com alguns íntimos, no seu *boudoir* azul. Já não fumava ; abandonara o bilhar ; e vestida de preto, com uma flor nos cabelos, fazia *crochet* ao pé do candeeiro. Estudava-se música clássica quando

vinha o velho Cazoti. O Alencar, que, imitando a sua dama, entrara também na gravidade, recitava traduções de Klopstock. Falava-se com sisudez de política ; Maria era muito regeneradora.

E todas essas noites, Tancredo lá estava, indolente e belo, desenhando alguma flor para ela bordar, ou tangendo à guitarra canções populares de Nápoles. Todos ali o adoravam ; mas ninguém mais que o velho Monforte, que passava horas, enterrado na sua alta gravata, contemplando o príncipe com enternecimento. Depois, de repente, erguia-se, atravessava a sala, ia-se debruçar sobre ele, palpá-lo, senti-lo, respirá-lo,

## Capítulo II 24

### Os Maias

murmurando no seu francês de embarcação :

– *Ça aller bien... Hein ? Beaucoup bien...* Ora estimo... E estas correntes bruscas de affecto comunicavam-se decerto, porque nesse momento Maria tinha sempre um dos seus lindos sorrisos para o papá ou vinha beijá-lo na testa.

De dia ocupava-se de coisas sérias. Organizara uma útil associação de caridade, a *Obra Pia dos Cobertores*, com o fim de fazer no Inverno às famílias necessitadas distribuições de agasalhos ; e presidia no salão de Arroios, com uma campainha, às reuniões em que se elaboravam os estatutos. Visitava os pobres. Ia também amiudadas vezes a uma devoção às igrejas, toda vestida de preto, a pé, com um véu muito espesso no rosto.

O esplendor da sua beleza aparecia agora velado por uma sombra tocante de ternura grave : a Deusa idealizava-se em Madona ; e não era raro ouvi-la de repente suspirar sem razão.

Ao mesmo tempo a sua paixão pela filha crescia. Tinha então dois anos e estava realmente adorável ; vinha todas as noites um momento à sala, vestida com um luxo de princesa ; e as exclamações, os êxtases de Tancredo não findavam ! Fizera-lhe o retrato a carvão, a esfuminho, a aguarela ; ajoelhava-se para lhe beijar a mãozinha cor-de-rosa, como ao *bambino* sagrado. E Maria, agora, apesar dos protestos de Pedro, dormia sempre com ela entre os braços. Ao começo desse Setembro o velho Monforte partiu para os Pirenéus. Maria chorou, dependurada do pescoço do velho, como se ele largasse de novo para as travessias de África.

Ao jantar, porém, chegou já consolada e radiante ; e Pedro voltou a falar da reconciliação, parecendo-lhe bom o momento de ir a Benfica recuperar para sempre aquele papá tão teimoso...

– Ainda não – disse ela reflectindo, olhando o seu cálice de Bordéus. – Teu pai é uma espécie de santo, ainda o não merecemos... Mais para o Inverno.

Uma sombria tarde de Dezembro, de grande chuva, Afonso da Maia estava no seu escritório lendo, quando a porta se abriu violentamente, e, alçando os olhos do livro, viu Pedro diante de si. Vinha todo enlameado, desalinhado, e na sua face lívida, sob os cabelos revoltos,

luzia um olhar de loucura. O velho ergueu-se aterrado. E Pedro sem uma palavra atirou-se aos braços do pai, rompeu a chorar perdidamente.

– Pedro ! Que sucedeu, filho ?

Maria morrera, talvez ! Uma alegria cruel invadiu-o, à ideia do filho livre para sempre dos Monfortes, voltando-lhe, trazendo à sua solidão os dois netos, toda uma descendência para amar ! E repetia, trémulo também, desprendendo-o de si com grande amor :

– Sossega, filho, que foi ?

Pedro então caiu para o canapé, como cai um corpo morto ; e levantando para o pai um rosto devastado, envelhecido, disse, palavra a palavra, numa voz surda :

– Estive fora de Lisboa dois dias... Voltei esta manhã... A Maria tinha fugido de casa com a pequena... Partiu com um homem, um italiano... E aqui estou !

Afonso da Maia ficou diante do filho, quedo, mudo, como uma figura de pedra ; e a sua bela face, onde todo o sangue subira, enchia-se, pouco a pouco, de uma grande cólera. Viu, num relance, o escândalo, a cidade galhofando, as compaixões, o seu nome pela lama. E era aquele filho que, desprezando a sua

## Capítulo II 25

### Os Maias

autoridade, ligando-se a essa criatura, estragara o sangue da

raça, cobria agora a sua casa de vexame. E ali estava, ali jazia sem um grito, sem um furor, um arranque brutal de homem traído ! Vinha atirar-se para um sofá, chorando miseravelmente ! Isto indignou-o, e rompeu a passear pela sala, rígido e áspero, cerrando os lábios para que não lhe escapassem as palavras de ira e de injúria que lhe enchiam o peito em tumulto... – Mas era pai : ouvia, ali ao seu lado, aquele soluçar de funda dor ; via tremer aquele pobre corpo desgraçado que ele outrora embalara nos braços... Parou junto de Pedro, tomou-lhe gravemente a cabeça entre as mãos, e beijou-o na testa, uma vez, outra vez, como se ele fosse ainda criança, restituindo-lhe ali e para sempre a sua ternura inteira.

– Tinha razão, meu pai, tinha razão – murmurava Pedro entre lágrimas.

Depois ficaram calados. Fora, as pancadas sucessivas da chuva batiam a casa, a quinta, num clamor prolongado ; e as árvores, sob as janelas, ramalhavam num vasto vento de Inverno.

Foi Afonso que quebrou o silêncio :

– Mas para onde fugiram, Pedro ? Que sabes tu, filho ? Não é só chorar...

– Não sei nada – respondeu Pedro num longo esforço. – Sei que fugiu. Eu saí de Lisboa na segunda-feira. Nessa mesma noite, ela partiu de casa numa carruagem, com uma maleta, o cofre de jóias, uma criada italiana que tinha agora, e a pequena. Disse à governanta e à ama do pequeno que ia

ter comigo. Elas estranharam, mas que haviam de dizer ?... Quando voltei, achei esta carta. Era um papel já sujo, e desde essa manhã decerto muitas vezes relido, amarrotado com fúria. Continha estas palavras :

«É uma fatalidade, parto para sempre com Tancredo, esquece-me, que não sou digna de ti, e levo a Maria, que me não posso separar dela.» – E o pequeno, onde está o pequeno ? – exclamou Afonso. Pedro pareceu recordar-se :

– Está lá dentro com a ama, trouxe-o na sege.

– O velho correu, logo ; e daí a pouco aparecia, erguendo nos braços o pequeno, na sua longa capa branca de franjas e a sua touca de rendas. Era gordo, de olhos muito negros, com uma adorável bochecha fresca e cor-de-rosa. Todo ele ria, grulhando, agitando o seu guizo de prata. A ama não passou da porta, tristonha, com os olhos no tapete e uma trouxazinha na mão.

Afonso sentou-se lentamente na sua poltrona, e acomodou o neto no colo. Os olhos enchiam-se-lhe de uma bela luz de ternura ; parecia esquecer a agonia do filho, a vergonha doméstica ; agora só havia ali aquela facezinha tenra, que se lhe babava nos braços...

– Como se chama ele ?

– Carlos Eduardo – murmurou a ama.

– Carlos Eduardo, hem ?



Ficou a olhá-lo muito tempo, como procurando nele os sinais da sua raça : depois tomou-lhe na sua as duas mãozinhas vermelhas que não largavam o guizo, e muito grave, como se a criança o percebesse, disse-lhe :

– Olha bem para mim. Eu sou o avô. É necessário amar o avô ! E àquela forte voz, o pequeno, com efeito, abriu os seus lindos olhos para ele, sérios de repente, muito fixos, sem medo das barbas grisalhas :

## Capítulo II 26

### Os Maias

depois rompeu a pular-lhe nos braços, desprendeu a mãozinha, e martelou-lhe furiosamente a cabeça com o guizo. Toda a face do velho sorria àquela viçosa alegria ; apertou-o ao seu largo peito muito tempo, pôs-lhe na face um beijo longo, consolado, enternecido, o seu primeiro beijo de avô ; depois, com todo o cuidado, foi colocá-lo nos braços da ama.

– Vá, ama, vá... A Gertrudes já lá anda a arranjar-lhe o quarto, vá ver o que é necessário.

Fechou a porta, e veio sentar-se junto do filho, que se não movera do canto do sofá nem despregara os olhos do chão.

– Agora desabafa, Pedro, conta-me tudo... Olha que nos não vemos há três anos, filho... – Há

mais de três anos – murmurou Pedro.

Ergueu-se, alongou a vista à quinta, tão triste sob a chuva ; depois, derramando-a morosamente pela livraria, considerou um momento o seu próprio retrato, feito em Roma aos doze anos, todo de veludo azul, com uma rosa na mão. E repetia ainda amargamente :

– Tinha razão, meu pai, tinha razão...

E pouco a pouco, passeando e suspirando, começou a falar daqueles últimos anos, o Inverno passado em Paris, a vida em Arroios, a intimidade do italiano na casa, os planos de reconciliação, por fim aquela carta infame, sem pudor, invocando a fatalidade, arremessando-lhe o nome do outro !... No primeiro momento tivera só ideias de sangue e quisera persegui-los. Mas conservara um clarão de razão. Seria ridículo, não é verdade ? Decerto a fuga fora de antemão preparada, e não havia de ir correndo as estalagens da Europa à busca de sua mulher... Ir lamentar-se à polícia, fazê-los prender ? Uma imbecilidade ; nem impedia que ela fosse já por esses caminhos fora dormindo com outro... Restava-lhe somente o desprezo. Era uma bonita amante que tivera alguns anos, e fugira com um homem. Adeus ! Ficava-lhe um filho, sem mãe, com um mau nome. Paciência ! Necessitava esquecer, partir para uma longa viagem, para a América talvez ; e o pai veria, havia de voltar consolado e forte.

Dizia estas coisas sensatas, passeando devagar, com o charuto apagado nos dedos, numa voz que se calmava.

Mas de repente parou diante do pai, com um riso seco, um brilho feroz nos olhos.

– Sempre desejei ver a América, e é boa ocasião agora... É uma ocasião famosa, hem ? Posso até naturalizar-me, chegar a presidente, ou rebentar... Ah ! Ah !

– Sim, mais tarde, depois pensarás nisso, filho – acudiu o velho assustado.

Nesse momento a sineta do jantar começou a tocar lentamente, ao fundo do corredor. – Ainda janta cedo, hem ? – disse Pedro.

Teve um suspiro cansado e lento, murmurou :

– Nós jantávamos às sete...

Quis então que o pai fosse para a mesa. Não havia motivo para que se não jantasse. Ele ia um bocado acima, ao seu antigo quarto de solteiro... Ainda lá tinha a cama, não é verdade ? Não, não queria tomar nada...

## Capítulo II 27

### Os Maias

– O Teixeira que me leve um cálice de

genebra... Ainda cá está o Teixeira, coitado ! E

vendo Afonso sentado, repetiu, já impaciente :

– Vá jantar, meu pai, vá jantar, pelo amor de Deus... Saiu. O pai ouviu–lhe os passos por cima, e o ruído de janelas desabridamente abertas. Foi então andando para a sala de jantar, onde os criados, que, pela ama, sabiam decerto o desgosto, se moviam em pontas de pés, com a lentidão contristada de uma casa onde há morte. Afonso sentou–se à mesa só ; mas já lá estava outra vez o talher de Pedro ; rosas de Inverno esfolhavam–se num vaso do Japão ; e o velho papagaio agitado com a chuva mexia–se furiosamente no poleiro.

Afonso tomou uma colher de sopa, depois rolou a sua poltrona para junto do fogão ; e ali ficou envolvido pouco a pouco naquele melancólico crepúsculo de Dezembro, com os olhos no lume, escutando o sudoeste contra as vidraças, pensando em todas as coisas terríveis que assim invadiam num tropel patético a sua paz de velho. Mas no meio da sua dor, funda como era, ele percebia um ponto, um recanto do seu coração onde alguma coisa de muito doce, de muito novo, palpitava com uma frescura de renascimento, como se algures no seu ser estivesse rompendo, borbulhando, uma nascente rica de alegrias futuras ; e toda a sua face sorria à chama alegre, revendo a bochechinha rosada, sob as rendas brancas da touca...

Pela casa no entanto tinham–se acendido as luzes. Já inquieto, subiu ao quarto do filho ; estava tudo escuro, tão

húmido e frio como se a chuva caísse dentro. Um arrepio confrangeu o velho, e quando chamou, a voz de Pedro veio do negro da janela ; estava lá, com a vidraça aberta, sentado fora na varanda, voltado para a noite brava, para o sombrio rumor das ramagens, recebendo na face o vento, a água, toda a invernia agreste.

– Pois estás aqui, filho ! – exclamou Afonso. – Os criados hão-de querer arranjar o quarto, desce um momento... Estás todo molhado, Pedro.

Apalpava-lhe os joelhos, as mãosregeladas. Pedro ergueu-se com um estremeção, desprendeuse, impaciente daquela ternura do velho.

– Querem arranjar o quarto, hem ? Faz-me bem o ar, faz-me tão bem !

O Teixeira trouxe luzes, e atrás dele apareceu o criado de Pedro, que chegara nesse momento de Arroios, com um largo estojo de viagem recoberto de oleado. As malas tinha-as deixado em baixo ; e o cocheiro viera também, como nenhum dos senhores estava em casa...

– Bem, bem – interrompeu Afonso. – O Sr. Vilaça lá irá amanhã, e ele dará as ordens.

O criado então, em bicos de pés, foi depor o estojo sobre o mármore da cómoda : ainda lá restavam antigos frascos de *toilette* de Pedro : e os castiçais sobre a mesa alumiam o grande leito triste de solteiro com os colchões dobrados ao meio.

A Gertrudes, toda atarefada, entrara com os braços carregados de roupa de cama ; o Teixeira bateu vivamente os travesseiros ; o criado de Arroios, pousando o chapéu a um canto, e sempre em pontas de pés, veio ajudá-los também. Pedro, no entanto, como sonâmbulo, voltara para a varanda, com a cabeça à chuva, atraído por aquela treva da quinta que se cavava em baixo com um rumor de mar bravo.

Afonso, então, puxou-lhe o braço quase com aspereza.

– Pedro ! Deixa arranjar o quarto ! Desce um momento.

## Capítulo II 28

### Os Maias

Ele seguiu maquinalmente o pai à livraria, mordendo o charuto apagado que desde tarde conservava na mão. Sentou-se longe da luz, ao canto do sofá, ali ficou mudo e entorpecido. Muito tempo só os passos lentos do velho, ao comprido das altas estantes, quebraram o silêncio em que toda a sala ia adormecendo. Uma brasa morria no fogão. A noite parecia mais áspera. Eram de repente vergastadas de água contra as vidraças, trazidas numa rajada, que longamente, num clamor teimoso, faziam escoar um dilúvio dos telhados ; depois havia uma calma tenebrosa, com uma sussurração distante de vento fugindo entre ramagens ; nesse silêncio as goteiras punham um pranto lento ; e logo uma corda de vendaval corria mais furiosa, envolvia a casa num bater de janelas, redemoinhava,

partia com silvos desolados.

– Está uma noite de Inglaterra – disse Afonso, debruçando-se a espartar o lume.

Mas a esta palavra Pedro erguera-se, impetuosamente. Decerto o ferira a ideia de Maria, longe, num quarto alheio, agasalhando-se no leito do adultério entre os braços do outro. Apertou um instante a cabeça nas mãos, depois veio junto do pai, com o passo mal firme, mas a voz muito calma :

– Estou realmente cansado, meu pai, vou-me deitar.

Boa noite... Amanhã conversaremos mais.

Beijou-lhe a mão e saiu devagar.

Afonso demorou-se ainda ali, com um livro na mão, sem ler, atento só a algum rumor que viesse de cima ; mas tudo jazia em silêncio.

Deram dez horas. Antes de se recolher foi ao quarto onde se fizera a cama da ama. A Gertrudes, o criado de Arroios, o Teixeira, estavam lá cochichando ao pé da cómoda, na penumbra que dava um fólio posto diante do candeeiro ; todos se esquivaram em pontas de pés quando lhe sentiram os passos, e a ama continuou a arrumar em silêncio os gavetões. No vasto leito o pequeno dormia como um Menino Jesus cansado, com o seu guizo apertado na mão. Afonso não ousou beijá-lo, para o não acordar com as barbas ásperas ; mas tocou-lhe na rendinha da camisa,

entalou a roupa contra a parede, deu um jeito ao cortinado, enternecido, sentindo toda a sua dor calmar-se naquela sombra de alcova onde o seu neto dormia.

– É necessário alguma coisa, ama ? – perguntou abafando a voz.

– Não, meu senhor...

Então, sem ruído, subiu ao quarto de Pedro. Havia uma fenda clara, entreabriu a porta. O filho escrevia, à luz de duas velas, com o estojo aberto ao lado. Pareceu espantado de ver o pai : e na face que ergueu, envelhecida e lívida, dois sulcos negros faziam-lhe os olhos mais refulgentes e duros.

– Estou a escrever – disse ele.

Esfregou as mãos, como arrepiado da friagem do quarto, e acrescentou :

– Amanhã cedo é necessário que o Vilaça vá a Arroios... Estão lá os criados, tenho lá dois cavalos meus, enfim, uma porção de arranjos. Eu estou-lhe a escrever. É número 32 a casa dele, não é ? O Teixeira há-de saber... Boas noites, papá, boas noites. No seu quarto, ao lado da livraria, Afonso não pôde sossegar, numa opressão, uma inquietação que a cada momento o fazia erguer sobre o travesseiro, escutar : agora, no silêncio da casa e do vento que calmara, ressoavam por cima, lentos e contínuos, os passos de Pedro.

A madrugada clareava, Afonso ia adormecendo – quando



de repente um tiro atroou a casa. Precipitou-se do leito, despido e gritando : um criado acudia também com uma lanterna. Do quarto de Pedro, ainda entreaberto, vinha um cheiro de pólvora ; e aos pés da cama, caído de bruços, numa poça de

## Capítulo II 29

### Os Maias

sangue que se ensopava no tapete, Afonso encontrou o seu filho morto, apertando uma pistola na mão.

Entre as duas velas que se extinguíam, com fogachos lívidos, deixara-lhe uma carta lacrada com estas palavras sobre o envelope, numa letra firme : *Para o papá.*

Daí a dias fechou-se a casa de Benfica. Afonso da Maia partia com o neto e com todos os criados para a Quinta de Santa Olávia. Quando Vilaça, em Fevereiro, foi lá acompanhar o corpo de Pedro, que ia ser depositado no jazigo de família, não pôde conter as lágrimas ao avistar aquela vivenda onde passara tão alegres Natais. Um baetão preto recobria o brasão de armas, e esse pano de esquife parecia ter destingido todo o seu negrume sobre a fachada muda, sobre os castanheiros que ornavam o pátio ; dentro os criados abafavam a voz, carregados de luto ; não havia uma flor nas jarras ; o próprio encanto de Santa Olávia, o fresco cantar das águas vivas por tanques e repuxos, vinha agora com a cadência saudosa de um choro. E Vilaça foi encontrar Afonso na livraria, com as janelas cerradas ao lindo sol de Inverno, caído para uma poltrona, a face

cavada sob os cabelos crescidos e brancos, as mãos magras e ociosas sobre os joelhos.

O procurador veio dizer para Lisboa que o velho não durava um ano.

## Capítulo II 30

### Os Maias

## **Capítulo III**

Mas esse ano passou, outros anos passaram.

Por uma manhã de Abril, nas vésperas de Páscoa, Vilaça chegava de novo a Santa Olávia.

Não o esperavam tão cedo ; e como era o primeiro dia bonito dessa Primavera chuvosa, os senhores andavam para a quinta. O mordomo, o Teixeira, que ia já embranquecendo, mostrou-se todo satisfeito de ver o senhor administrador, com quem às vezes se correspondia, e conduziu-o à sala de jantar, onde a velha governanta, a Gertrudes, tomada de surpresa, deixou cair uma pilha de guardanapos, para lhe saltar ao pescoço.

As três portas envidraçadas estavam abertas para o terraço, que se estendia ao sol, com a sua balaustrada de mármore coberta de trepadeiras : e Vilaça, adiantando-se para os degraus que desciam ao jardim, mal pôde reconhecer Afonso da Maia naquele velho de barba de neve, mas tão robusto e corado, que vinha subindo a rua de romãzeiras com o seu neto pela mão.

Carlos, ao avistar no terraço um desconhecido, de chapéu alto, abafado num *cache-nez* de pelúcia, correu a mirá-lo, curioso – e achou-se arrebatado nos braços do bom Vilaça, que largara o guarda-sol, o beijava pelo cabelo, pela face, balbuciando :

– Oh ! meu menino, meu querido menino ! Que lindo que está ! que crescido que está...

– Então, sem avisar, Vilaça ? – exclamava Afonso da Maia, chegando de braços abertos. – Nós só o esperávamos para a semana, criatura !

Os dois velhos abraçaram-se ; depois um momento os seus olhos encontraram-se, vivos e húmidos, e tornaram a apertar-se comovidos.

Carlos ao lado, muito sério, todo esbelto, com as mãos enterradas nos bolsos das suas largas bragas de flanela branca, o casquete da mesma flanela posto de lado sobre os belos anéis do cabelo negro – continuava a mirar o Vilaça, que, com o beijo trémulo, tendo tirado a luva, limpava os olhos por baixo dos óculos.

– E ninguém a esperá-lo, nem um criado lá em baixo no rio ! – dizia Afonso. – Enfim, cá o temos, é o essencial... E como você está rijo, Vilaça !

– E Vossa Excelência, meu senhor ! – balbuciou o administrador, engolindo um soluço. – Nem uma ruga ! Branco sim, mas uma cara de moço... Eu nem o conhecia !... Quando me lembro, a última vez que o vi... E cá isto ! cá esta linda flor !...

Ia abraçar Carlos outra vez entusiasmado, mas o rapaz fugiu-lhe com uma bela risada, saltou do terraço, foi pendurar-se de um trapézio armado entre as árvores, e ficou lá, balançando-se em cadência, forte e airoso, gritando : «Tu és o Vilaça !» O Vilaça, de guarda-sol debaixo do braço, contemplava-o embevecido.

– Está uma linda criança ! Faz gosto ! E parece-se com o pai. Os mesmos olhos, olhos dos Maias, o cabelo encaracolado... Mas há-de ser muito mais homem !

– É são, é rijo – dizia o velho risonho, anediando as barbas. – E como ficou o seu rapaz, o Manuel ? Quando é esse casamento ? Venha você cá para dentro, Vilaça, que há muito que conversar... Tinham entrado na sala de jantar, onde um lume de lenha na chaminé de azulejo esmorecia na fina e larga luz de Abril ; porcelanas e pratas resplandeciam nos aparadores de pau-santo ; os canários pareciam doidos de

### Capítulo III 31

#### Os Maias

alegria.

A Gertrudes, que ficara a observar, acercou-se, com as mãos cruzadas sob o avental branco, familiar, terna.

– Então, meu senhor, aqui está um regalo, ver outra vez este ingrato em Santa Olávia !

E, com um clarão de simpatia na face, alva e redonda como uma velha Lua, ornada já de um buço branco :

– Ah ! Sr. Vilaça, isto agora é outra coisa ! Até os canários cantam ! E também eu cantava, se ainda pudesse...

E foi saindo, subitamente comovida, já com vontade de chorar. O Teixeira esperava, com um riso superior e mudo que lhe ia de uma a outra ponta dos seus altos colarinhos de mordomo.

– Eu creio que prepararam o quarto azul ao Sr. Vilaça, hem ?

– disse Afonso. – No quarto em que você costumava ficar dorme agora a viscondessa...

Então o Vilaça apressou-se a perguntar pela senhora viscondessa. Era uma Runa, uma prima da mulher de Afonso, que no tempo em que os poetas de Caminha a cantavam, casara com um fidalgo galego, o senhor visconde de Urigo de La Sierra, um borracho, um brutal que lhe batia : depois, viúva e pobre, Afonso recolhera-a por dever de parentela, e para haver uma senhora em Santa Olávia.

Ultimamente passara mal... Mas, olhando o relógio,

Afonso interrompeu a relação desses achaques. –

Vilaça, vá-se arranjar, depressa, que daqui a pouco é o jantar.

O administrador, surpreendido, olhou também o relógio, depois a mesa já posta, os seis talheres, o cesto de flores, as garrafas de Porto.

– Então Vossa Excelência agora janta de manhã ? Eu pensei que era o almoço...

– Eu lhe digo. O Carlos necessita ter um regime. De madrugada está já na quinta ; almoça às sete ; e janta à

uma hora. E eu, enfim, para vigiar as maneiras do rapaz...

– E o senhor Afonso da Maia – exclamou Vilaça – a mudar de hábitos, nessa idade ! O que é ser avô, meu senhor !

– Tolice ! não é isso... É que me faz bem. Olhe que me faz bem !... Mas avie-se, Vilaça, avie-se que Carlos não gosta de esperar... Talvez tenhamos o abade.

– O Custódio ? Rica coisa ! Então, se Vossa Excelência me dá licença...

Apenas no corredor, o mordomo, ansioso por conversar com o senhor administrador, perguntou-lhe, desembaraçando-o do guarda-sol e do xale-manta :

– Com franqueza, como nos acha por cá, pela quinta, Sr. Vilaça ?

– Estou contente, Teixeira, estou contente. Pode-se vir por gosto a Santa Olávia. Capítulo III 32

## Os Maias

E, pousando familiarmente a mão no ombro do escudeiro, piscando o olho ainda húmido : – Tudo isto é o menino. Fez reviver o patrão !

O Teixeira riu respeitosamente. O menino realmente era a alegria da casa...

– Olá ! Quem toca por cá ? – exclamou Vilaça, parando nos degraus da escada, ao ouvir em cima um afinadamente de rabeca.

– É o Sr. Brown, o inglês, o preceptor do menino... Muito habilidoso, é um regalo ouvi-lo ; toca às vezes à noite na sala, o senhor juiz de direito acompanha-o na concertina... Aqui, Sr. Vilaça, o quarto de Vossa Senhoria...

– Muito bonito, sim senhor !

O verniz dos móveis novos brilhava na luz da duas janelas, sobre o tapete alvadio semeado de florzinhas azuis : e as bambinelas, os reposteiros de cretone, repetiam as mesmas folhagens azuladas sobre fundo claro. Este conforto fresco e campestre deleitou o bom Vilaça.

Foi logo apalpar os cretones, esfregou o mármore da cómoda, provou a solidez das cadeiras. Eram as mobílias compradas no Porto, hem ? Pois, elegantes. E, realmente, não tinham sido caras. Nem ele fazia ideia ! Ficou ainda em bicos de pés a examinar duas aguarelas inglesas representando vacas de luxo deitadas na relva, à sombra de ruínas românticas. O Teixeira observou-lhe, com o relógio na mão :

– Olhe que Vossa Senhoria tem só dez minutos... O menino não gosta de esperar.



Então Vilaça decidiu-se a desenrolar o *cache-nez* ; depois tirou o seu pesado colete de malha de lã ; e pela camisa entreaberta via-se ainda uma flanela escarlate, por causa dos reumatismos, e os bentinhos de seda bordada. O Teixeira desapertava as correias da maleta ; ao fundo do corredor, a rabeca atacara o *Carnaval de Veneza* ; e através das janelas fechadas sentia-se o grande ar, a frescura, a paz dos campos, todo o verde de Abril.

Vilaça, sem óculos, um pouco arrepiado, passava a ponta da toalha molhada pelo pescoço, por trás da orelha, e ia dizendo :

– Então o nosso Carlinhos não gosta de esperar, hem ? Já se sabe, é ele quem governa... Mimos e mais mimos, naturalmente... Mas o Teixeira, muito grave, muito sério, desiludiu o senhor administrador. Mimos e mais mimos, dizia Sua Senhoria ? Coitadinho dele, que tinha sido educado com uma vara de ferro ! Se ele fosse a contar ao Sr. Vilaça ! Não tinha a criança cinco anos já dormia num quarto só, sem lamparina ; e todas as manhãs, zás, para dentro de uma tina de água fria, às vezes a gear lá fora... E outras barbaridades. Se não se soubesse a grande paixão do avô pela criança, havia de se dizer que a queria morta. Deus lhe perdoe, ele, Teixeira, chegara a pensá-lo... Mas não, parece que era sistema inglês ! Deixava-o correr, cair, trepar às árvores, molhar-se, apanhar soalheiras, como um filho de caseiro. E depois o rigor com as comidas ! Só a certas horas e de certas coisas... E às vezes a criancinha, com os olhos abertos, a aguar ! Muita, muita dureza.

E o Teixeira acrescentou :

– Enfim era a vontade de Deus, saiu forte. Mas que nós aprovássemos a educação que tem levado, isso nunca aprovámos, nem eu, nem a Gertrudes.

### Capítulo III 33

#### Os Maias

Olhou outra vez o relógio, preso por uma fita negra sobre o colete branco, deu alguns passos lentos pelo quarto : depois, tomando de sobre a cama a sobrecasaca do procurador, foi-lhe passando a escova pela gola, de leve e por amabilidade, enquanto dizia, junto ao toucador onde o Vilaça acamava as duas longas repas sobre a calva :

– Sabe Vossa Senhoria, apenas veio o mestre inglês, o que lhe ensinou ? A remar ! A remar, Sr. Vilaça, como um barqueiro ! Sem contar o trapézio, e as habilidades de palhaço ; eu nisso nem gosto de falar... Que eu sou o primeiro a dizê-lo : o Brown é boa pessoa, calado, asseado, excelente músico. Mas é o que eu tenho repetido à Gertrudes : pode ser muito bom para inglês, não é para ensinar um fidalgo português... Não é. Vá Vossa Senhoria falar a esse respeito com a Sr. a D. Ana Silveira...

Bateram de manso à porta, o Teixeira emudeceu. Um escudeiro entrou, fez um sinal ao mordomo, tirou-lhe do braço respeitosamente a sobrecasaca, e ficou com ela junto do toucador, onde o Vilaça, vermelho e apressado, lutava

ainda com as repas rebeldes. O Teixeira, da porta, disse com o relógio na mão :

– É o jantar. Tem Vossa Senhoria dois minutos, Sr. Vilaça. E o administrador daí a um momento abalava também, abotoando ainda o casaco pelas escadas.

Os senhores já estavam todos na sala. Junto do fogão, onde as achas consumidas morriam na cinza branca, o Brown percorria o *Times*. Carlos, a cavalo nos joelhos do avô, contava-lhe uma grande história de rapazes e de bulhas ; e ao pé o bom abade Custódio, com o lenço de rapé esquecido nas mãos, escutava, de boca aberta, num riso paternal e terno.

– Olhe quem ali vem, abade – disse-lhe Afonso.

O abade voltou-se, e deu uma grande palmada na coxa :

– Esta é nova ! Então é o nosso Vilaça ! E não me tinham dito nada ! Venham de lá esses ossos, homem !...

Carlos pulava nos joelhos do avô, muito divertido com aqueles longos abraços que juntavam as duas cabeças dos velhos – uma com as repas achatadas sobre a calva, outra com uma grande coroa aberta numa mata de cabelo branco. E como eles, de mãos dadas, continuavam a admirar-se, a estudarem um no outro as rugas dos anos, Afonso disse :

– Vilaça ! A senhora viscondessa...

O administrador, porém, procurou-a debalde, com os olhos

abertos, pela sala. Carlos ria, batendo as mãos : – e Vilaça descobriu-a enfim a um canto, entre o aparador e a janela, sentada numa cadeirinha baixa, vestida de preto, tímida e queda, com os braços rechonchudos pousados sobre a obesidade da cinta. O rosto anafado e mole, branco como papel, as roscas do pescoço cobriam-se-lhe subitamente de rubor ; não achou uma palavra para dizer ao Vilaça, e estendeu-lhe a mão papuda e pálida, com um dedo embrulhado num pedaço de seda negra. Depois ficou a abanar-se com um grande leque de lantejoulas, o seio a arfar, os olhos no regaço, como exausta daquele esforço.

Dois escudeiros tinham começado a servir a sopa, o Teixeira esperava, perfilado por trás do alto espaldar da cadeira de Afonso. Mas Carlos cavalgava ainda o avô, querendo acabar outra história. Era o Manuel, trazia uma pedra na mão... Ele primeiro pensara ir às boas ; mas os dois rapazes começaram a rir... De maneira que os correu a todos...

– E maiores que tu ?

### Capítulo III 34

#### Os Maias

– Três rapagões, vovô, pode perguntar à tia Pedra... Ela viu, que estava na eira. Um deles trazia uma foice...

– Está bom, senhor, está bom, ficamos inteirados... Vá, desmonte, que está a sopa a esfriar. Upa ! upa !

E o velho, com o seu aspecto resplandecente de patriarca

feliz, veio sentar-se ao alto da mesa, sorrindo e dizendo :

– Já se vai fazendo pesado, já não está para colo... Mas então reparou no Brown, e tornando a erguer-se, fez a apresentação do procurador :

– O Sr. Brown, o amigo Vilaça... Peço perdão, descuidei-me, foi culpa daquele cavalheiro lá ao fundo da mesa, o Sr. D. Carlos de Mata-Sete !

O preceptor, solidamente abotoado na sua longa sobrecasaca militar, deu toda a volta à mesa, rígido e teso, para vir sacudir o Vilaça num tremendo *shake-hands* ; depois, sem uma palavra, reocupou o seu lugar, desdobrou o guardanapo, cofiou os formidáveis bigodes, e foi então que disse ao Vilaça, com o seu forte acento inglês :

– Muito belo dia... glorioso !

– Tempo de rosas – respondeu o Vilaça, cumprimentando, intimidado diante daquele atleta.

Naturalmente, nesse dia, falou-se da jornada de Lisboa, do bom serviço da mala-posta, do caminho-de-ferro que se ia abrir... O Vilaça já viera no comboio até ao Carregado.

– De causar horror, hem ? – perguntou o abade, suspendendo a colher que ia levar à boca.

O excelente homem nunca saíra de Resende ; e todo o largo mundo que ficava para além da penumbra da sua sacristia e das árvores do seu passal lhe dava o terror de

uma Babel. Sobretudo essa estrada de ferro, de que tanto se falava...

– Faz arrepiar um bocado – afirmou com experiência Vilaça.

– Digam o que disserem, faz arrepiar !

Mas o abade assustava-se sobretudo com as inevitáveis desgraças dessas máquinas !

O Vilaça então lembrou os desastres da mala-posta. No de Alcobaça, quando tudo se virou, ficaram esmagadas duas irmãs de caridade ! Enfim, de todos os modos havia perigos. Podia-se quebrar uma perna a passear no quarto...

O abade gostava do progresso... Achava até necessário o progresso. Mas parecia-lhe que se queria fazer tudo à lufa-lufa... O País não estava para essas invenções ; o que precisava eram boas estradinhas...

– E economia ! – disse o Vilaça, puxando para si os pimentões.

– Bucelas ? – murmurou-lhe sobre o ombro o escudeiro. O administrador ergueu o copo, depois de cheio, admirou-lhe à luz a cor rica, provou-o com a ponta do lábio, e piscando o olho para Afonso :

– É do nosso !

### Capítulo III 35

#### Os Maias

– Do velho – disse Afonso. – Pergunte ao  
Brown... Hem, Brown, um bom néctar ? –  
Magnificante ! – exclamou o preceptor com  
uma energia fogosa.

Então Carlos, estendendo o braço por cima da mesa, reclamou também Bucelas. E a sua razão era haver festa por ter chegado o Vilaça. O avô não consentiu ; o menino teria o seu cálice de Colares, como de costume, e um só. Carlos cruzou os braços sobre o guardanapo que lhe pendia do pescoço, espantado de tanta injustiça ! Então nem para festejar o Vilaça poderia apanhar uma gotinha de Bucelas ? Aí estava uma linda maneira de receber os hóspedes na quinta... A Gertrudes dissera-lhe que, como viera o senhor administrador, havia de pôr à noite para o chá o fato novo de veludo. Agora observavam-lhe que não era festa, nem caso para Bucelas... Então não entendia. O avô, que lhe bebia as palavras, enlevado, fez subitamente um carão severo.

– Parece-me que o senhor está falando de mais.

As pessoas grandes é que palram à mesa. Carlos recolheu-se logo ao seu prato, murmurando muito

mansamente :

– Está bom, vovô, não te zangues. Esperarei para quando for grande...

Houve um sorriso em volta da mesa. A própria viscondessa, deleitada, agitou preguiçosamente o leque : o abade, com a sua boa face banhada em êxtase para o menino, apertava as mãos cabeludas contra o peito, tanto aquilo lhe parecia engraçado : e Afonso tossia por trás do guardanapo, como limpando as barbas – a esconder o riso, a admiração que lhe brilhava nos olhos.

Tanta vivacidade surpreendeu também Vilaça. Quis ouvir mais o menino, e pousando o seu talher :

– E diga-me, Carlinhos, já vai adiantado nos seus estudos ? O rapaz, sem olhar, repolteou-se, mergulhou as mãos pelos cós das flanelas, e respondeu com um tom superior :

– Já faço ladear a *Brígida*.

Então o avô, sem se conter, largou a rir, caído para o espaldar da cadeira :

– Essa é boa ! Eh ! Eh ! Já faz ladear a *Brígida* ! E é verdade, Vilaça, já a faz ladear... Pergunte ao Brown ; não é verdade, Brown ? E a eguazita é uma piorrita, mas fina...

– Ó vovô – gritou Carlos já excitado – diz ao Vilaça, anda. Não é verdade que eu era capaz de governar o



*dog-cart ?*

Afonso reassumiu um ar severo.

– Não nego... Talvez o governasse, se lho consentissem. Mas faça-me o favor de se não gabar das suas façanhas, porque um bom cavaleiro deve ser modesto... E sobretudo não enterrar assim as mãos pela barriga abaixo...

O bom Vilaça, no entanto, dando estalinhos aos dedos, preparava uma observação. Não se podia decerto ter melhor prenda que montar a cavalo com as regras... Mas ele queria dizer se o Carlinhos já entrava com o seu Fedro, o seu Tito Liviozinho...

– Vilaça, Vilaça – advertiu o abade, de garfo no ar e um sorriso de santa malícia – não se deve falar em latim aqui ao nosso nobre amigo... Não admite, acha que é antigo... Ele, antigo é...

### Capítulo III 36

#### Os Maias

– Ora sirva-se desse fricassé, ande, abade – disse Afonso – que eu sei que é o seu fraco, e deixe lá o latim...

O abade obedeceu com deleite ; e escolhendo no molho rico os bons pedaços de ave, ia murmurando : – Deve-se começar pelo latinzinho, deve-se começar por lá... É a

base ; é a basezinha !

– Não ! latim mais tarde ! – exclamou o Brown, com um gesto possante. Prrimeiro forrça ! Forrça !  
Músculo...

E repetiu, duas vezes, agitando os formidáveis punhos :

– Prrimeiro músculo, músculo !...

Afonso apoiava-o, gravemente. O Brown estava na verdade. O latim era um luxo de erudito... Nada mais absurdo que começar a ensinar a uma criança numa língua morta quem foi Fábio, rei dos Sabinos, o caso dos Gracos, e outros negócios de uma nação extinta, deixando-o ao mesmo tempo sem saber o que é a chuva que o molha, como se faz o pão que come, e todas as outras coisas do universo em que vive...

– Mas enfim os clássicos – arriscou timidamente o abade.

– Qual clássicos ! O primeiro dever do homem é viver. E para isso é necessário ser são, e ser forte. Toda a educação sensata consiste nisto : criar a saúde, a força e os seus hábitos, desenvolver exclusivamente o animal, armá-lo de uma grande superioridade física. Tal qual como se não tivesse alma. A alma vem depois... A alma é outro luxo. É um luxo de gente grande...

O abade coçava a cabeça, com o ar arrepiado.

– A instruçãozinha é necessária – disse ele. – Você não acha, Vilaça ? Que Vossa Excelência, Sr. Afonso

da Maia, tem visto mais mundo do que eu... Mas enfim a instruçãozinha...

– A instrução para uma criança não é recitar *Tityre, tu patulae recubans*... É saber factos, noções, coisas úteis, coisas práticas... Mas suspendeu-se : e, com o olho brilhante, num sinal ao Vilaça, mostrou-lhe o neto que palavra inglês com o Brown. Eram decerto feitos de força, uma história de briga com rapazes que ele lhe estava a contar, animado e jogando com os punhos. O preceptor aprovava, retorcendo os bigodes. E à mesa os senhores, com os garfos suspensos, por trás os escudeiros de pé e guardanapo no braço, todos, num silêncio reverente, admiravam o menino a falar inglês.

– Grande prenda, grande prenda – murmurou Vilaça, inclinando-se para a viscondessa.

A excelente senhora corou, através de um sorriso. Parecia assim mais gorda, toda acaçapada na cadeira, silenciosa, comendo sempre ; e, a cada gole de Bucelas, refrescava-se languidamente com o seu grande leque negro e lantejoulado.

Quando o Teixeira serviu o vinho do Porto, Afonso fez uma saúde ao Vilaça. Todos os copos se ergueram num rumor de amizade. Carlos quis gritar *hurra* ! O avô, com um gesto repreensivo, imobilizou-o ; e na pausa satisfeita que se fez, o pequeno disse com uma grande convicção :

– Ó avô, eu gosto do Vilaça. O Vilaça é nosso amigo.

## Capítulo III 37

### Os Maias

– Muito, e há muitos anos, meu senhor ! – exclamou o velho procurador, tão comovido que mal podia erguer o cálice na mão. O jantar findava. Fora, o Sol deixara o terraço e a quinta verdejava na grande doçura do ar tranquilo, sob o azul-ferrete. Na chaminé só restava uma cinza branca : os lilases das jarras exalavam um aroma vivo, a que se misturava o do creme queimado, tocado de um fio de limão : os criados, de coletes brancos, moviam o serviço donde se escapava algum som argentino : e toda a alva toalha adamascada desaparecia sob a confusão da sobremesa, onde os tons dourados do vinho do Porto brilhavam entre as compoteiras de cristal. A viscondessa, afogueada, abanava-se. Padre Custódio enrolava devagar o guardanapo, a sua batina coçada luzia nas pregas das mangas. Então Afonso, sorrindo ternamente, fez a última saúde.

– Viva Vossa Senhoria, Sr. Carlos de Mata-Sete !

– Sr. Vovô ! – dizia o pequeno escorropichando o copo. A cabecinha de cabelos negros, a velha face de barbas de neve, saudavam-se das extremidades da mesa – enquanto todos sorriam, no enternecimento daquela cerimónia. Depois o abade, de palito na boca, murmurou as *graças*. A viscondessa, cerrando os olhos, juntou também as mãos. E Vilaça, que tinha crenças religiosas, não gostou de ver

Carlos, sem se importar com as graças, saltar da cadeira, vir atirar-se ao pescoço do avô, falar-lhe ao ouvido.

– Não senhor ! não senhor ! – dizia o velho.

Mas o rapaz, abraçando-o mais forte, dava-lhe grandes razões, num murmúrio de mimo doce como um beijo, que ia pondo na face do velho uma fraqueza indulgente.

– É por ser festa – disse ele enfim vencido. – Mas veja lá, veja lá...

O rapaz pulou, bateu as palmas, agarrou Vilaça pelos braços, fê-lo redemoinhar, e foi cantando num ritmo seu :

– Fizeste bem em vir, bem, bem, bem !... Vou buscar a Teresinha, inha, inha, inha !

– É a noiva – disse o avô, erguendo-se da mesa. – Já tem amores, é a pequena das Silveiras... O café para o terraço, Teixeira. O dia fora convidava, adorável, de um azul suave, muito puro e muito alto, sem uma nuvem. Defronte do terraço os gerânios vermelhos estavam já abertos ; as verduras dos arbustos, muito tenras ainda, de uma delicadeza de renda, pareciam tremer ao menor sopro ; vinha por vezes um vago cheiro de violetas, misturado ao perfume adocicado das flores do campo ; o alto repuxo cantava ; e nas ruas do jardim, bordadas de buxos baixos, a areia fina faiscava de leve àquele Sol tímido de Primavera tardia, que ao longe envolvia os verdes da quinta, adormecida a essa hora de sesta numa luz fresca e loira. Os três homens sentaram-se à mesa do café. Defronte do

terraço, o Brown, de boné escocês posto ao lado e grande cachimbo na boca, puxava ao alto a barra do trapézio para Carlos se balouçar. Então o bom Vilaça pediu para voltar as costas. Não gostava de ver ginásticas ; bem sabia que não havia perigo ; mas mesmo nos cavalinhos, as cabriolas, os arcos atordoavam-no ; saía sempre com o estômago embrulhado...

– E parece-me imprudente, sobre o jantar...

– Qual ! é só balouçar-se... Olhe para aquilo !

Mas Vilaça não se moveu, com a face sobre a chávena.

O abade, esse, admirava, de lábios entreabertos, e

o pires cheio de café esquecido na mão. – Olhe

para aquilo, Vilaça – repetiu Afonso. – Não lhe faz

mal, homem !

### Capítulo III 38

#### Os Maias

O bom Vilaça voltou-se, com esforço. O pequeno, muito alto no ar, com as pernas retesadas contra a barra do trapézio, as mãos às cordas, descia sobre o terraço, cavando o espaço largamente, com os cabelos ao vento ; depois elevava-se, serenamente, crescendo em pleno sol ; todo ele sorria ; a sua blusa, os calções enfunavam-se à aragem ; e via-se passar, fugir, o brilho dos seus olhos muito negros e

muito abertos.

- Não está mais na minha mão, não gosto ! – disse o Vilaça.
- Acho imprudente !

Então Afonso bateu as palmas, o abade gritou : *Bravo, bravo* ! Vilaça voltou-se para aplaudir, mas Carlos tinha já desaparecido ; o trapézio parava, em oscilações lentas ; e o Brown, retomando o *Times* que pusera ao lado sobre o pedestal de um busto, foi descendo para a quinta envolvido numa nuvem de fumo do cachimbo.

- Bela coisa, a ginástica ! – exclamou Afonso da Maia, acendendo com satisfação outro charuto.

Vilaça já ouvira que enfraquecia muito o peito. E o abade, depois de dar um sorvo ao café, de lamber os beiços, soltou a sua bela frase, arranjada em máxima :

- Esta educação faz atletas mas não faz cristãos. Já o tenho dito...

- Já o tem dito, abade, já ! – exclamou Afonso alegremente. – Diz-mo todas as semanas... Quer você saber, Vilaça ? O nosso Custódio mata-me o bicho do ouvido para que eu ensine a cartilha ao rapaz. A cartilha !...

Custódio ficou um momento a olhar Afonso, com uma face desconsolada e a caixa de rapé aberta na mão ; a irrelição daquele velho fidalgo, senhor de quase toda a freguesia, era uma das suas dores.

– A cartilha, sim, meu senhor, ainda que Vossa Excelência o diga assim com esse modo escarnica... A cartilha. Mas já não quero falar da cartilha... Há outras coisas. E se o digo tantas vezes, Sr. Afonso da Maia, é pelo amor que tenho ao menino.

E recomeçou a discussão, que voltava sempre ao café, quando Custódio jantava na quinta.

O bom homem achava horroroso que naquela idade um tão lindo moço, herdeiro de uma casa tão grande, com futuras responsabilidades na sociedade, não soubesse a sua doutrina. E narrou logo ao Vilaça a história da D. Cecília Macedo : esta virtuosa senhora, mulher do escrivão, tendo passado diante do portão da quinta, avistara o Carlinhos, chamara-o, carinhosa e amiga de crianças como era, e pedira-lhe que lhe dissesse o Acto de Contrição. E que respondeu o menino ? *Que nunca em tal ouvira falar !* Estas coisas entristeciam. E o Sr. Afonso da Maia achava-lhe graça, ria-se ! Ora ali estava o amigo Vilaça que podia dizer se era caso para jubilar. Não, o Sr. Afonso da Maia tinha muito saber, e correra muito mundo ; mas de uma coisa não o podia convencer, a ele pobre padre que nem mesmo o Porto vira ainda, é que houvesse felicidade e bom comportamento na vida sem a moral do catecismo.

E Afonso da Maia respondia com bom humor :

– Então que lhe ensinava você, abade, se eu lhe entregasse o rapaz ? Que se não deve roubar o dinheiro das algibeiras, nem mentir, nem maltratar os inferiores, porque isso é



contra os mandamentos da lei de Deus, e leva ao Inferno, hem ? É isso ?...

– Há mais alguma coisa...

### Capítulo III 39

#### Os Maias

– Bem sei. Mas tudo isso que você lhe ensinaria que se não deve fazer, por ser um pecado que ofende a Deus, já ele sabe que se não deve praticar, porque é indigno de um cavalheiro e de um homem de bem...

– Mas, meu senhor...

– Ouça, abade. Toda a diferença é essa. Eu quero que o rapaz seja virtuoso por amor da virtude e honrado por amor da honra ; mas não por medo às caldeiras de Pêro Botelho, nem com o engodo de ir para o Reino do Céu...

E acrescentou, erguendo-se e sorrindo :

– Mas o verdadeiro dever de homens de bem, abade, é quando vem, depois de semanas de chuva, um dia destes, ir respirar pelos campos e não estar aqui a discutir moral. Portanto arriba ! E se o Vilaça não está muito cansado, vamos dar aí um giro pelas fazendas... O abade suspirou como um santo que vê a negra impiedade dos tempos de Belzebu arrebatando as melhores reses do rebanho ; depois olhou a chávena e sorveu com delícias o resto do seu café. Quando Afonso da Maia, Vilaça e o abade recolheram do seu passeio pela freguesia, escurecera, havia luzes pelas

salas, e tinham chegado já as Silveiras, senhoras ricas da Quinta da *Lagoaça*.

D. Ana Silveira, a solteira e mais velha, passava pela talentosa da família, e era em pontos de doutrina e etiqueta uma grande autoridade em Resende. A viúva, D. Eugénia, limitava-se a ser uma excelente e pachorrenta senhora, de agradável nutrição, trigueirota e pestanuda ; tinha dois filhos, a Teresinha, a *noiva* de Carlos, uma rapariguinha magra e viva com cabelos negros como tinta, e o morgadinho, o Eusebiozinho, uma maravilha muito falada naqueles sítios. Quase desde o berço este notável menino revelara um edificante amor por alfarrábios e por todas as coisas do saber. Ainda gatinhava e já a sua alegria era estar a um canto, sobre uma esteira, embrulhado num cobertor, folheando *in-fólios* com o craniozinho calvo de sábio curvado sobre as letras garrafais da boa doutrina ; e depois de crescidinho tinha tal propósito que permanecia horas imóvel numa cadeira, de perninhas bambas, esfuracando o nariz : nunca apetecera um tambor ou uma arma : mas cosiam-lhe cadernos de papel, onde o precoce letrado, entre o pasmo da mamã e da titi, passava dias a traçar algarismos, com a linguazinha de fora.

Assim na família tinha a sua carreira destinada : era rico, havia de ser primeiro bacharel, e depois desembargador. Quando vinha a Santa Olávia, a tia Anica instalava-o logo à mesa, ao pé do candeeiro, a admirar as pinturas de um enorme e rico volume, *Os Costumes de Todos os Povos do Universo*. Já lá estava nessa noite, vestido como sempre de escocês, com o *plaid* de flamejante xadrez vermelho e

negro posto a tiracolo e preso ao ombro por uma dragona ; para que conservasse o ar nobre de um Stuart, de um valoroso cavaleiro de Walter Scott, nunca lhe tiravam o boné onde se arqueava com heroísmo uma rutilante pena de galo ; e nada havia mais melancólico que a sua facezinha trombuda, a que o excesso de lombrigas dava uma moleza e uma amarelidão de manteiga, os seus olhinhos vagos e azulados, sem pestanas como se a ciência lhas tivesse já consumido, pasmando com sisudez para as camponesas da Sicília, e para os guerreiros ferozes do Montenegro apoiados a escopetas, em píncaros de serranias.

Diante do canapé das senhoras lá se achava também o fiel amigo, o doutor delegado, grave e digno homem, que havia cinco anos andava ponderando e meditando o casamento com a Silveira viúva, sem se decidir – contentando-se em comprar todos os anos mais meia dúzia de lençóis, ou uma peça mais de bretanha, para arredondar o bragal. Estas compras eram discutidas em casa das Silveiras, à braseira : e as alusões recatadas, mas inevitáveis, às duas fronzinhas, ao tamanho dos lençóis, aos cobertores de papa para os conchegos de Janeiro – em lugar de inflamar o magistrado, inquietavam-no. Nos dias seguintes aparecia preocupado – como se a perspectiva da santa consumação do matrimónio lhe desse o arrepio de uma façanha a empreender, o ter de agarrar um toiro, ou nadar nos cachões do Douro. Então, por qualquer razão especiosa, adiava-se o casamento até ao S. Miguel seguinte. E aliviado, tranquilo, o respeitável doutor continuava a

## Os Maias

acompanhar as Silveiras a chás, festas de igreja ou pêsames, vestido de preto, afável, serviçal, sorrindo a D. Eugénia, não desejando mais prazeres que os dessa convivência paternal.

Apenas Afonso entrou na sala deram-lhe logo notícia do contratempo : o doutor juiz de direito e a senhora não podiam vir, porque o magistrado tivera a dor ; e as Brancos tinham mandado recado a desculpar-se, coitadas, que era dia de tristeza em casa, por fazer dezassete anos que morrera o mano Manuel...

– Bem – disse Afonso – bem. A dor, a tristeza, o mano Manuel... Fazemos nós um voltaretezinho de quatro. Que diz o nosso doutor delegado ?

O excelente homem dobrou a sua fronte calva, murmurando que «estava às ordens». – Então ao dever, ao dever ! – exclamou logo o abade, esfregando as mãos, no ardor já da partida.

Os parceiros dirigiram-se à saleta do jogo – que um reposteiro de damasco separava da sala, franzido agora, deixando ver a mesa verde e, nos círculos de luz que caíam dos *abat-jours*, os baralhos abertos em leque. Daí a um momento o doutor delegado voltou, risonho, dizendo que

«os deixara para um roquezinho de três» ; e retomou o seu lugar ao lado de D. Eugénia, cruzando os pés debaixo da cadeira e as mãos em cima do ventre. As senhoras estavam falando da dor do doutor juiz de direito. Costumava dar-lhe todos os três meses : e era condenável a sua teima em não querer consultar médicos. Quanto mais que ele andava acabado, ressequindo, amarelando – e a D. Augusta, a mulher, a nutrir à larga, a ganhar cores !... A viscondessa, enterrada em toda a sua gordura ao canto do canapé, com o leque aberto sobre o peito, contou que em Espanha vira um caso igual : o homem chegara a parecer um esqueleto, e a mulher uma pipa ; e ao princípio fora o contrário ; até sobre isso se tinham feito uns versos...

– Humores – disse com melancolia o doutor delegado. Depois falou-se nas Brancos ; recordou-se a morte de Manuel Branco, coitadinho, na flor da idade ! E que perfeição de rapaz ! E que rapaz de juízo ! D. Ana Silveira não se esquecera, como todos os anos, de lhe acender uma lamparina por alma, e de lhe rezar três padre-nossos. A viscondessa pareceu toda aflita por se não ter lembrado... E ela que tinha o propósito feito !

– Pois estive para to mandar dizer ! – exclamou D. Ana.

– E as Brancos que tanto o agradecem, filha ! – Ainda está a tempo – observou o magistrado.

D. Eugénia deu uma malha indolente no *crochet* de que nunca se separava, e murmurou com um suspiro :

– Cada um tem os seus mortos.

E no silêncio que se fez, saiu do canto do canapé outro suspiro, o da viscondessa, que decerto se recordara do fidalgo de Urigo de La Sierra, e murmurava :

– Cada um tem os seus mortos...

E o digno doutor delegado terminou por dizer igualmente, depois de passar reflectidamente a mão pela calva :

– Cada um tem os seus mortos !

## Capítulo III 41

### Os Maias

Uma sonolência ia pesando. Nas serpentinas douradas, sobre as *consoles*, as chamas das velas erguiam-se altas e tristes. Eusebiozinho voltava com cautela e arte as estampas de *Os Costumes de Todos os Povos*. E na saleta de jogo, através do reposteiro aberto, sentia-se a voz já arrenegada do abade, rosnando com um rancor tranquilo : «Passo, que é o que tenho feito toda a santa noite !» Nesse momento Carlos arremetia pela sala dentro arrastando a sua noiva, a Teresinha, toda no ar e vermelha de brincar ; e logo a grulhada das suas vozes reanimou o canapé dormente.

Os noivos tinham chegado de uma pitoresca e perigosa viagem, e Carlos parecia descontente de sua mulher ;

comportara-se de uma maneira atroz ; quando ele ia governando a mala-posta, ela quisera empoleirar-se ao pé dele na almofada... Ora senhoras não viajam na almofada.

– E ele atirou-me ao chão, titi !

– Não é verdade ! Demais a mais é mentirosa ! Foi como quando chegámos à estalagem... Ela quis-se deitar, e eu não quis... A gente, quando se apeia de viagem, a primeira coisa que faz é tratar do gado... E os cavalos vinham a escorrer...

A voz de D. Ana interrompeu, muito severa :

– Está bom, está bom, basta de tolices ! Já cavalaram bastante. Senta-te aí ao pé da senhora viscondessa, Teresa... Olha essa travessa do cabelo... Que despropósito !

Sempre destestara ver a sobrinha, uma menina delicada de dez anos, a brincar assim com o Carlinhos. Aquele belo e impetuoso rapaz, sem doutrina e sem propósito, aterrava-a ; e pela sua imaginação de solteirona passavam sem cessar ideias, suspeitas de ultrajes que ele poderia fazer à menina. Em casa, ao agasalhá-la antes de vir para Santa Olávia, recomendava-lhe com força que não fosse com o Carlos para os recantos escuros, que o não deixasse mexer-lhe nos vestidos !... A menina, que tinha os olhos muito langorosos, dizia : «Sim, titi.» Mas, apenas na quinta, gostava de abraçar o seu maridinho. Se eram casados, porque não haviam de fazer nené, ou ter uma loja e ganharem a sua

vida aos beijinhos ? Mas o violento rapaz só queria guerras, quatro cadeiras lançadas a galope, viagens a terras de nomes bárbaros que o Brown lhe ensinava. Ela, despeitada, vendo o seu coração mal compreendido, chamava-lhe *arrieiro* ; ele ameaçava boxá-la à inglesa ; – e separavam-se sempre arrenegados.

Mas quando ela se acomodou ao lado da viscondessa, gravezinha e com as mãos no regaço – Carlos veio logo estirar-se ao pé dela, meio deitado para as costas do canapé, bamboleando as pernas.

– Vamos, filho, tem maneiras – rosnou-lhe muito seca D. Ana.

– Estou cansado, governei quatro cavalos – replicou ele, insolente e sem a olhar.

De repente, porém, de um salto, precipitou-se sobre o Eusebiozinho. Queria-o levar à África, a combater os selvagens ; e puxava-o já pelo seu belo *plaid* de cavaleiro da Escócia , quando a mamã acudiu aterrada :

– Não, com o Eusebiozinho não, filho ! Não tem saúde para essas cavaladas... Carlinhos, olhe que eu chamo o avô !

Mas o Eusebiozinho, a um repelão mais forte, rolara no chão, soltando gritos medonhos. Foi um alvoroço, um levantamento. A mãe, trémula, agachada junto dele, punha-o de pé sobre as perninhas moles, limpando-lhe as grossas lágrimas, já com o lenço, já com beijos, quase a chorar também. O delegado, consternado, apanhara o boné



escocês, e confiava melancolicamente a bela pena de galo. E a viscondessa

### Capítulo III 42

#### Os Maias

apertava às mãos ambas o enorme seio, como se as palpitações a sufocassem.

O Eusebiozinho foi então preciosamente colocado ao lado da titi ; e a severa senhora, com um fulgor de cólera na face magra, apertando o leque fechado como uma arma, preparava-se a repelir o Carlinhos, que, de mãos atrás das costas e aos pulos em roda do canapé, ria, arreganhando para o Eusebiozinho um lábio feroz. Mas nesse momento davam nove horas, e a desempenada figura do Brown apareceu à porta.

Apenas o avistou, Carlos correu a refugiar-se por detrás da viscondessa, gritando :

– Ainda é muito cedo, Brown, hoje é festa, não me vou deitar ! Então Afonso da Maia, que se não movera aos uivos lancinantes do Silveirinha, disse de dentro, da mesa do voltarete, com severidade :

– Carlos, tenha a bondade de marchar já para a cama.

– Ó vovô, é festa, que está cá o Vilaça !

Afonso da Maia pousou as cartas, atravessou a sala sem uma palavra, agarrou o rapaz pelo braço, e arrastou-o pelo corredor – enquanto ele, de calcanhares

fincados no soalho, resistia, protestando com desespero :

– É festa, vovô... É uma maldade !... O Vilaça pode-se escandalizar... Ó vovô, eu não tenho sono !

Uma porta fechando-se abafou-lhe o clamor. As senhoras censuraram logo aquela rigidez : aí estava uma coisa incompreensível ; o avô deixava-lhe fazer todos os horrores, e recusava-lhe então o bocadinho da *soirée*...

– Ó Sr. Afonso da Maia, porque não deixou estar a criança ?

– É necessário método, é necessário método –

balbuciou ele, entrando, todo pálido do seu rigor. E à mesa do voltarete, apanhando as cartas com as mãos trémulas, repetia ainda : – É necessário método.

Crianças à noite dormem.

D. Ana Silveira, voltando-se para o Vilaça – que cedera o seu lugar ao doutor delegado e vinha palestrar com as senhoras – teve aquele sorriso mudo que lhe franzia os lábios, sempre que Afonso da Maia falava em «métodos».

Depois, reclinando-se para as costas da cadeira e abrindo o leque, declarou, a trasbordar de ironia, que, talvez por ter a inteligência curta, nunca compreendera a vantagem dos «métodos»... Era à inglesa, segundo diziam : talvez

provassem bem em Inglaterra ; mas ou ela estava enganada, ou Santa Olávia era no reino de Portugal. E como Vilaça inclinava timidamente a cabeça, com a sua pitada nos dedos, a esperta senhora, baixo para que Afonso dentro não ouvisse, desabafou. O Sr. Vilaça naturalmente não sabia, mas aquela educação do Carlinhos nunca fora aprovada pelos amigos da casa. Já a presença do Brown, um herético, um protestante, como preceptor na família dos Maias, causara desgosto em Resende. Sobretudo quando o Sr. Afonso tinha aquele santo do abade Custódio, tão estimado, homem de tanto saber... Não ensinaria à criança habilidades de acrobata ; mas havia de lhe dar uma educação de fidalgo, prepará-lo para fazer boa figura em Coimbra.

Nesse momento, o abade, suspeitando uma corrente de ar, erguera-se da mesa do jogo a fechar o reposteiro : então, como Afonso já não podia ouvir, D. Ana ergueu a voz :

### Capítulo III 43

#### Os Maias

– E olhe que o Custódio teve desgosto, Sr. Vilaça. Que o Carlinhos, coitadinho, nem uma palavra sabe de doutrina... Sempre lhe quero contar o que sucedeu com a Macedo.

Vilaça já sabia.

– Ah ! já sabe ? Lembras-te, viscondessa ?

Com a Macedo, do Acto de Contrição... A

viscondessa suspirou, erguendo um olhar mudo

ao Céu através do tecto.

– Horrroso ! – continuou D. Ana. – A pobre mulher chegou lá a nossa casa embuchada... E eu fez-me impressão. Até sonhei com aquilo três noites a fio...

Calou-se um momento. Vilaça, embaraçado, acanhado, fazia girar a caixa de rapé nos dedos, com os olhos postos no tapete. Outro langor de sonolência passou na sala ; D. Eugénia, com as pálpebras pesadas, fazia de vez em quando uma malha mole no *crochet* ; e a noiva de Carlos, estirada para o canto do sofá, já dormia, com a boquinha aberta, os seus lindos cabelos negros caindo-lhe pelo pescoço.

D. Ana, depois de bocejar de leve, retomou a sua ideia :

– Sem contar que o pequeno está muito atrasado. A não ser um bocado de inglês, não sabe nada... Não tem prenda nenhuma !

– Mas é muito esperto, minha rica senhora ! – acudiu Vilaça.

– É possível – respondeu secamente a inteligente Silveira. E, voltando-se para o Eusebiozinho, que se conservava ao lado dela, quieto como se fosse de gesso :

– Ó filho, diz tu aqui ao Sr. Vilaça aqueles lindos versos

que sabes... Não sejas atado, anda !... Vá, Eusébio, filho, sê bonito... Mas o menino, molengão e tristonho, não se descolava das saias da titi : teve ela de o pôr de pé, ampará-lo, para que o tenro prodígio não aluísse sobre as perninhas flácidas ; e a mamã prometeu-lhe que, se dissesse os versinhos, dormia essa noite com ela... Isto decidiu-o : abriu a boca, e como de uma torneira lassa veio de lá escorrendo, num fio de voz, um recitativo lento e babujado :

*É noite, o astro saudoso  
Rompe a custo um plúmbeo céu,  
Tolda-lhe o rosto formoso  
Alvacento, húmido véu...*

Disse-a toda – sem se mexer, com as mãozinhas pendentes, os olhos mortiços pregados na titi. A mamã fazia o compasso com a agulha do *crochet* ; e a viscondessa, pouco a pouco, com um sorriso de quebranto, banhada no langor da melopeia, ia cerrando as pálpebras.

– Muito bem, muito bem ! – exclamou o Vilaça, impressionado, quando o Eusebiozinho findou coberto de suor. – Que memória ! Que memória !... É um prodígio !...

Os criados entravam com o chá. Os parceiros tinham findado a partida ; e o bom Custódio, de pé, com a sua chávena na mão, queixava-se amargamente da maneira por que aqueles senhores o tinham esfolado.

Como ao outro dia era domingo, e havia missa cedo, as senhoras retiraram-se às nove e meia. O serviçal doutor

delegado dava o braço a D. Eugénia ; um criado da quinta alumiaava adiante com o lampião ; e o moço das Silveiras levava ao colo o Eusebiozinho, que parecia um fardo escuro, abafado em mantas, com um

### Capítulo III 44

#### Os Maias

xale amarrado na cabeça.

Depois da ceia, Vilaça acompanhou ainda um momento Afonso da Maia à livraria, onde, antes de recolher, ele tomava sempre à inglesa o seu conhaque e soda.

O aposento, a que as velhas estantes de pau-preto davam um ar severo, estava adormecido tepidamente, na penumbra suave, com as cortinas bem fechadas, um resto de lume na chaminé, e o globo do candeeiro pondo a sua claridade serena na mesa coberta de livros. Em baixo, os repuxos cantavam alto no silêncio da noite.

Enquanto o escudeiro rolava para o pé da poltrona de Afonso, numa mesa baixa, os cristais e as garrafas de soda, Vilaça, com as mãos nos bolsos, de pé e pensativo, olhava a brasa da acha que morria na cinza branca. Depois ergueu a cabeça, para murmurar, como ao acaso :

– Aquele rapazito é esperto...

– Quem ? o Eusebiozinho ? – disse Afonso, que se acomodava junto ao fogão, enchendo alegremente o cachimbo. – Eu tremo de o ver cá, Vilaça ! O Carlos não

gosta dele, e tivemos aí um desgosto horroroso... Foi já há meses. Havia uma procissão e o Eusebiozinho ia de anjo... As Silveiras, excelentes mulheres, coitadas, mandaram-no cá para o mostrar à viscondessa, já vestido de anjo. Pois senhores, distraímo-nos, e o Carlos, que o andava a rondar, apodera-se dele, leva-o para o sótão, e, meu caro Vilaça... Em primeiro lugar ia-o matando porque embirra com anjos... Mas o pior não foi isso. Imagine você o nosso terror, quando nos aparece o Eusebiozinho aos berros pela titi, todo desfrisado, sem uma asa, com a outra a bater-lhe os calcanhares dependurada de um barbante, a coroa de rosas enterrada até ao pescoço, e os galões de ouro, os tules, as lantejoulas, toda a vestimenta celeste em frangalhos !... Enfim, um anjo depenado e sovado... Eu ia dando cabo do Carlos.

Bebeu metade da sua soda, e passando a mão pelas barbas, acrescentou, com uma satisfação profunda : – É levado do Diabo, Vilaça !

O administrador, sentado agora à borda de uma cadeira, esboçou uma risadinha muda ; depois ficou calado, olhando Afonso, com as mãos nos joelhos, como esquecido e vago, Ia abrir os lábios, hesitou ainda, tossiu de leve ; e continuou a seguir pensativamente as faíscas que erravam sobre as achas.

Afonso da Maia, no entanto, com as pernas estiradas para o lume, recomeçara a falar do Silveirinha. Tinha três ou

quatro meses mais que Carlos, mas estava enfezado, estiolado, por uma educação à portuguesa : daquela idade ainda dormia no choco com as criadas, nunca o lavavam para o não constiparem, andava couraçado de rolos de flanelas ! Passava os dias nas saias da titi a decorar versos, paginas inteiras do *Catecismo de Perseverança*. Ele por curiosidade um dia abriu este livreco e vira lá «que, o Sol é que anda em volta da Terra (como antes de Galileu), e que Nosso Senhor todas as manhãs dá as ordens ao Sol, para onde há-de ir e onde há-de parar, etc., etc.». E assim lhe estavam arranjanado uma almazinha de bacharel...

Vilaça teve outra risadinha silenciosa. Depois, como subitamente decidido, ergueu-se, fez estalar os dedos, disse estas palavras :

– Vossa Excelência sabe que apareceu a Monforte ?

Afonso, sem mover a cabeça, reclinado para as costas da poltrona, perguntou tranquilamente, envolvido no fumo do cachimbo :

### Capítulo III 45

#### Os Maias

– Em Lisboa ?

– Não senhor, em Paris. Viu-a lá o Alencar, esse rapaz que escreve, e que era muito de Arroios... Esteve até em casa dela. E ficaram calados. Havia anos que entre eles se não pronunciara o nome de Maria Monforte. Ao princípio,



quando se retirara para Santa Olávia, a preocupação ardente de Afonso da Maia fora tirar-lhe a filha que ela levara. Mas a esse tempo ninguém sabia onde Maria se refugiara com o seu príncipe : nem pela influência das legações, nem pagando regimento a polícia secreta de Paris, de Londres, de Madrid, se pôde descobrir a «toca da fera», como dizia então o Vilaça. Ambos decerto tinham mudado de nome ; e, dadas essas naturezas boémias, quem sabe se não errariam agora pela América, pela Índia, em regiões mais exóticas ? Depois, pouco a pouco, Afonso da Maia, descoroçoado com aqueles esforços vãos, todo ocupado do neto que crescia belo e forte ao seu lado, no enternecimento contínuo que ele lhe dava, foi esquecendo a Monforte e a sua outra neta, tão distante, tão vaga, a quem ignorava as feições, de quem mal sabia o nome. E agora, de repente, a Monforte aparecia outra vez em Paris ! e o seu pobre Pedro estava morto ! e aquela criança que dormia ao fundo do corredor nunca vira sua mãe... Erguera-se, passeava na livraria, pesado e lento, com a cabeça baixa. Junto à mesa, ao pé do candeeiro, o Vilaça ia percorrendo um a um os papéis da sua carteira.

– E está em Paris com o italiano ? – perguntou

Afonso do fundo sombrio do aposento. O Vilaça

ergueu a cabeça de sobre a carteira, e disse :

– Não senhor, está com quem lhe paga.

E como Afonso se aproximava da mesa, sem uma palavra, Vilaça, dando-lhe um papel dobrado,

acrescentou :

– Todas estas coisas são muito graves, Sr. Afonso da Maia, e eu não quis fiar-me só na minha memória. Por isso pedi ao Alencar, que é um excelente rapaz, que me escrevesse numa carta tudo o que me contou. Assim, temos um documento. Eu não sei mais do que está escrito. Pode Vossa Excelência ler...

Afonso desdobrou as duas folhas de papel. Era uma história simples, que o Alencar, o poeta da *Vozes de Aurora*, o estilista de *Elvira*, ornara de flores e de galões dourados como uma capela em dia de festa. Uma noite, ao sair da *Maison d'Or*, ele vira a Monforte saltar de um *coupé* com dois homens de gravata branca ; tinham-se logo reconhecido ; e um momento ficaram hesitando, um defronte do outro, debaixo do candeeiro de gás, no *trottoir*. Foi ela que, muito decidida, rindo, estendeu a mão ao Alencar, pediu-lhe que a visitasse, deu-lhe a adresse, o nome por que devia perguntar : Madame de l'Estorade. E no seu *boudoir*, na manhã seguinte, a Monforte falou largamente de si : vivera três anos em Viena de Áustria com Tancredo, e com o papá que se lhes fora reunir – e que lá continuava decerto como em Arroios, refugiando-se pelos cantos das salas, pagando as *toilettes* da filha, e dando palmadinhas ternas no ombro do amante como outrora no ombro do marido. Depois tinham estado em Mônaco ; e aí, dizia o Alencar, «num drama sombrio de paixão que ela me fez entrever», o napolitano fora morto em duelo. O papá morrera também nesse ano, deixando apenas da sua fortuna uns magros contos de réis, e a mobília da

casa em Viena : o velho arruinara-se com o luxo da filha, com as viagens, com as perdas de Tancredo ao bacará. Passara então um tempo em Londres : e daí viera habitar Paris, com Mr. de l'Estorade, um jogador, um espadachim, que acabou de a arrasar, e que a abandonou legando-lhe esse nome de l'Estorade, que lhe era a ele de ora em diante inútil porque passava a adoptar outro mais sonoro de *Vicomte de Manderville*. Enfim, pobre, formosa, doida, excessiva, lançara-se na existência daquelas mulheres de quem, dizia o Alencar, «a pálida Margarida Gautier, a gentil *Dama das Camélias*, é o tipo sublime, o símbolo poético, a quem muito será perdoado porque muito amaram». E o poeta terminava : «Ela está ainda no esplendor da beleza, mas as rugas virão, e então que avistará em redor de si ? As rosas secas e ensanguentadas da sua coroa de esposa. Saí daquele *boudoir* perfumado com a alma dilacerada, meu Vilaça ! Pensava no meu pobre Pedro, que lá jaz sob o raio de luar, entre as raízes dos

### Capítulo III 46

#### Os Maias

ciprestes. E, desiludido desta cruel vida, vim pedir ao absinto, no Boulevard, uma hora de esquecimento.» Afonso da Maia deu um repelão à carta, menos enojado das torpezas da história, que daqueles lirismos relambidos.

E começou a passear, enquanto o Vilaça recolhia religiosamente o documento que tinha relido muitas vezes, na admiração do sentimento, do estilo, do ideal daquela página.

– E a pequena ? – perguntou Afonso.

– Isso não sei. O Alencar não lhe falaria na filha, nem ele mesmo sabe que ela a levou. Ninguém o sabe em Lisboa. Foi um detalhe que passou despercebido no grande escândalo. Mas enquanto a mim, a pequena morreu. Senão, siga Vossa Excelência o meu raciocínio... Se a menina fosse viva, a mãe podia reclamar a legítima que cabe à criança... Ela sabe a casa que Vossa Excelência tem ; há-de haver dias, e são frequentes na vida dessas mulheres, em que lhe falte uma libra... Com o pretexto da educação da menina, ou de alimentos, já nos tinha importunado... Escrúpulos não tem ela. Se o não faz, é que a filha morreu. Não lhe parece a Vossa Excelência ?

– Talvez – disse Afonso.

E acrescentou, parando diante de Vilaça – que olhava outra vez a brasa morta tirando estalinhos dos dedos :

– Talvez... Suponhamos que morreram ambas, e não se fale mais nisso.

Estava dando meia-noite, os dois homens recolheram-se. E durante os dias que Vilaça passou em Santa Olávia, não se proferiu mais o nome de Maria Monforte.

Mas, na véspera da partida do administrador para Lisboa, Afonso subiu ao quarto dele, a entregar-lhe as amêndoas da Páscoa que Carlos mandava a Vilaça Júnior, um alfinete de peito com uma magnífica safira – e disse-lhe, enquanto o outro, sensibilizado, balbuciava os agradecimentos :

– Agora outra coisa, Vilaça. Tenho estado a pensar. Vou escrever a meu primo Noronha, ao André, que vive em Paris como você sabe, pedir-lhe que procure essa criatura, e que lhe ofereça dez ou quinze contos de réis, se ela me quiser entregar a filha... No caso, está claro, que esteja viva... E quero que você saiba desse Alencar a morada da mulher em Paris.

O Vilaça não respondeu, ocupado a meter entre as camisas, bem no fundo da maleta, a caixinha com o alfinete. Depois, erguendo-se, ficou diante de Afonso, a coçar reflectidamente o queixo.

– Então que lhe parece, Vilaça ?

– Parece-me arriscado.

E deu as suas razões. A menina devia ir nos seus treze anos. Estava uma mulher, com o seu temperamento formado, o carácter feito, talvez os seus hábitos... Nem falaria o português. As saudades da mãe haviam de ser terríveis... Enfim, o Sr. Afonso da Maia trazia uma estranha para casa...

– Você tem razão, Vilaça. Mas a mulher é uma prostituta, e a pequena é do meu sangue.

Nesse momento Carlos, cuja voz gritava no corredor pelo vovô, precipitou-se no quarto, esguelhado, escarlate como uma romã.

## Os Maias

– O Brown tinha achado um corujazinha pequena ! Queria que o vovô viesse ver, andara a buscá-lo por toda a casa... Era de morrer a rir... Muito pequena, muito feia, toda pelada, e com dois olhos de gente grande ! E sabiam onde havia o ninho...

– Vem depressa, ó vovô ! Depressa, que é necessário ir pô-la no ninho, por causa da coruja velha que se pode afligir... O Brown está-lhe a dar azeite. Ó Vilaça, vem ver ! Ó vovô, pelo amor de Deus ! Tem uma cara tão engraçada ! Mas depressa, que a coruja velha pode dar pela falta !...

E impaciente com a lentidão risonha do vovô, tanta indiferença pela inquietação da coruja velha, abalou atirando com a porta.

– Que bom coração ! – exclamou o Vilaça comovido. – A pensar nas saudades da coruja... A mãe dele é que não tem saudades ! Sempre o disse, é uma fera !

Afonso encolheu tristemente os ombros. Iam já no corredor quando ele, parando um momento, baixando a voz :

– Tem-me esquecido de lhe contar, Vilaça, o Carlos sabe que o pai se matou...

Vilaça arredondou os olhos de espanto. Era verdade. Uma manhã entrara-lhe pela livraria, e dissera-lhe : – Ó vovô, o papá matou-se com uma pistola ! – Naturalmente algum criado que lho contara...

– E Vossa Excelência ?

– Eu... que havia de fazer ? Disse-lhe que sim. Em tudo tenho obedecido ao que Pedro me pediu, nessas quatro ou cinco linhas da carta que me deixou. Quis ser enterrado em Santa Olávia, aí está. Não queria que o filho jamais soubesse da fuga da mãe ; e por mim, decerto, nunca o saberá. Quis que dois retratos que havia dela em Arroios fossem destruídos ; como você sabe, obtiveram-se e destruíram-se. Mas não me pediu que ocultasse ao rapaz o seu fim. E por isso, disse ao pequeno a verdade : disse-lhe que num momento de loucura, o papá tinha dada um tiro em si...

– E ele ?

– E ele – replicou Afonso sorrindo – perguntou-me quem lhe tinha dado a pistola, e torturou-me toda a manhã para lhe dar também uma pistola... E aí está o resultado dessa revelação : é que tive de mandar vir do Porto uma pistola de vento...

Mas, sentindo Carlos em baixo, aos berros ainda pelo avô, os dois apressaram-se a ir admirar a corujazinha.

Vilaça ao outro dia partiu para Lisboa.

Passadas duas semanas, Afonso recebia uma carta do administrador, trazendo-lhe, com a adresse da Monforte, uma revelação imprevista. Tinha voltado a casa do Alencar ; e o poeta, recordando outros incidentes da sua visita a Madame de l'Estorade, contara-lhe que no *boudoir* dela

havia um adorável retrato de criança, de olhos negros, cabelo de azeviche, e uma palidez de nácar. Esta pintura ferira-o, não só por ser de um grande pintor inglês, mas por ter, pendente sob o caixilho, como um voto funerário, uma linda coroa de flores de cera brancas e roxas. Não havia outro quadro no *boudoir* : e ele perguntara à Monforte se era um retrato ou uma fantasia. Ela respondera que era o retrato da filha que lhe morrera em Londres.

### Capítulo III 48

#### Os Maias

«Estão assim dissipadas todas as dúvidas», acrescentava o Vilaça. «O pobre anjinho está numa pátria melhor. E para ela, *bem melhor* !» Afonso, todavia, escreveu a André de Noronha. A resposta tardou. Quando o primo André procurara Madame de l'Estorade, havia semanas que ela partira para a Alemanha, depois de vender mobília e cavalos. E no Clube Imperial, a que ele pertencia, um amigo, que conhecia bem Madame de l'Estorade e a vida galante de Paris, contara-lhe que a doida fugira com um certo Catanni, acrobata do Circo de Inverno nos Campos Elísios, homem de formas magníficas, um Apolo de feira, que todas as *cocottes* se disputavam e que a Monforte empolgara. Naturalmente corria agora a Alemanha com a companhia de cavalinhos.

Afonso da Maia, enojado, remeteu esta carta ao Vilaça sem um comentário. E o honrado homem respondeu : «Tem Vossa Excelência razão, é atroz : e mais vale supor que



todos morreram, e não gastar mais cera com tão ruins defuntos...» E depois num pós-escrito acrescentava : «Parece certo abrir-se em breve o caminho-de-ferro até ao Porto : em tal caso, com permissão de Vossa Excelência, aí irei e o meu rapaz a pedirmos-lhe alguns dias de hospitalidade.» Esta carta foi recebida em Santa Olávia um domingo, ao jantar. Afonso lera alto o P. S. Todos se alegraram, na esperança de ver o bom Vilaça em breve na quinta ; e falou-se mesmo em arranjar um grande piquenique, rio acima.

Mas, terça-feira à noite, chegava um telegrama de Manuel Vilaça anunciando que o pai morrera, nessa manhã, de uma apoplexia : dois dias depois vinham mais longos e tristes pormenores. Fora depois do almoço que, de repente, Vilaça se sentira muito sufocado, e com tonturas : ainda tivera forças de ir ao quarto respirar um pouco de éter : mas ao voltar à sala cambaleava, queixava-se de ver tudo amarelo, e caiu de bruços, como um fardo, sobre o canapé. O seu pensamento, que se extinguia para sempre, ainda nesse momento se ocupou da casa que há trinta anos administrava : balbuciou, a respeito de uma venda de cortiça, recomendações que o filho já não pôde perceber : depois deu um grande ai ; e só tornou a abrir os olhos para murmurar no derradeiro sopro estas derradeiras palavras : *Saudades ao patrão !*

Afonso da Maia ficou profundamente afectado, e em Santa Olávia, mesmo entre os criados, a morte de Vilaça foi como um luto doméstico. Uma dessas tardes, o velho, muito melancólico, estava na livraria com um jornal esquecido

nas mãos, os olhos cerrados – quando Carlos, que ao lado rabiscava carantonhas num papel, veio passar–lhe um braço pelo pescoço, e como compreendendo os seus pensamentos, perguntou–lhe se o Vilaça não voltaria a vê–los à quinta.

– Não, filho, nunca mais. Nunca mais o tornamos a ver. O pequeno, entre os joelhos e os braços do velho, olhava o tapete, e, como recordando–se, murmurou tristemente :

– O Vilaça, coitado... Dava estalinhos com os dedos... Ó vovô, para onde o levaram ? – Para o cemitério, filho, para debaixo da terra.

Então Carlos desprendeuse devagar do abraço do avô, e muito sério, com os olhos nele :

– Ó vovô ! porque não lhe mandas fazer uma capelinha bonita, toda de pedra, com uma figura, como tem o papá ?

O velho achegou–o ao peito, beijou–o, comovido :

– Tens razão, filho. Tens mais coração que eu !

Assim o bom Vilaça teve no Cemitério dos Prazeres o seu jazigo – que fora a alta ambição da sua existência modesta. Outros anos tranquilos passaram sobre Santa Olávia.

## Capítulo III 49

### Os Maias

Depois uma manhã de Julho, em Coimbra, Manuel Vilaça (agora administrador da casa) trepava as escadas do Hotel Mondego, onde Afonso se hospedara com o neto, e entrava-lhe pela sala, vermelho, suando, berrando :

– *Neminè ! Neminè !*

Fizera Carlos o seu primeiro exame ! E que exame ! Teixeira, que tinha acompanhado os senhores de Santa Olávia correu à porta, abraçou-se quase chorando ao menino, agora mais alto que ele, e muito formoso na sua batina nova.

Em cima no quarto, Manuel Vilaça, soprando ainda, limpando as bagas de suor, exclamava :

– Ficou tudo espantado, Sr. Afonso da Maia ! Os lentes até estavam comovidos. Ih ! Jesus ! que talento ! Vem a ser um grande homem, é o que todo o mundo disse... E que Faculdade vai ele seguir, meu senhor ?

Afonso, que passeava, todo trémulo, respondeu com um sorriso :

– Não sei, Vilaça... Talvez nos formemos ambos em Direito. Carlos assomou à porta, radiante, seguido do Teixeira e do outro escudeiro – que trazia champanhe numa salva.

– Então venha cá, seu maroto – disse Afonso muito branco, com os braços abertos. – Bom exame, hem ?... Eu...

Mas não pôde prosseguir : as lágrimas, duas a duas,

corriam—lhe pela barba branca. Capítulo III 50

Os Maias

**Capítulo IV**

Carlos ia formar-se em Medicina. E como dizia o Dr. Trigueiros houvera sempre naquele menino realmente uma «vocação para Esculápio».

A «vocação» revelara-se bruscamente um dia que descobriu no sótão, entre rumas de velhos alfarrábios, um rolo manchado e antiquado de estampas anatómicas ; tinha passado dias a recortá-las, pregando pelas paredes do quarto fígados, liaças de intestinos, cabeças de perfil «com o recheio à mostra». Uma noite mesmo rompera pela sala em triunfo, a mostrar às Silveiras, ao Eusébio, a pavorosa litografia de um feto de seis meses no útero materno. D. Ana recuou, com um grito, colando o leque à face : e o doutor delegado, escarlate também, arrebatou prudentemente Eusebiozinho para entre os joelhos, tapou-lhe a face com a mão. Mas o que scandalizou mais as senhoras foi a indulgência de Afonso.

– Então que tem, então que tem ? – dizia ele sorrindo.

– Que tem, Sr. Afonso da Maia ! ? – exclamou D. Ana. São indecências !

– Não há nada indecente na Natureza, minha rica senhora. Indecente é a ignorância... Deixar lá o rapaz. Tem curiosidade de saber como é esta pobre máquina por dentro, não há nada mais louvável. D. Ana abanava-se, sufocada. Consentir tais horrores nas mãos da criança !... Carlos começou a aparecer-lhe como um libertino «que já sabia coisas» ; e não consentiu mais que a Teresinha

brincasse só com ele pelos corredores de Santa Olávia.

As pessoas sérias, porém, o doutor juiz de direito, o próprio abade, lamentando, sim, que não houvesse mais recato, concordavam que aquilo mostrava no pequeno uma grande queda para a medicina.

– Se pega – dizia então com um gesto profético o

Dr. Trigueiros – temos dali coisa grande ! E

parecia pegar.

Em Coimbra, estudante do Liceu, Carlos deixava os seus compêndios de lógica e retórica, para se ocupar de anatomia : numas férias, ao abrir das malas, a Gertrudes fugiu espavorida vendo alvejar entre as dobras de um casaco o riso de uma caveira : e se algum criado da quinta adoecia, lá estava Carlos logo revolvendo o caso em velhos livros de medicina da livraria, sem lhe largar a beira do catre, fazendo diagnósticos que o bom Dr. Trigueiros escutava respeitoso e pensativo. Diante do avô já chamava mesmo ao menino «o seu talentoso colega».

Esta inesperada carreira de Carlos (pensara-se sempre que ele tomaria capelo em Direito) era pouco aprovada entre os fiéis amigos de Santa Olávia. As senhoras sobretudo lamentavam que um rapaz que ia crescendo tão formoso, tão bom cavaleiro, viesse a estragar a vida receitando emplastros, e sujando as mãos no jorro das sangrias. O doutor juiz de direito confessou mesmo um dia a sua



descrença de que o Sr. Carlos da Maia quisesse «ser médico a sério».

– Ora essa ! – exclamou Afonso. – E porque não há-de ser médico a sério ? Se escolhe uma profissão é para a exercer com sinceridade e com ambição, como os outros. Eu não o educo para vadio, muito menos para amador ; educo-o para ser útil ao seu país...

– Todavia – arriscou o doutor juiz de direito com um sorriso fino – não lhe parece a Vossa Excelência que há outras coisas, importantes também, e mais próprias talvez, em que seu neto se poderia tornar útil ?...

## Capítulo IV 51

### Os Maias

– Não vejo – replicou Afonso da Maia. – Num país em que a ocupação geral é estar doente, o maior serviço patriótico é incontestavelmente saber curar.

– Vossa Excelência tem resposta para tudo – murmurou respeitosamente o magistrado.

E o que justamente seduzia Carlos na medicina era essa vida «a sério», prática e útil, as escadas de doentes galgadas à pressa no fogo de uma vasta clínica, as existências que se salvam com um golpe de bisturi, as noites veladas à beira de um leito, entre o terror de uma família, dando grandes batalhas à morte. Como em pequeno o tinham encantado as formas pitorescas das vísceras – atraíam-no agora estes

lados militantes e heróicos da ciência. Matriculou-se realmente com entusiasmo. Para esses longos anos de quieto estudo o avô preparara-lhe uma linda casa em Celas, isolada, com graças de *cottage* inglês, ornada de persianas verdes, toda fresca entre as árvores. Um amigo de Carlos (um certo João da Ega) pôs-lhe o nome de «Paços de Celas», por causa de luxos então raros na Academia, um tapete na sala, poltronas de marroquim, panóplias de armas, e um escudeiro de libré.

Ao princípio este esplendor tornou Carlos venerado dos fidalgotes, mas suspeito aos democratas ; quando se soube, porém, que o dono destes confortos lia Proudhon, Augusto Comte, Herbert Spencer, e considerava também o país uma *choldra ignóbil* – os mais rígidos revolucionários começaram a vir aos Paços de Celas tão familiarmente como ao quarto do Trovão, o poeta boémio, o duro socialista, que tinha apenas por mobília uma enxerga e uma Bíblia. Ao fim de alguns meses, Carlos, simpático a todos, conciliara *dandies* e filósofos : e trazia muitas vezes no seu *break*, lado a lado, o Serra Torres, um monstro que já era adido honorário em Berlim e todas as noites punha casaca, e o famoso Craveiro que meditava a *Morte de Satanás*, encolhido no seu gabão de Aveiro, com o seu grande barrete de lontra.

Os Paços de Celas, sob a sua aparência preguiçosa e campestre, tornaram-se uma fornalha de actividades. No quintal fazia-se uma ginástica científica. Uma velha cozinha fora convertida em sala de armas – porque naquele grupo a esgrima passava como uma necessidade social. À noite, na

sala de jantar, moços sérios faziam um *whist* sério : e no salão, sob o lustre de cristal, com o *Figaro*, o *Times* e as revistas de Paris e de Londres espalhadas pelas mesas, o Gamacho ao piano tocando Chopin ou Mozart, os literatos estirados pelas poltronas – havia ruidosos e ardentes cavacos, em que a Democracia, a Arte, o Positivismo, o Realismo, o Papado, Bismarck, o Amor, Hugo e a Evolução, tudo por seu turno flamejava no fumo do tabaco, tudo tão ligeiro e vago como o fumo. E as discussões metafísicas, as próprias certezas revolucionárias adquiriam um sabor mais requintado com a presença do criado de farda desarrolhando a cerveja, ou servindo croquetes.

Carlos, naturalmente, não tardou a deixar pelas mesas, com as folhas intactas, os seus expositores de medicina. A Literatura e a Arte, sob todas as formas, absorveram–no deliciosamente. Publicou sonetos no *Instituto* – e um artigo sobre o Pártenon : tentou, num *atelier* improvisado, a pintura a óleo : e compôs contos arqueológicos, sob a influência da *Salammbô*. Além disso todas as tardes passeava os seus dois cavalos. No segundo ano levaria um R se não fosse tão conhecido e rico. Tremeu, pensando no desgosto do avô : moderou a dissipação intelectual, acantou–se mais na ciência que escolhera : imediatamente lhe deram um *accessit*. Mas tinha nas veias o veneno do diletantismo : e estava destinado, como dizia João da Ega, a ser um desses médicos literários que inventam doenças de que a humanidade papalva se presta logo a morrer !

O avô, às vezes, vinha passar uma, duas semanas a Celas. Nos primeiros tempos a sua presença, agradável aos

cavalheiros da partida de *whist*, desorganizou o cavaco literário. Os rapazes mal ousavam estender o braço para o copo da cerveja ; e os *vossa excelência* isto, *vossa excelência* aquilo, regelavam a sala. Pouco a pouco, porém, vendo-o aparecer em chinelas e de cachimbo na boca, estirar-se na poltrona com ares simpáticos de patriarca boémio, discutir arte e literatura, contar anedotas do seu tempo de Inglaterra e de Itália, começaram a considerá-lo como um camarada de barbas brancas. Diante dele já se falava de

## Capítulo IV 52

### Os Maias

mulheres e de estroinices. Aquele velho fidalgo, tão rico, que lera Michelet e o admirava – chegou mesmo a entusiasmar os democratas. E Afonso gozava ali também horas felizes, vendo o seu Carlos centro daqueles moços de estudo, de ideal e de veia.

Carlos passava as férias grandes em Lisboa, às vezes em Paris ou Londres ; mas por Natais e Páscoas vinha sempre a Santa Olávia, que o avô, mais só, se entretinha a embelezar com amor. As salas tinham agora soberbos panos de Arrás, paisagens de Rousseau e Daubigny, alguns móveis de luxo e de arte. Das janelas a quinta oferecia aspectos nobres de parque inglês : através dos macios tabuleiros de relva, davam curvas airosas as ruas areadas : havia mármore entre as verduras ; e gordos carneiros de luxo dormiam sob os castanheiros. Mas a existência neste meio rico não era agora tão alegre : a viscondessa, cada dia mais nutrida, caía em

sonos congestivos logo depois do jantar ; o Teixeira primeiro, a Gertrudes depois, tinham morrido, ambos de pleurises, ambos no Entrudo : e já se não via também à mesa a bondosa face do abade, que lá jazia sob uma cruz de pedra, entre os goivos e as rosas de todo o ano. O doutor juiz de direito com a sua concertina passara para a Relação do Porto ; D. Ana Silveira, muito doente, nunca saía ; a Teresinha fizera-se uma rapariguinha feia, amarela como uma cidra ; o Eusebiozinho, molengão e tristonho, já sem vestígios sequer do seu primeiro amor aos alfarrábios e às letras, ia casar na Régua. Só o doutor delegado, esquecido naquela comarca, estava o mesmo, mais calvo talvez, sempre afável, amando sempre a pachorrenta D. Eugénia. E quase todas as tardes, o velho Trigueiros se apeava da sua égua branca ao portão, para vir cavaquear com o colega.

As férias, realmente, só eram divertidas para Carlos quando trazia para a quinta o seu íntimo, o grande João da Ega, a quem Afonso da Maia se afeiçoara muito, por ele e pela sua originalidade, e por ser sobrinho de André da Ega, velho amigo da sua mocidade e, muitas vezes outrora, hóspede também em Santa Olávia.

Ega andava-se formando em Direito, mas devagar, muito pausadamente – ora reprovado, ora perdendo o ano. Sua mãe, rica, viúva e beata, retirada numa quinta ao pé de Celorico de Basto com uma filha, beata, viúva e rica também, tinha apenas uma noção vaga do que o Joãozinho fizera, todo esse tempo, em Coimbra. O capelão afirmava-lhe que tudo havia de acabar a contento, e que o menino seria um dia doutor como o papá e como o titi : e

esta promessa bastava à boa senhora, que se ocupava sobretudo da sua doença de entranhas e dos confortos desse padre Serafim. Estimava mesmo que o filho estivesse em Coimbra, ou algures, longe da quinta, que ele escandalizava com a sua irreligião e as suas facécias heréticas.

João da Ega, com efeito, era considerado não só em Celorico, mas também na Academia, que ele espantava pela audácia e pelos ditos, como o maior ateu, o maior demagogo, que jamais aparecera nas sociedades humanas. Isto lisonjeava-o : por sistema exagerou o seu ódio à Divindade, e a toda a Ordem social : queria o massacre das classes médias, o amor livre das ficções do matrimónio, a repartição das terras, o culto de Satanás. O esforço da inteligência neste sentido terminou por lhe influenciar as maneiras e a fisionomia ; e, com a sua figura esgrouviada e seca, os pêlos do bigode arrebitados sob o nariz adunco, um quadrado de vidro entalado no olho direito – tinha realmente alguma coisa de rebelde e de satânico. Desde a sua entrada na Universidade, renovara as tradições da antiga boémia : trazia os rasgões da batina cosidos a linha branca ; embebedava-se com carrascão ; à noite, na Ponte, com o braço erguido, atirava injúrias a Deus. E no fundo muito sentimental, enleado sempre em amores por meninas de quinze anos, filhas de empregados, com quem às vezes ia passar a *soirée*, levando-lhes cartuchinhos de doce. A sua fama de fidalgo rico tornava-o apetecido nas famílias.

Carlos escarnecia estes idílios futricas ; mas também ele terminou por se enredar num episódio romântico com a mulher de um empregado do Governo Civil, uma

lisboetazinha, que o seduziu pela graça de um corpo de boneca e por uns lindos olhos verdes. A ela o que a fanatizara fora o luxo, o *groom*, a égua inglesa de Carlos. Trocaram-se cartas ; e ele viveu semanas banhado na poesia áspera e tumultuosa do primeiro amor adúltero. Infelizmente a rapariga tinha o nome bárbaro de Hermengarda ; e os amigos de Carlos, descoberto o segredo, chamavam-lhe já *Eurico*, o *Presbítero*, dirigiam para Celas missivas pelo

## Capítulo IV 53

### Os Maias

correio com este nome odioso.

Um dia, Carlos andava tomando o Sol na feira, quando o empregado do Governo Civil passou junto dele com o filhinho pela mão. Pela primeira vez via tão de perto o marido de Hermengarda. Achou-o enxovalhado e macilento. Mas o pequerrucho era adorável, muito gordo, parecendo mais roliço por aquele dia de Janeiro sob os agasalhos de lã azul, tremelicando nas pobres perninhas roxas de frio, e rindo na clara luz – rindo todo ele, pelos olhos, pelas covinhas do queixo, pelas duas rosas das faces. O pai amparava-o ; e o encanto, o cuidado com que o rapaz ia assim guiando os passos do seu filho, impressionou Carlos. Era no momento em que ele lia Michelet – e enchia-lhe a alma a veneração literária da santidade doméstica. Sentiu-se canalha em andar ali de cima do seu *dog-cart*, a preparar friamente a vergonha, e as lágrimas daquele pobre pai tão inofensivo no seu paletó coçado ! Nunca mais respondeu às cartas em que

Hermengarda lhe chamava *seu ideal*. Decerto a rapariga se vingou, intrigando-o ; porque o empregado do Governo Civil, daí por diante, dardejava sobre ele olhares sangrentos.

Mas a grande «topada sentimental de Carlos», como disse o Ega, foi quando ele, ao fim de umas férias, trouxe de Lisboa uma soberba rapariga espanhola, e a instalou numa casa ao pé de Celas. Chamava-se Encarnación. Carlos alugou-lhe ao mês uma vitória com um cavalo branco e Encarnación fanatizou Coimbra como a aparição de uma *Dama das Camélias*, uma flor de luxo das civilizações superiores. Pela Calçada, pela estrada da Beira, os rapazes paravam, pálidos de emoção, quando ela passava, reclinada na vitória, mostrando o sapato de cetim, um pouco da meia de seda, lânguida e desdenhosa, com um cãozinho branco no regaço.

Os poetas da Academia fizeram-lhe versos em que Encarnación foi chamada *Lírio de Israel*, *Pomba da Arca* e *Nuvem da Manhã*. Um estudante de teologia, rude e sebento transmontano, quis casar com ela. Apesar das instâncias de Carlos, Encarnación recusou ; e o teólogo começou a rondar Celas, com um navalhão, para «beber o sangue» ao Maia. Carlos teve de lhe dar bengaladas.

Mas a criatura, desvanecida, tornou-se intolerável, falando sem cessar de outras paixões que inspirara em Madrid e em Lisboa, do muito que lhe dera o conde de tal, o marquês sicrano, da grande posição da sua família ainda aparentada com os Medina-Coeli : os seus sapatos de cetim verde eram tão antipáticos como a sua voz estrídula : e quando tentava



elevant-se às conversações que ouvia, rompia a chamar ladrões aos republicanos, a celebrar os tempos de D. Isabel, a sua *gracia*, o seu *salero* – sendo muito conservadora como todas as prostitutas. João da Ega odiava-a. E Craveiro declarou que não voltava aos Paços de Celas enquanto por lá aparecesse aquele montão de carne, pago ao arrátel, como a de vaca.

Enfim, uma tarde, Baptista, o famoso criado de quarto de Carlos, surpreendeu-a com um Juca que fazia de dama no Teatro Académico. Aí estava, enfim, um pretexto ! E, convenientemente paga, a parenta dos Medina-Coeli, o *Lírio de Israel*, a admiradora dos Bourbons, foi recambiada a Lisboa, e à Rua de S. Roque, seu elemento natural.

Em Agosto, no acto da formatura de Carlos, houve uma alegre festa em Celas. Afonso viera de Santa Olávia, Vilaça de Lisboa ; toda a tarde no quintal, de entre as acácias e as belas sombras, subiram ao ar molhos de foguetes ; e João da Ega, que levara o seu último **R** no seu último ano, não descansou, em mangas de camisa, pendurando lanternas venezianas pelos ramos, no trapézio e em roda do poço, para a iluminação da noite. Ao jantar, a que assistiam lentes, Vilaça, enfiado e trémulo, fez um *speech* ; ia citar o nosso *imortal Castilho* quando sob as janelas rompeu, a grande ruído de tambor e pratos, o *Hino Académico*. Era uma serenata. – Ega, vermelho, de batina desabotoada, a luneta para trás das costas, correu à sacada, a perorar :

– Aí temos o nosso Maia, Carolus Eduardus ab Maia, começando a sua gloriosa carreira, preparado para salvar a

humanidade enferma – ou acabar de a matar, segundo as circunstâncias ! A que parte remota destes reinos não chegou já a fama do seu génio, do seu *dog-cart*, do sebáceo *accessit* que lhe enodoa o passado, e deste vinho do Porto contemporâneo dos heróis de 20, que eu, homem de revolução e homem de carraspana,

## Capítulo IV 54

### Os Maias

eu, João da Ega, Joahanes ab Ega... O grupo escuro em baixo desatou aos vivas. A filarmónica, outros estudantes, invadiram os Paços. Até tarde, sob as árvores do quintal, na sala atulhada de pilhas de pratos, os criados correram com salvas de doce, não cessou de estalar o champanhe. E Vilaça, limpando a testa, o pescoço, abafado de calor, ia dizendo a um, a outro, a si mesmo também :

– Grande coisa, ter um curso !

E então Carlos Eduardo partira para a sua longa viagem pela Europa. Um ano passou. Chegara esse Outono de 1875 : e o avô, instalado enfim no *Ramalhete*, esperava por ele ansiosamente. A última carta de Carlos viera de Inglaterra, onde andava, dizia ele, a estudar a admirável organização dos hospitais de crianças. Assim era : mas passeava também por Brighton, apostava nas corridas de Goodwood, fazia um idílio errante pelos lagos da Escócia, com uma senhora holandesa, separada de seu marido, venerável magistrado da Haia, uma Madame Rughel, soberba criatura de cabelos de oiro fulvo, grande e branca como uma ninfa

de Rubens.

Depois começaram a chegar, dirigidas ao *Ramalhete*, caixas sucessivas de livros, outras de instrumentos e aparelhos, toda uma biblioteca e todo um laboratório – que trazia o Vilaça, manhãs inteiras, aturdido pelos armazéns da Alfândega.

– O meu rapaz vem com grandes ideias de trabalho – dizia Afonso aos amigos.

Havia catorze meses que ele o não via, o «seu rapaz», a não ser numa fotografia mandada de Milão, em que todos o acharam magro e triste. E o coração batia-lhe forte, na linda manhã de Outono, quando do terraço do *Ramalhete*, de binóculo na mão, viu assomar vagorosamente, por trás do alto prédio fronteiro, um grande pacote da *Royal Mail* que lhe trazia o seu neto.

À noite os amigos da casa, o velho Sequeira, D. Diogo Coutinho, o Vilaça – não se fartavam de admirar «o bem que a viagem fizera a Carlos». Que diferença da fotografia ! Que forte, que saudável ! Era decerto um formoso e magnífico moço, alto, bem feito, de ombros largos, com uma testa de mármore sob os anéis dos cabelos pretos, e os olhos dos Maias, aqueles irresistíveis olhos do pai, de um negro líquido, ternos como os dele e mais graves. Trazia a barba toda, muito fina, castanho-escuro, rente na face, aguçada no queixo – o que lhe dava, com o bonito bigode arqueado aos cantos da boca, uma fisionomia de belo cavaleiro da Renascença. E o avô, cujo olhar risonho e húmido trasbordava de emoção, todo se

orgulhava de o ver, de o ouvir, numa larga veia, falando da viagem, dos belos dias de Roma, do seu mau humor na Prússia, da originalidade de Moscovo, das paisagens da Holanda...

– E agora ? – perguntou-lhe o Sequeira, depois de um momento de silêncio em que Carlos estivera bebendo o seu conhaque e soda. – Agora que tencionas tu fazer ?

– Agora, general ? – respondeu Carlos, sorrindo e pousando o copo. – Descansar primeiro e depois passar a ser uma glória nacional ! Ao outro dia, com efeito, Afonso veio encontrá-lo na sala de bilhar – onde tinham sido colocados os caixotes – a despregar, a desempacotar, em mangas de camisa e assobiando com entusiasmo. Pelo chão, pelos sofás, alastrava-se toda uma literatura em rumas de volumes graves ; e aqui e além, por entre a palha, através das lonas descosidas, a luz faiscava num cristal, ou reluziam os vernizes, os metais polidos dos aparelhos. Afonso pasmava em silêncio para aquele pomposo aparato do saber.

– E onde vais tu acomodar este museu ?

Carlos pensara em arranjar um vasto laboratório ali perto no bairro, com fornos para trabalhos químicos, uma sala disposta para estudos anatómicos e fisiológicos, a sua biblioteca, os seus aparelhos, uma concentração metódica de todos os instrumentos de estudo... Os olhos do avô iluminavam-se ouvindo este

## Os Maias

plano grandioso.

– E que não te prendam questões de dinheiro, Carlos !  
Nós fizemos nestes últimos anos de Santa Olávia algumas economias...

– Boas e grandes palavras, avô ! Repita-as ao Vilaça. As semanas foram passando nestes planos de instalação. Carlos trazia realmente resoluções sinceras de trabalho : a ciência como mera ornamentação interior do espírito, mais inútil para os outros que as próprias tapeçarias do seu quarto, parecia-lhe apenas um luxo de solitário : desejava ser útil. Mas as suas ambições flutuavam, intensas e vagas ; ora pensava numa larga clínica ; ora na composição maciça de um livro iniciador ; algumas vezes em experiências fisiológicas, pacientes e reveladoras... Sentia em si, ou supunha sentir, o tumulto de uma força, sem lhe discernir a linha de aplicação. «Alguma coisa de brilhante», como ele dizia : e isto para ele, homem de luxo e homem de estudo, significava um conjunto de representação social e de actividade científica ; o remexer profundo de ideias entre as influências delicadas da riqueza ; os elevados vagares da filosofia entremeados com requintes de *sport* e de gosto ; um Claude Bernard que fosse também um Morny... No fundo era um *diletante*.

Vilaça fora consultado sobre a localidade própria para o laboratório ; e o procurador, muito lisonjeado, jurou uma diligência incansável. Primeira coisa a saber, o nosso

doutor tencionava fazer clínica ?...

Carlos não decidira fazer *exclusivamente* clínica : mas desejava decerto dar consultas, mesmo gratuitas, como caridade e como prática. Então Vilaça sugeriu que o consultório estivesse separado do laboratório.

– E a minha razão é esta : a vista de aparelhos, máquinas, coisas, faz esmorecer os doentes... – Tem você razão,

Vilaça ! – exclamou Afonso. – Já meu pai dizia :

poupe-se ao boi a vista do malho. – Separados,

separados, meu senhor – afirmou o procurador num tom profundo.

Carlos concordou. E Vilaça bem depressa descobriu, para o laboratório, um antigo armazém, vasto e retirado, ao fundo de um pátio, junto ao Largo das Necessidades.

– E o consultório, meu senhor, não é aqui, nem acolá ; é no Rossio, ali em pleno Rossio !

Esta ideia do Vilaça não era desinteressada. Grande entusiasta da *Fusão*, membro do Centro Progressista, Vilaça Júnior aspirava a ser vereador da Câmara, e mesmo em dias de satisfação superior (como quando o seu aniversário natalício vinha anunciado no *Ilustrado*, ou quando no Centro citava com aplauso a Bélgica), parecia-lhe que tantas

aptidões mereciam do seu partido uma cadeira em S. Bento. Um consultório gratuito, no Rossio, o consultório do Dr. Maia, «do seu Maia» reluziu-lhe logo vagamente como um elemento de influência. E tanto se agitou, que daí a dois dias tinha alugado um primeiro andar de esquina.

Carlos mobilou-o com luxo. Numa antecâmara, guarnecida de banquetas de marroquim, devia estacionar, à francesa, um criado de libré. A sala de espera dos doentes alegrava com o seu papel verde de ramagens prateadas, a plantas em vasos de Ruão, quadros de muita cor, e ricas poltronas cercando a jardineira coberta de colecções do *Charivari*, de vistas estereoscópicas, de álbuns de actrizes seminuas, para tirar inteiramente o ar triste de consultório, até um piano mostrava o seu teclado branco.

O gabinete de Carlos ao lado era mais simples, quase austero, todo em veludo verde-negro, com estantes de pau-preto. Alguns amigos que começavam a cercar Carlos, Taveira, seu contemporâneo e agora vizinho do *Ramalhete*, o Cruges, o marquês de Souselas, com quem percorrera a Itália – vieram ver estas maravilhas. O Cruges correu uma escala no piano e achou-o abominável ; Taveira absorveu-se nas

## Capítulo IV 56

### Os Maias

fotografias de actrizes ; e a única aprovação franca veio do marquês, que depois de contemplar o divã do gabinete, verdadeiro móvel de serralho, vasto,

voluptuoso, fofo, experimentou-lhe a doçura das molas e disse, piscando o olho a Carlos :

– A calhar.

Não pareciam acreditar nestes preparativos. E todavia eram sinceros. Carlos até fizera anunciar o consultório nos jornais ; quando viu, porém, o seu nome em letras grossas, entre o de uma engomadeira à Boa Hora e um reclamo de casa de hóspedes – encarregou Vilaça de retirar o anúncio.

Ocupava-se então mais do laboratório, que decidira instalar no armazém, às Necessidades. Todas as manhãs, antes de almoço, ia visitar as obras. Entrava-se por um grande pátio, onde uma bela sombra cobria um poço, e uma trepadeira se mirrava nos ganchos de ferro que a prendiam ao muro. Carlos já decidira transformar aquele espaço em fresco jardinete inglês ; e a porta do casarão encantava-o, ogival e nobre, resto de fachada de ermida, fazendo um acesso vulnerável para o seu santuário de ciência. Mas dentro os trabalhos arrastavam-se sem fim ; sempre um vago martelar preguiçoso numa poeira alvadia ; sempre as mesmas coifas de ferramentas jazendo nas mesmas camadas de aparas ! Um carpinteiro esgrouviado e triste parecia estar ali desde séculos, aplainando uma tábua eterna com uma fadiga langorosa ; e no telhado os trabalhadores, que andavam alargando a clarabóia, não cessavam de assobiar, no sol de Inverno, alguma lamúria de fado.

Carlos queixava-se ao Sr. Vicente, o mestre-de-obras, que lhe asseverava invariavelmente «como daí a dois dias havia de Sua Excelência ver a diferença». Era um homem



de meia-idade, risonho, de falar doce, muito barbeado, muito lavado, que morava ao pé de *Ramalhete*, e tinha no bairro fama de republicano. Carlos, por simpatia, como vizinho, apertava-lhe sempre a mão : e o Sr. Vicente, considerando-o por isso um «avançado», um democrata, confiava-lhe as suas esperanças. O que ele desejava primeiro que tudo era um 93, como em França...

– O quê, sangue ? – dizia Carlos, olhando a

fresca, honrada e roliça face do demagogo. –

Não, senhor, um navio, um simples navio...

– Um navio ?

– Sim, senhor, um navio fretado à custa da nação, em que se mandasse pela barra fora o rei, a família real, a cambada dos ministros, dos políticos, dos deputados, dos intrigantes, etc. e etc. Carlos sorria, às vezes argumentava com ele.

– Mas está o Sr. Vicente bem certo, que apenas a cambada, como tão exactamente diz, desaparecesse pela barra fora, ficavam resolvidas todas as coisas e tudo atolado em felicidade ?

Não, o Sr. Vicente não era «burro» que assim pensasse. Mas, suprimida a cambada, não via Sua Excelência ? Ficava o país desatravancado ; e podiam então começar a governar os homens de saber e de progresso...

– Sabe Vossa Excelência qual é o nosso mal ? Não é

má vontade dessa gente ; é muita soma de ignorância. Não sabem. Não sabem nada. Eles não são maus, mas são umas cavalgadas !

– Bem, então essas obras, amigo Vicente – dizia-lhe Carlos, tirando o relógio e despedindo-se dele com um valente *shake-hands* – veja se me andam. Não lho peço como proprietário, é como correligionário.

## Capítulo IV 57

### Os Maias

– Daqui a dois dias há-de Vossa Excelência ver a diferença – respondia o mestre-de-obras, desbarretando-se.

No *Ramalhete*, pontualmente ao meio-dia, tocava a sineta do almoço. Carlos encontrava quase sempre o avô já na sala de jantar, acabando de percorrer algum jornal junto ao fogão, onde a tépida suavidade daquele fim de Outono não permitia acender lume, mas verdejando todo de plantas de estufa.

Em redor, nos aparadores de carvalho lavrado, rebrilhavam suavemente, no seu luxo maciço e sóbrio, as baixelas antigas ; pelas tapeçarias ovais dos muros apainelados corriam cenas de balada, caçadores medievais soltando o falcão, uma dama entre pajens alimentando os cisnes de um lago, um cavaleiro de viseira calada seguindo ao longo de um rio ; e contrastando com o tecto escuro de castanho entalhado, a mesa resplandecia com as flores entre os

cristais. O «Reverendo Bonifácio», que desde que se tornara dignitário da Igreja comia com os senhores, lá estava já majestosamente sentado sobre a alvura nevada da toalha, à sombra de algum grande ramo. Era ali, no aroma das rosas, que o venerável gato gostava de lamber, com o seu vagar estúpido, as sopas de leite, servidas num covilhete de Estrasburgo. Depois agachava-se, traçava por diante do peito a fofa pluma da sua cauda, e de olhos cerrados, os bigodes tesos, todo ele uma bola entufada de pêlo branco malhado de oiro, gozava de leve uma sesta macia.

Afonso – como confessava, sorrindo e humilhado – ia-se tornando com a velhice um *gourmet* exigente ; e acolhia, com uma concentração de crítico, as obras de arte do *chef* francês que tinham agora, um cavalheiro de mau génio, todo bonapartista, muito parecido com o imperador, e que se chamava Mr. Théodore. Os almoços no *Ramalhete* eram sempre delicados e longos ; depois, ao café, ficavam ainda conversando ; e passava da uma hora, da hora e meia, quando Carlos, com uma exclamação, precipitando-se sobre o relógio, se lembrava do seu consultório. Bebia um cálice de *chartreuse*, acendia à pressa um charuto.

– Ao trabalho, ao trabalho ! – exclamava.

E o avô, enchendo devagar o seu cachimbo, invejava-lhe aquela ocupação, enquanto ele ficava ali a vadiar toda a manhã...

– Quando esse eterno laboratório estiver acabado, talvez vá para lá passar um bocado, ocupar-me de química.

– E ser talvez um grande químico. O avô tem já o feitio. O velho sorria.

– Esta carcaça já não dá nada, filho. Está pedindo Eternidade !

– Quer alguma coisa da Baixa, de Babilónia ? – perguntava Carlos, abotoando à pressa as suas luvas de governar.

– Bom dia de trabalho.

– Pouco provável...

E no *dog-cart*, com aquela linda égua, a *Tunante*, ou no faetonte com que maravilhava Lisboa, Carlos lá partia em grande estilo para a Baixa, para «o trabalho».

O seu gabinete, no consultório, dormia numa paz tépida entre os espessos veludos escuros, na penumbra que faziam os estores de seda verde corridos. Na sala, porém, as três janelas abertas bebiam à farta a luz ; tudo ali parecia festivo ; as poltronas em torno da jardineira estendiam os seus braços, amáveis e convidativos ; o teclado branco do piano ria e esperava, tendo abertas por cima as *Canções* de Gounod ;

## Capítulo IV 58

### Os Maias

mas não aparecia jamais um doente. E Carlos – exactamente como o criado que, na ociosidade da antecâmara, dormitava sob o *Diário de Notícias*, acaçapado na banquetta – acendia

um cigarro «Laferme», tomava uma revista, e estendia-se no divã. A prosa, porém, dos artigos estava como embebida do tédio moroso do gabinete : bem depressa bocejava, deixava cair o volume. Do Rossio, o ruído das carroças, os gritos errantes de pregões, o rolar dos americanos, subiam, numa vibração mais clara, por aquele ar fino de Novembro : uma luz macia, escorregando docemente do azul-ferrete, vinha dourar as fachadas enxovalhadas, as copas mesquinhas das árvores do município, a gente vadiando pelos bancos : e essa sussurração lenta de cidade preguiçosa, esse ar aveludado de clima rico, pareciam ir penetrando pouco a pouco naquele abafado gabinete e resvalando pelos veludos pesados, pelo verniz dos móveis, envolver Carlos numa indolência e numa dormência... Com a cabeça na almofada, fumando, ali ficava, nessa quietação de sesta, num cismar que se ia desprendendo, vago e ténue, como o ténue e leve fumo que se eleva de uma braseira meio apagada ; até que, com um esforço, sacudia este torpor, passeava na sala, abria aqui e além pelas estantes um livro, tocava no piano dois compassos de valsa, espreguiçava-se – e, com os olhos nas flores do tapete, terminava por decidir que aquelas duas horas de consultório eram estúpidas !

– Está aí o carro ? – ia perguntar ao criado.

Acendia bem depressa outro charuto, calçava as luvas, descia, bebia um largo sorvo de luz e ar, tomava as guias e largava, murmurando consigo :

– Dia perdido !

Foi uma dessas manhãs que preguiçando assim no sofá

com a *Revista dos Dois Mundos* na mão, ele ouviu um rumor na antecâmara, e logo uma voz bem conhecida, bem querida, que dizia por trás do reposteiro :

– Sua Alteza Real está visível ?

– Oh ! Ega ! – gritou Carlos, dando um salto do sofá. E caíram nos braços um do outro, beijando-se na face, enternecidos.

– Quando chegaste tu ?

– Esta manhã. Caramba ! – exclamava Ega, procurando pelo peito, pelos ombros, o seu quadrado de vidro, e entalando-o enfim no olho. – Caramba ! Tu vens esplêndido desses Londres, dessas civilizações superiores. Estás com um ar Renascença, um ar Valois... Não há nada como a barba toda !

Carlos ria, abraçando-o outra vez.

– E donde vens tu, de Celorico ?

– Qual Celorico ! Da Foz. Mas doente, menino, doente... O fígado, o baço, uma infinidade de vísceras comprometidas. Enfim, doze anos de vinhos e aguardentes.

Depois falaram das viagens de Carlos, do *Ramalhete*, da demora do Ega em Lisboa... Ega vinha para sempre. Tinha dito do alto da diligência, às várzeas de Celorico, o adeus de eternidade.

– Imagina tu, Carlos amigo, a história deliciosa que me

sucede com a minha mãe... Depois de Coimbra, naturalmente, sondei-a a respeito de vir viver para Lisboa, confortavelmente, com uns dinheiros largos. Qual, não caiu ! Fiquei na quinta, fazendo epigramas ao padre Serafim e a toda a Corte do Céu. Chega Julho, e aparece nos arredores uma epidemia de anginas. Um horror, creio que vocês lhe chamam diftéricas... A mamã

## Capítulo IV 59

### Os Maias

salta imediatamente à conclusão que é a minha presença, a presença do ateu, do demagogo, sem jejuns e sem missa, que ofendeu Nosso Senhor e atraiu o flagelo. Minha irmã concorda. Consultam o padre Serafim. O homem, que não gosta de me ver na quinta, diz que é possível que haja indignação do Senhor – e minha mãe vem pedir-me quase de joelhos, com a bolsa aberta, que venha para Lisboa, que a arruíne, mas que não esteja ali chamando a ira divina. No dia seguinte bati para a Foz...

– E a epidemia...

– Desapareceu logo – disse o Ega, começando a puxar devagar dos dedos magros uma longa luva cor de canário.

Carlos mirava aquelas luvas do Ega ; e as polainas de casimira ; e o cabelo que ele trazia crescido com uma mecha frisada na testa ; e na gravata de cetim uma ferradura de opalas ! Era outro Ega, um Ega *dandy*, vistoso, paramentado, artificial e com pó-de-arroz – e Carlos deixou enfim escapar a exclamação impaciente que lhe

bailava nos lábios :

– Ega, que extraordinário casaco !

Por aquele Sol macio e morno de um fim de Outono português, o Ega, o antigo boémio de batina esfarrapada, trazia uma peliça, uma sumptuosa peliça de príncipe russo, agasalho de trenó e de neve, ampla, longa, com alamares trespassados à Brandeburgo, e pondo-lhe em torno do pescoço esganiçado e dos pulsos de tísico uma rica e fofa espessura de peles de marta.

– É uma boa peliça, hem ? – disse ele logo, erguendo-se abrindo-a, exibindo a opulência do forro. – Mandei-a vir pelo Strauss... Benefícios da epidemia.

– Como podes tu suportar isso ?

– É um bocado pesada, mas tenho andado constipado.

Tornou a recostar-se no sofá, adiantando o sapato de verniz muito bicudo, e, de monóculo no olho, examinou o gabinete.

– E tu que fazes ? Conta-me lá... Tens isto esplêndido ! Carlos falou dos seus planos, de altas ideias de trabalho, das obras do laboratório...

– Um momento, quanto te custou tudo isto ? – exclamou o Ega interrompendo-o, erguendo-se para ir apalpar o veludo dos reposteiros, mirar os torneados da secretária de pau-preto.

– Não sei. O Vilaça é que deve saber...



E Ega, com as mãos enterradas nos vastos bolsos da peliça, inventariando o gabinete, fazia considerações :

– O veludo dá seriedade... E o verde-escuro é a cor suprema, é a cor estética... Tem a sua expressão própria, entenece e faz pensar... Gosto deste divã. Móvel de amor...

Foi entrando para a sala dos doentes, devagar, de luneta no olho, estudando os ornatos. – Tu és o grandioso Salomão, Carlos ! O papel é bonito... E o cretonezinho agrada-me.

## Capítulo IV 60

### Os Maias

Apalpou-o também. Uma begónia, manchada da sua ferrugem de prata, num vaso de Ruão, interessou-o. Queria saber o preço de tudo ; e diante do piano, olhando o livro da música aberto, as *Canções* de Gounod, teve uma surpresa enternecida :

– Homem, é curioso... Cá me aparece ! A *Barcarola* ! É deliciosa, hem ?...

*Dites, la jeune belle,  
Où voulez-vous aller ?*

*La voile...*

– Estou um bocado rouco... Era a nossa canção na Foz ! Carlos teve outra exclamação, e cruzando os braços diante dele :

– Tu estás extraordinário, Ega ! Tu és outro Ega !... A propósito da Foz... Quem é essa Madame Cohen, que estava também na Foz, de quem tu, em cartas sucessivas, verdadeiros poemas, que recebi em Berlim, na Haia, em Londres, me falavas com os arroubos do *Cântico dos Cânticos* ?

Um leve rubor subiu às faces do Ega. E limpando negligentemente o monóculo ao lenço de seda branca :

– Uma judia. Por isso usei o lirismo bíblico. É a mulher do Cohen, hás-de conhecer, um que é director do Banco Nacional... Demo-nos bastante. É simpática... Mas o marido é uma besta... Foi uma *flirtation* de praia. *Voilà tout*.

Isto era dito aos bocados, passeando, puxando o lume ao charuto, e ainda corado. – Mas conta-me tu, que diabo, que fazem vocês no *Ramalhete* ? O avô Afonso ? Quem vai por lá ?...

No *Ramalhete*, o avô fazia o seu *whist* com os velhos

parceiros. Ia o D. Diogo, o decrepito leão, sempre de rosa ao peito, e frisando ainda os bigodes... Ia o Sequeira, cada vez mais atarracado, a estoirar de sangue, à espera da sua apoplexia... Ia o conde de Steinbroken...

– Não conheço. Refugiado ?... Polaco ?...

– Não, ministro da Finlândia... Queria-nos alugar umas cocheiras e complicou esta simples transacção com tantas finuras diplomáticas, tantos documentos, tantas coisas com o selo real da Finlândia, que o pobre Vilaça, aturdido, para se desembaraçar, remeteu-o ao avô. O avô, desnortado também, ofereceu-lhe as cocheiras de graça. Steinbroken considera isto um serviço feito ao rei da Finlândia, à Finlândia, vai visitar o avô, em grande estado, com o secretário da Legação, o cônsul, o vice-cônsul...

– Isso é sublime !

– O avô convida-o a jantar... E como o homem é muito fino, um *gentleman*, entusiasta da Inglaterra, grande entendedor de vinhos, uma autoridade no *whist*, o avô adopta-o. Não sai do *Ramalhete*.

– E de rapazes ?

De rapazes, aparecia Taveira, sempre muito correcto, empregado agora no Tribunal de Contas ; um Cruges, que o Ega não conhecia, um diabo adoidado, maestro, pianista, com uma pontinha de génio ; o marquês de Souselas...

## Capítulo IV 61

### Os Maias

– Não há mulheres ?

– Não há quem as receba. É um covil de solteirões. A viscondessa, coitada...

– Bem sei. Um apoplecté...

– Sim, uma hemorragia cerebral. Ah, temos também o Silveirinha, chegou-nos ultimamente o Silveirinha...

– O de Resende, o cretino ?

– O cretino. Enviuvou, vem da Madeira, ainda um bocado tísico, todo carregado de luto... Um fúnebre.

O Ega, repoltreado, com aquele ar de tranquila e sólida felicidade que Carlos já notara, disse, puxando lentamente os punhos :

– É necessário reorganizar essa vida. Precisamos arranjar um cenáculo, uma boemiazinha doirada, umas *soirées* de Inverno, com arte, com literatura... Tu conheces o Craft ?

– Sim, creio que tenho ouvido falar...

Ega teve um grande gesto. Era indispensável conhecer o Craft ! O Craft era simplesmente a melhor coisa que havia em Portugal...

– É um inglês, uma espécie de doido ?...

Ega encolheu os ombros. Um doido !... Sim, era essa a opinião da Rua dos Fanqueiros ; o indígena, vendo uma originalidade tão forte como a de Craft, não podia explicá-la senão pela doidice. O Craft era um rapaz extraordinário !... Agora tinha ele chegado da Suécia, de passar três meses com os estudantes de Upsala. Estava também na Foz... Uma individualidade de primeira ordem !

– É um negociante do Porto, não é ?

– Qual negociante do Porto ! – exclamou o Ega erguendo-se, franzindo a face, enojado de tanta ignorância.  
– O Craft é filho de um *clergyman* da igreja inglesa do Porto. Foi um tio, um negociante de Calcutá ou da Austrália, um nababo, que lhe deixou a fortuna. Uma grande fortuna. Mas não negoceia, nem sabe o que isso é. Dá largas ao seu temperamento byroniano, é o que faz. Tem viajado por todo o universo, colecciona obras de arte, bateu-se como voluntário na Abissínia e em Marrocos, enfim vive, *vive* na grande, na forte, na heróica acepção da palavra. É necessário conhecer o Craft. Vais-te babar por ele... Tens razão, caramba, está calor. Desembarçou-se da opulenta peliça, e apareceu em peitilho de camisa.

– O quê ! tu não trazias nada por baixo ? – exclamou Carlos.  
– Nem colete ?

– Não ; então não a podia aguentar... Isto é para o efeito moral, para impressionar o indígena... Mas, não há negá-lo, é pesada ! E imediatamente voltou à sua ideia : apenas o

Craft chegasse do Porto relacionavam-se, organizava-se um cenáculo, um Decâmeron de arte e diletantismo, rapazes e mulheres, três ou quatro mulheres para cortarem, com a graça dos decotes, a severidade das filosofias... Carlos ria-se desta ideia do Ega. Três mulheres de gosto e de luxo, em Lisboa, para adornar um cenáculo ! Lamentável ilusão de um homem de Celorico ! O marquês de Souselas tinha tentado, e para uma vez só, uma coisa bem mais simples – um jantar no campo com actrizes. Pois fora o escândalo mais engraçado e mais característico : uma não tinha criada e queria levar consigo para a festa uma tia e cinco filhos ; outra temia que, aceitando, o

## Capítulo IV 62

### Os Maias

brasileiro lhe tirasse a mesada ; uma consentiu, mas o amante, quando soube, deu-lhe uma coça. Esta não tinha vestido para ir ; aquela pretendia que lhe garantissem uma libra ; houve uma que se scandalizou com o convite como com um insulto. Depois, os chulos, os queridos, os polhos, complicaram medonhamente a questão ; uns exigiam ser convidados, outros tentavam desmanchar a festa ; houve partidos, fizeram-se intrigas – enfim esta coisa banal, um jantar com actrizes, resultou em o Tarquínio do Ginásio levar uma facada...

– E aqui tens tu Lisboa.

– Enfim – exclamou o Ega – se não aparecerem mulheres, importam-se, que é em Portugal para tudo recurso natural.

Aqui importa-se tudo. Leis, ideias, filosofias, teorias, assuntos, estéticas, ciências, estilo, indústrias, modas, maneiras, pilhérias, tudo nos vem em caixotes pelo pacote. A civilização custa-nos caríssima, com os direitos da Alfândega : e é em segunda mão, não foi feita para nós, fica-nos curta nas mangas... Nós julgamo-nos civilizados como os negros de São Tomé se supõem cavalheiros, se supõem mesmo *brancos*, por usarem com a tanga uma casaca velha do patrão... Isto é uma choldra torpe. Onde pus eu a charuteira ? Desembaraçado da majestade que lhe dava a peliça, o antigo Ega reaparecia, perorando com os seus gestos aduncos de Mefistófeles em *verve*, lançando-se pela sala como se fosse voar ao vibrar as suas grandes frases, numa luta constante com o monóculo, que lhe caía do olho, que ele procurava pelo peito, pelos ombros, pelos rins, retorcendo-se, deslocando-se, como mordido por bichos. Carlos animava-se também, a fria sala aquecia ; discutiam o Naturalismo, Gambetta, o Niilismo ; depois, com ferocidade e à uma, malharam sobre o país...

Mas o relógio ao lado bateu quatro horas ; imediatamente Ega saltou sobre a peliça, sepultou-se nela, aguçou o bigode ao espelho, verificou a *pose* e, encouraçado nos seus alamares, saiu com um arzinho de luxo e de aventura.

– John – disse Carlos que o achava esplêndido e o

ia seguindo ao patamar – onde estás tu ? – No

*Universal*, esse santuário !

Carlos abominava o *Universal*, queria que ele viesse para o *Ramalhete*.

– Não me convém...

– Em todo o caso vais hoje lá jantar, ver o avô.

– Não posso. Estou comprometido com a besta

do Cohen... Mas vou lá amanhã almoçar. Já nos

degraus da escada, voltou-se, entalou o

monóculo, gritou para cima :

– Tinha-me esquecido dizer-te, vou publicar o meu livro !

– O quê ! está pronto ? – exclamou Carlos, espantado.

– Está esboçado, à broxa larga...

O *livro do Ega* ! Fora em Coimbra, nos dois últimos anos, que ele começara a falar do seu livro, contando o plano, soltando títulos de capítulos, citando pelos cafés frases de grande sonoridade. E entre os amigos do Ega discutia-se já o livro do Ega como devendo iniciar, pela forma e pela ideia, uma evolução literária. Em Lisboa (onde ele vinha passar as férias e dava ceias no Silva) o livro fora anunciado como um acontecimento. Bacharéis, contemporâneos ou seus discípulos, tinham levado de Coimbra, espalhado



## Os Maias

pelas províncias e pelas ilhas, a fama do livro do Ega. Já de qualquer modo essa notícia chegara ao Brasil. E sentindo esta ansiosa expectativa em torno do seu livro – o Ega decidira-se enfim a escrevê-lo. Devia ser uma epopeia em prosa, como ele dizia, dando, sob episódios simbólicos, a história das grandes fases do Universo e da Humanidade. Intitulava-se *Memórias de Um Átomo*, e tinha a forma de uma autobiografia. Este átomo (o átomo do Ega, como se lhe chamava a sério em Coimbra) aparecia no primeiro capítulo, rolando ainda no vago das nebulosas primitivas : depois vinha embrulhado, faísca candente, planta que surgiu da crosta ainda mole do globo. Desde então, viajando nas incessantes transformações da substância, o átomo do Ega entrava na rude estrutura do Orango, pai da Humanidade – e mais tarde vivia nos lábios de Platão. Negrejava no burel dos santos, refulgia na espada dos heróis, palpitava no coração dos poetas. Gota de água nos lagos de Galileia, ouvira o falar de Jesus, aos fins da tarde, quando os apóstolos recolhiam as redes ; nó de madeira na tribuna da Convenção, sentira o frio da mão de Robespierre. Errara nos vastos anéis de Saturno ; e as madrugadas da Terra tinham-no orvalhado, pétala resplandecente de um dormente e lânguido lírio. Fora onnipresente, era onnisciente. Achando-se finalmente no bico da pena do Ega, e cansado desta jornada através do Ser, repousava – escrevendo as suas *Memórias*... Tal era este formidável trabalho – de que os admiradores do Ega, em Coimbra, diziam, pensativos e como esmagados de respeito :

– É uma Bíblia !

## Capítulo IV 64

### Os Maias

## Capítulo V

No escritório de Afonso da Maia ainda durava, apesar de ser tarde, a partida de *whist*. A mesa estava ao lado da chaminé, onde a chama morria nos carvões escarlates, no seu recanto costumado, abrigada pelo biombo japonês, por causa da bronquite de D. Diogo e do seu horror ao ar.

Esse velho *dandy* – a quem as damas de outras eras chamavam o «Lindo Diogo», gentil toureiro que dormira num leito real – acabava justamente de ter um dos seus acessos de tosse, cavernosa, áspera, dolorosa, que o sacudiam como uma ruína, que ele abafava no lenço, com as veias inchadas, roxo até à raiz dos cabelos. Mas passara. Com a mão ainda trémula, o decrepito leão limpou as lágrimas que lhe embaciavam os olhos avermelhados, compôs a rosa-de-musgo na botoeira da sobrecasaca, tomou um gole da sua água chazada, e perguntou a Afonso, seu parceiro, numa voz rouca e surda :

– Paus, hem ?

E de novo, sobre o pano verde, as cartas foram caindo num daqueles silêncios que se seguiam às tosses de D. Diogo. Sentia-se só a respiração assobiada, quase silvante, do general Sequeira, muito infeliz essa noite, desesperado com o Vilaça, seu parceiro, rezingão e com todo o sangue na face.

Um tom fino retiniu, o relógio Luís XV foi ferindo alegremente, vivamente, a meia-noite ; – depois a toada argentina do seu minuete vibrou um momento e morreu. Houve de novo um silêncio. Uma renda vermelha recobria os globos de dois grandes candeeiros Carcel ; e a luz assim coada, caindo sobre os damascos vermelhos das paredes, dos assentos, fazia como uma doce refração cor-de-rosa, um vaporoso de nuvem em que a sala se banhava e dormia : só aqui e além, sobre os carvalhos sombrios das estantes, rebrilhava em silêncio o ouro de um Sèvres, uma palidez de

marfim, ou algum tom esmaltado de velha majólica.

– O quê ! ainda encarniçados ! – exclamou Carlos, que abrira o reposteiro, entrava, e com ele o rumor distante de bolas de bilhar. Afonso, que recolhia a sua vaza, voltou logo a cabeça, a perguntar com interesse :

– Como vai ela ? Está sossegada ?

– Está muito melhor !

Era a primeira doente grave de Carlos, uma rapariga de origem alsaciana, casada com o Marcelino padeiro, muito conhecida no bairro pelos seus belos cabelos, loiros e penteados sempre em tranças soltas. Tinha estado à morte com uma pneumonia ; e apesar de melhor, como a padaria ficava defronte, Carlos ainda às vezes à noite atravessava a rua para a ir ver, tranquilizar o Marcelino, que, defronte do leito e de gabão pelos ombros, sufocava soluços de amante, escrevinhando no livro de contas.

Afonso interessara-se ansiosamente por aquela pneumonia ; e agora estava realmente agradecido à Marcelina, por ter sido salva por Carlos. Falava dela comovido ; gabava-lhe a linda figura, o asseio alsaciano, a prosperidade que trouxera à padaria... Para a convalescença, que se aproximava, já lhe mandara até seis garrafas de *Château-Margaux*.

– Então fora de perigo, inteiramente fora de perigo ? – perguntou Vilaça, com os dedos na caixa do rapé, sublinhando muito a sua solicitude.

– Sim, quase rija – disse Carlos, que se aproximara da

chaminé, esfregando as mãos, arrepiado. Capítulo V 65

## Os Maias

É que a noite, fora, estava regelada ! Desde o anoitecer geava, de um céu fino e duro, trasbordando de estrelas que rebrilhavam como pontas afiadas de aço ; e nenhum daqueles cavalheiros, desde que se entendia, conhecera jamais o termómetro tão baixo. Sim, Vilaça lembrava-se de um Janeiro pior no Inverno de 64...

– É necessário carregar no ponche, hem, general ! – exclamou Carlos, batendo galhofeiramente nos ombros maciços do Sequeira.

– Não me oponho – rosnou o outro, que fixava com concentração e rancor um valete de copas sobre a mesa.

Carlos, ainda com frio, remexeu, esfuracou os carvões : uma chuva de ouro caiu por baixo, uma chama mais forte ressaltou, rugiu, alegrando tudo, avermelhando em redor as peles de urso onde o «Reverendo Bonifácio», espapado, torrava ao calor, ronronava de gozo.

– O Ega deve estar radiante – dizia Carlos com os pés à chama. – Tem, enfim, justificada a peliça. A propósito,

algun dos senhores tem visto o Ega estes últimos dias ?

Ninguém respondeu, no interesse súbito que causava a cartada. A longa mão de D. Diogo recolhia devagar a vaza – e languidamente, no mesmo silêncio, soltou uma carta de paus.

– Oh ! Diogo ! Oh ! Diogo ! – gritou Afonso, estorcendo-se, como se o traspassasse um ferro.

Mas conteve-se. O general, cujos olhos despediam faíscas, colocou o seu valete ; Afonso, profundamente infeliz, separou-se do rei de paus ; Vilaça bateu de estalo com os ás. E imediatamente foi em redor uma discussão tremenda sobre a puxada de D. Diogo – enquanto Carlos, a quem as cartas sempre enfastiavam, se debruçava a coçar o ventre fofo do venerável «Reverendo».

– Que perguntavas tu, filho ? – disse enfim Afonso, erguendo-se, ainda irritado, a buscar tabaco para o cachimbo, sua consolação nas derrotas. – O Ega ? Não, ninguém o viu, não tornou a aparecer ! Está também um bom ingrato, esse John...

Ao nome do Ega, Vilaça, parando de baralhar as cartas, erguera a face curiosa :

– Então sempre é certo que ele vai montar casa ?

Foi Afonso que respondeu, sorrindo e acendendo o cachimbo :

– Montar casa, comprar *coupé*, deitar libré, dar *soirées*

literárias, publicar um poema, o diabo !

– Ele esteve lá no escritório – dizia o Vilaça recomeçando a baralhar. – Esteve lá a indagar o que tinha custado o consultório, a mobília de veludo, etc. O veludo verde deu-lhe no goto... Eu, como é um amigo da casa, lá lhe prestei informações, até lhe mostrei as contas. – E respondendo a uma pergunta do Sequeira : – Sim, a mãe tem dinheiro, e creio que lhe dá o bastante. Que enquanto a mim, ele vem-se meter na política. Tem talento, fala bem, o pai já era muito regenerador... Ali há ambição.

– Ali há mulher – disse D. Diogo, colocando com peso esta decisão e acentuando-a com uma carícia lânguida à ponta frisada dos bigodes brancos. – Lê-se-lhe na cara, basta ver-lhe a cara... Ali há mulher.

Carlos sorria, gabando a penetração de D. Diogo, o seu fino olho à Balzac ; e Sequeira, logo, franco como velho soldado, quis saber quem era a Dulcineia. Mas o velho *dandy* declarou, da profundidade da sua

## Capítulo V 66

### Os Maias

experiência, que essas coisas nunca se sabiam, e era preferível não se saberem. Depois, passando os dedos magros e lentos pela face, deixou cair de alto e com condescendência este juízo :

– Eu gosto do Ega, tem apresentação ; sobretudo tem *dégagé*... Tinham recebido as cartas, fez-se um silêncio na

mesa. O general, vendo o seu jogo, soltou um grunhido surdo, arrebatou o cigarro do cinzeiro, e puxou-lhe uma fumaça furiosa.

– Os senhores são muito viciosos, vou ver a gente do bilhar – disse Carlos. – Deixei o Steinbroken engalfinhado com o marquês, a perder já quatro mil réis. Querem o ponche aqui ?

Nenhum dos parceiros respondeu.

E em torno do bilhar Carlos encontrou o mesmo silêncio de solenidade. O marquês, estirado sobre a tabela, com a perna meio no ar, o começo de calva alvejando à luz crua que caía dos *abat-jours* de porcelana, preparava a carambola decisiva. Cruges, que apostara por ele, deixara o divã, o cachimbo turco, e, coçando com um gesto nervoso a grenha crespa que lhe ondeava até à gola do jaquetão, vigiava a bola inquieto, com os olhinhos piscos, o nariz espetado. Do fundo da sala, destacando em preto, o Silveirinha, o Eusebiozinho de Santa Olávia, estendia também o pescoço, afogado numa gravata de viúvo, de merino negro e sem colarinho, sempre macambúzio, mais molengo que outrora, com as mãos enterradas nos bolsos – tão fúnebre que tudo nele parecia completamente de luto pesado, até o preto do cabelo chato, até o preto das lunetas de fumo. Junto ao bilhar, o parceiro do marquês, o conde Steinbroken esperava : e apesar do susto, da emoção de homem do Norte aferrado ao dinheiro, conservava-se correcto, encostado ao taco, sorrindo, sem desmanchar a sua linha britânica – vestido como um inglês, inglês tradicional de estampa, com uma



sobrecasaca justa de manga um pouco curta, e largas calças de xadrez sobre sapatões de tacão raso.

– *Hurra* ! – gritou de repente Cruges. – Os

dez tostõezinhos para cá, Silveirinha ! O

marquês carambolara, ganhando a partida, e

triunfava também :

– Você trouxe-me a sorte, Carlos !

Steinbroken depusera logo o taco, e alinhava já sobre a tabela, lentamente, uma a uma, as quatro placas perdidas.

Mas o marquês, de giz na mão, reclamava-o para outras refregas, esfaimado de ouro finlandês.

– Nada mach !... Você hoje `stá têrrívêl ! – dizia o diplomata, no seu português fluente, mas de acento bárbaro.

O marquês insistia, plantado diante dele, de taco ao ombro como uma vara de campino, dominando-o com a sua maciça, desempenada estatura. E ameaçava-o de destinos medonhos numa voz possante habituada a ressoar nas lezírias ; queria-o arruinar ao bilhar, forçá-lo a empenhar aqueles belos anéis, levá-lo a ele, ministro da Finlândia e representante de uma raça de reis fortes, a vender senhas à porta da Rua dos Condes !

Todos riam ; e Steinbroken também, mas com um riso franzino e difícil, fixando no marquês o olhar azul-claro, claro e frio, que tinha no fundo da sua miopia a dureza de um metal. Apesar da sua simpatia pela ilustre Casa de Souselas, achava estas familiaridades, estas tremendas chalaças, incompatíveis com a sua dignidade e com a dignidade da Finlândia. O marquês, porém, coração de ouro, abraçava-o já pela cinta, com expansão :

– Então se não quereis mais bilhar, um bocadinho de canto,

Steinbroken amigo ! Capítulo V 67

## Os Maias

A isto o ministro acedeu, afável, preparando-se logo, dando carícias ligeiras às suíças, e aos anéis do cabelo de um loiro de espiga desbotada.

Todos os Steinbrokens, de pais a filhos (como ele dissera a Afonso) eram bons barítonos : e isso trouxera à família não poucos proventos sociais. Pela voz cativara seu pai o velho rei Rodolfo III, que o fizera chefe das caudelarias, e o tinha noites inteiras nos seus quartos, ao piano, cantando salmos luteranos, corais escolares, sagas da Dalecárlia – enquanto o taciturno monarca cachimbava e bebia, até que, saturado de emoção religiosa, saturado de cerveja preta, tombava do sofá, soluçando e babando-se. Ele mesmo, Steinbroken, levava parte da sua carreira ao piano, já como adido, já como segundo-secretário. Feito chefe de missão, absteve-se : foi

só quando viu o *Figaro* celebrar repetidamente as valsas do príncipe Artoff, embaixador da Rússia em Paris, e a voz de *basso* do conde de Baspt, embaixador da Áustria em Londres, que ele, seguindo tão altos exemplos, arriscou, aqui e além, em *soirées* mais íntimas, algumas melodias finlandesas. Enfim cantou no Paço. E desde então exerceu com zelo, com formalidades, com praxes, o seu cargo de «barítono plenipotenciário», como dizia o Ega. Entre homens, e com os reposteiros corridos, Steinbroken não duvidava todavia cantarolar o que ele chamava cançonetas brejêras ! – o *Amant d'Amanda*, ou uma certa balada inglesa :

*On the Serpentine,  
Oh my Caroline...  
Oh !*

Este *Oh !* como ele o expelia, gemido, bem puxado, num movimento de batuque, expressivo e todavia digno... Isto entre rapazes e com os reposteiros fechados.

Nessa noite, porém, o marquês, que o conduzia pelo braço à sala do piano, exigia uma daquelas canções da Finlândia, de tanto sentimento e que lhe faziam tão bem à alma...

– Uma que tem umas palavrinhas de que eu gosto, *frisk, gluzk...* Lá ra lá, lá, lá !

– *A Primavera* – disse o diplomata sorrindo.

Mas antes de entrar na sala, o marquês soltou o braço de Steinbroken, fez um sinal ao Silveirinha para o fundo do corredor – e aí, sob um sombrio painel de *Santa*

*Madalena* no deserto penitenciando-se e mostrando nudezas ricas de ninfa lúbrica, interpelou-o quase com aspereza :

– Vamos nós a saber. Então, decide-se ou não ?

Era uma negociação que havia semanas se arrastava entre eles, a respeito de uma parelha de éguas. Silveirinha nutria o desejo de montar carruagem ; e o marquês procurava vender-lhe umas éguas brancas, a que ele dizia «ter tomado enguiço, apesar de serem dois nobres animais». Pedia por elas um conto e quinhentos mil réis. Silveirinha fora avisado pelo Sequeira, por Travassos, por outros entendedores, que era uma espiga : o marquês tinha a sua moral própria para negócios de gado, e exultaria em *intrujar um pexote*. Apesar de advertido, Eusébio, cedendo à influência da grossa voz do marquês, da robustez do seu físico, da antiguidade do seu título, não ousava recusar. Mas hesitava : e nessa noite deu a resposta usual ao forreta, coçando o queixo, cosido ao muro :

– Eu verei, marquês... Um conto e quinhentos é dinheiro... O marquês ergueu dois braços ameaçadores como duas trancas :

– Homem, sim ou não ! Que diabo ! Dois animais que são

duas estampas ! Irra ! Sim ou não ! Capítulo V 68

Eusébio ajustou as lunetas, rosnou :

– Eu verei... Ele é dinheiro. Sempre é dinheiro...

– Queria você, talvez, pagá-las com feijões ? Você leva-me a cometer um excesso !

O piano ressoou, em dois acordes cheios, sob os dedos do Cruges ; e o marquês, baboso por música, imediatamente largou a questão das éguas, recolheu em pontas de pés. Eusebiozinho ainda ficou a remoer, a coçar o queixo ; enfim, às primeiras notas de Steinbroken veio pousar como uma sombra silenciosa entre a ombreira e o reposteiro.

Afastado do piano segundo o seu costume, curvado, com a cabeleira como pousada às costas, Cruges feria o acompanhamento, de olhos cravados no livro de *Melodias Finlandesas*. Ao lado, empertigado, quase oficial, com o lenço de seda na mão, a mão fincada contra o peito, Steinbroken soltava um canto festivo, num movimento de tarantela triunfante, em que passavam, como um entrechocar de seixos, esses bocados de palavras de que o marquês gostava, *frisk, slécht, klikst, glukst*. Era *A Primavera* – fresca e silvestre, Primavera do Norte em país de montanhas, quando toda uma aldeia dança em coros sob os fuscos abetos, a neve se derrete em cascatas, um sol pálido aveluda os musgos, e a brisa traz o aroma das resinas... Nos graves e cheios, as cantoneiras de Steinbroken ruborizavam-se, inchavam. Nos tons agudos todo ele se ia alçando sobre a ponta dos pés, como levado no compasso vivo ; despegava então a mão do peito, alargava um gesto, as belas jóias dos

seus anéis faiscavam.

O marquês, com as mãos esquecidas nos joelhos, parecia beber o canto. Na face de Carlos passava um sorriso enternecido pensando em Madame Rughel que viajara na Finlândia, e cantava às vezes aquela *Primavera* nas suas horas de sentimentalismo flamengo...

Steinbroken soltou um *stacato* agudo, isolado como uma voz num alto – e imediatamente, afastando-se do piano, passou o lenço sobre as fontes, sobre o pescoço, rectificou com um puxão a linha da sobrecasaca, e agradeceu o acompanhamento ao Cruges num silencioso *shake-hands*.

– Bravo ! bravo ! – berrava o marquês, batendo as mãos como malhos.

E outros aplausos ressoaram à porta, dos parceiros do *whist*, que tinham findado a partida. Quase imediatamente os escudeiros entraram com um serviço frio de croquetes e sanduíches, oferecendo St. Emilion ou Porto ; e sobre uma mesa, entre os renques de cálices, a poncheira fumegou num aroma doce e quente de conhaque e limão.

– Então, meu pobre Steinbroken – exclamou Afonso, vindo-lhe bater amavelmente no ombro – ainda dá desses belos cantos a estes bandidos, que o maltratam assim ao bilhar ?

– Fui essfôladito, si essfôladito. Agradecido, nô, prefiro um copita Porto...

– Hoje fomos nós as vítimas – disse-lhe o  
general, respirando com delícia o seu ponche. –

Você também, meu genêral ?

– Sim, senhor, também me cascaram...

E que dizia o amigo Steinbroken às notícias da manhã ? –  
perguntava Afonso. – A queda de Mac-Mahon, a eleição  
de Grevy... O que o alegrava nisto era o desaparecimento  
definitivo do antipático senhor de Broglie e da sua *clique*.  
A impertinência daquele acadêmico estreito, querendo  
impor a opinião de

## Capítulo V 69

### Os Maias

dois ou três salões doutrinários à França inteira, a toda  
uma Democracia ! Ah, o *Times* cantava-lhas ! – E o  
*Punch* ? Não viu o *Punch* ? Oh, delicioso !...

O ministro pousara o cálice, e, esfregando  
cautelosamente as mãos, disse numa meia voz grave a  
sua frase, a frase definitiva com que julgava todos os  
acontecimentos que aparecem em telegramas :

– É grave... É eqsessivamente grave...

Depois falou-se de Gambetta ; e como Afonso lhe atribuía uma ditadura próxima, o diplomata tomou misteriosamente o braço de Sequeira, murmurou a palavra suprema com que definia todas as personalidades superiores, homens de estado, poetas, viajantes ou tenores.

– É um homê muito forte. É um homê eqsessivamente forte !

– O que ele é, é um ronha ! – exclamou o general, escorropichando o seu cálice.

E todos três deixaram a sala, discutindo ainda a república – enquanto Cruges continuava ao piano, vagueando por Mendelssohn e por Chopin, depois de ter devorado um prato de croquetes. O marquês e D. Diogo, sentados no mesmo sofá, um com a sua chazada de inválido, outro com um copo de St. Emilion, a que aspirava o bouquet, falavam também de Gambetta. O marquês gostava de Gambetta : fora o único que durante a guerra mostrara ventas de homem ; lá que tivesse «comido» ou que «quisesse comer» como diziam – não sabia nem lhe importava. Mas era teso ! E o Sr. Grevy também lhe parecia um cidadão sério, óptimo para chefe de Estado...

– Homem de sala ? – perguntou languidamente o velho leão. O marquês só o vira na Assembleia, presidindo e muito digno... D. Diogo murmurou, com um melancólico desdém na voz, no gesto, no olhar :

– O que eu queria a toda essa canalha era a saúde, marquês ! O marquês consolou-o, galhofeiro e amável. Toda essa gente, parecendo forte por se ocupar de coisas



fortes, no fundo tinha asma, tinha pedra, tinha gota... E o Dioguinho era um hércales...

– Um hércales ! O que é, é que você apaparica-se muito... A doença é um mau hábito em que a gente se põe. É necessário reagir... Você devia fazer ginástica, e muita água fria por essa espinha. Você, na realidade, é de ferro !

– Enferrujadote, enferrujadote... – replicou o outro, sorrindo e desvanecido.

– Qual enferrujadote ! Se eu fosse cavalo ou mulher antes o queria a você que a esses badamecos que por aí andam meio podres... Já não há homens da sua têmpera, Dioguinho !

– Já não há nada – disse o outro grave e convencido, e como o derradeiro homem nas ruínas de um mundo.

Mas era tarde, ia-se agasalhar, recolher, depois de acabar a sua chazada. O marquês ainda se demorou, preguiçando no sofá, enchendo lentamente o cachimbo, dando um olhar àquela sala que o encantava com o seu luxo Luís XV, os seus floridos e os seus dourados, as cerimoniosas poltronas de Beauvais feitas para a amplidão das anquinhas, as tapeçarias de Gobelins de tons desmaiados, cheias de galantes pastoras, longes de parques, laços e lãs de cordeiros, sombras de idílios mortos, transparecendo numa trama de seda... Àquela hora, no adormecimento que ia pesando, sob a luz suave e quente das velas que findavam, havia ali a harmonia e o ar de um outro século : e o marquês

reclamou do Cruges um minuete, uma gavota, alguma

## Capítulo V 70

### Os Maias

coisa que evocasse Versalhes, Maria Antonieta, o ritmo das belas maneiras e o aroma dos empoados. Cruges deixou morrer sob os dedos a melodia vaga que estava diluindo em suspiros, preparou-se, alargou os braços – e atacou, com um pedal solene, o *Hino da Carta*. O marquês fugiu.

Vilaça e Eusebiozinho conversavam no corredor, sentados numa das arcas baixas de carvalho lavrado.

– A fazer política ? – perguntou-lhes o marquês ao passar. Ambos sorriram ; Vilaça respondeu jocosamente :

– É necessário salvar a pátria !

Eusébio pertencia também ao Centro Progressista, aspirava a influência eleitoral no círculo de Resende, e ali às noites no *Ramalhete* faziam conciliábulos. Nesse momento, porém, falavam dos Maias : Vilaça não duvidava confiar ao Silveirinha, homem de propriedade, vizinho de Santa Olávia, quase criado com Carlos, certas coisas que lhe desagradavam na casa, onde a autoridade da sua palavra parecia diminuir ; assim, por exemplo, não podia aprovar o ter Carlos tomado uma frisa de assinatura.

– Para quê – exclamava o digno procurador – para quê, meu caro senhor ? Para lá não pôr os pés, para passar aqui as noites... Hoje diz que há entusiasmo, e ele aí esteve. Tem

ido lá, eu sei ? duas ou três vezes... E para isto dá cá uns poucos de centos de mil réis. Podia fazer o mesmo com meia dúzia de libras ! Não, não é governo. No fim a frisa é para o Ega, para o Taveira, para o Cruges... Olhe, eu não me utilizo dela ; nem o amigo. É verdade que o amigo está de luto.

Eusébio pensou, com despeito, que se podia meter para o fundo da frisa – se tivesse sido convidado. E murmurou, sem conter um sorriso mole :

– Indo assim, até se podem encalacrar...

Uma tal palavra, tão humilhante, aplicada aos Maias, à casa que ele administrava, escandalizou Vilaça.  
Encalacrar ! Ora essa !

– O amigo não me compreendeu... Há despesas inúteis, sim, mas, louvado Deus, a casa pode bem com elas ! É verdade que o rendimento gasta-se todo, até o último ceitil ; os cheques voam, voam, como folhas secas ; e até aqui o costume da casa foi pôr de lado, fazer bolo, fazer reserva. Agora o dinheiro derrete-se... Eusébio rosnou algumas palavras sobre os trens de Carlos, os nove cavalos, o cocheiro inglês, os *grooms*... O procurador acudiu :

– Isso, amigo, é de razão. Uma gente destas deve ter a sua representação, as suas coisas bem montadas. Há deveres na sociedade... É como o Sr. Afonso... Gasta muito, sim, come dinheiro. Não é com ele, que lhe conheço aquele casaco há vinte anos... Mas são esmolas, são pensões, são empréstimos que nunca mais vê...

– Desperdícios...

– Não lho censuro... É o costume da casa ; nunca da porta dos Maias, já meu pai dizia, saiu ninguém descontente... Mas uma frisa, de que ninguém usa, só para o Cruces, só para o Taveira !... Teve de se calar. Justamente ao fundo do corredor assomava o Taveira, abafado até aos olhos na gola de uma *ulster* donde saíam as pontas de um *cache-nez* de seda clara. O escudeiro desembaraçou-o dos agasalhos ; e ele, de casaca e colete branco, limpando o bonito bigode húmido da geada, veio apertar a mão ao caro Vilaça, ao amigo Eusébio, arrepiado, mas achando o frio elegante, desejando a neve e o seu chique...

– Nada, nada – dizia Vilaça todo amável – cá o nosso

solzinho português sempre é melhor... Capítulo V 71

## Os Maias

E foram entrando no fumoir, onde se ouviam as vozes do marquês, de Carlos, numa das suas sábias e prolixas cavaqueiras sobre cavalos e *sport*.

– Então ? Que tal ? A mulher ? – foi a interrogação que acolheu o Taveira.

Mas antes de dar notícia da estreia da Morelli, a dama nova, Taveira reclamou alguma coisa quente. E enterrado numa poltrona junto do fogão, com os sapatos de verniz estendidos para as brasas, respirando o aroma do ponche,

saboreando uma *cigarette*, declarou enfim que não tinha sido um fiasco.

– Que ela, a meu ver, é uma insignificância, não tem nada, nem voz, nem escola. Mas, coitada, estava tão atrapalhada, que nos fez pena. Houve indulgência, deram-se-lhe umas palmas... Quando fui ao palco, ela estava contente...

– Vamos a saber, Taveira, que tal é ela ? – inquiria o marquês.

– Cheia – dizia o Taveira, colocando as palavras como pinceladas. – Alta, muito branca ; bons olhos ; bons dentes...

– E o pezinho ? – E o marquês, já com os olhos acesos, passava devagar a mão pela calva. Taveira não reparara no pé. Não era amador de pés...

– Quem estava ? – perguntou Carlos, indolente e bocejando.

– A gente do costume... É verdade, sabes quem tomou a frisa ao lado da tua ? Os Gouvarinhos. Lá apareceram hoje...

Carlos não conhecia os Gouvarinhos. Em redor explicaram-lhe : o conde de Gouvarinho, o par do Reino, um homem alto, de lunetas, *poseur*... E a condessa, uma senhora inglesada, de cabelo cor de cenoura, muito bem-feita... Enfim, Carlos não conhecia.

Vilaça encontrava o conde no Centro Progressista, onde ele era uma coluna do partido. Rapaz de talento, segundo o Vilaça. O que o espantava é que ele pudesse ter assim frisa de assinatura, atrapalhado como estava : ainda não havia três meses lhe tinham protestado uma letra de oitocentos mil réis, no Tribunal do Comércio...

– Um asno, um caloteiro ! – diz o marquês com nojo.

– Passa-se lá bem, às terças-feiras !... – disse Taveira, mirando a sua meia de seda.

Depois falou-se do duelo do Azevedo da *Opinião* com o Sá Nunes, autor de *El-Rei Bolacha*, a grande mágica da Rua dos Condes, e ultimamente ministro da Marinha : tinham-se tratado furiosamente nos jornais de *pulhas* e de *ladrões* : e havia dez intermináveis dias que estavam desafiados e que Lisboa, em pasmaceira, esperava o sangue. Cruges ouvira que Sá Nunes não se queria bater, por estar de luto por uma tia ; dizia-se também que o Azevedo partira precipitadamente para o Algarve. Mas a verdade, segundo Vilaça, era que o ministro do Reino, primo do Azevedo, para evitar o recontro, conservava a casa dos dois cavalheiros bloqueada pela polícia...

– Uma canalha ! – exclamou o marquês com um dos seus

## Os Maias

– O ministro não deixa de ter razão – observou Vilaça. – Isto às vezes, em duelos, pode bem suceder uma desgraça...

Houve um curto silêncio. Carlos, que caía de sono, perguntou ao Taveira, através de outro bocejo, se vira o Ega no teatro.

– Pudera ! Lá estava de serviço, no seu posto, na frisa dos Cohens, todo puxado... – Então essa coisa do Ega com a mulher do Cohen – disse o marquês – parece clara... –

Transparente, diáfana ! um cristal !...

Carlos, que se erguera a acender uma *cigarette* para despertar, lembrou logo a grande máxima de D. Diogo : essas coisas nunca se sabiam, e era preferível não se saberem ! Mas o marquês, a isto, lançou-se em considerações pesadas. Estimava que o Ega se atirasse ; e via aí um facto de represália social, por o Cohen ser judeu e *banqueiro*. Em geral não gostava de judeus ; mas nada lhe

ofendia tanto o gosto e a razão como a espécie banqueiro. Compreendia o salteador de clavina, num pinheiral ; admitia o comunista, arriscando a pele sobre uma barricada. Mas os argentários, os *Fulanos e C.* as faziam–no encavacar... E achava que destruir–lhes a paz doméstica era acto meritório !

– Duas horas e um quarto ! – exclamou Taveira, que olhara o relógio. – E eu aqui, empregado público, tendo deveres para com o Estado, logo às dez horas da manhã.

– Que diabo se faz no Tribunal de Contas ? – perguntou Carlos. – Joga–se ? Cavaqueia–se ?

– Faz–se um bocado de tudo, para matar tempo... Até contas ! Afonso da Maia já estava recolhido. Sequeira e Steinbroken tinham partido ; e D. Diogo, no fundo da sua velha traquitana, lá fora também a tomar ainda gemada, a pôr ainda o emplastro, sob o olho solícito da Margarida, sua cozinheira e seu derradeiro amor. E os outros não tardaram a deixar o *Ramalhete*. Taveira, de novo sepultado na *ulster*, trotou até casa, uma vivendazinha perto com um bonito jardim. O marquês conseguiu levar Cruges no *coupé* para lhe ir fazer música a casa, no órgão, até às três ou quatro horas, música religiosa e triste, que o fazia chorar, pensando nos seus amores e comendo frango frio com fatias de salame. E o viúvo, o Eusebiozinho, esse, batendo o queixo, tão morosa e soturnamente como se caminhasse para a sua própria sepultura, lá se dirigiu ao lupanar onde tinha uma *paixão*.

O laboratório de Carlos estava pronto – e muito



convidativo, com o seu soalho novo, fornos de tijolo fresco, uma vasta mesa de mármore, um amplo divã de crina para o repouso depois das grandes descobertas, e em redor, por sobre peanhas e prateleiras, um rico brilho de metais e cristais ; mas as semanas passavam, e todo esse belo material de experimentação, sob a luz branca da clarabóia, jazia virgem e ocioso. Só pela manhã um servente ia ganhar o seu tostão diário, dando lá uma volta preguiçosa com um espanador na mão. Carlos realmente não tinha tempo de se ocupar do laboratório ; e deixaria a Deus mais algumas semanas o privilégio exclusivo de saber o segredo das coisas – como ele dizia rindo ao avô. Logo pela manhã cedo ia fazer as suas duas horas de armas com o velho Randon ; depois via alguns doentes no bairro, onde se espalhara, com um brilho de legenda, a cura da Marcelina – e as garrafas de Bordéus que lhe mandara Afonso. Começava a ser conhecido como médico. Tinha visitas no consultório – ordinariamente bacharéis, seus contemporâneos, que sabendo-o rico o consideravam gratuito, e lá entravam, murchos e com má cara, a contar a velha e mal disfarçada história de ternuras funestas. Salvara de um garrotilho a filha de um brasileiro, ao Aterro – e ganhara aí a sua primeira libra, a primeira que pelo seu trabalho ganhava um homem da sua família. O Dr. Barbedo convidara-o a assistir a uma operação ovariectomia. E enfim (mas esta consagração não a esperava realmente Carlos tão cedo) alguns dos seus bons colegas, que até aí, vendo-o só a governar os seus cavalos ingleses, falavam do «talento do Maia» – agora, percebendo-lhe estas migalhas de

## Capítulo V 73

### Os Maias

clientela, começavam a dizer «que o Maia era um asno». Carlos já falava a sério da sua carreira. Escrevera, com laboriosos requintes de estilista, dois artigos para a *Gazeta Médica*, e pensava em fazer um livro de ideias gerais que se devia chamar *Medicina Antiga e Moderna*. De resto ocupava-se sempre dos seus cavalos, do seu luxo, do seu bricabraque. E através de tudo isto, em virtude dessa fatal dispersão de curiosidade que, no meio do caso mais interessante de patologia, lhe fazia voltar a cabeça, se ouvia falar de uma estátua ou de um poeta, atraía-o singularmente a antiga ideia do Ega, a criação de uma revista, que dirigisse o gosto, pesasse na política, regulasse a sociedade, fosse a força pensante de Lisboa... Era porém inútil lembrar ao Ega este belo plano. Abria um olho vago, respondia :

– Ah, a revista... Sim, está claro, pensar nisso ! Havemos de falar, eu aparecerei...

Mas não aparecia no *Ramalhete*, nem no consultório ; apenas se avistavam, às vezes, em S. Carlos, onde o Ega, todo o tempo que não passava no camarote dos Cohens, vinha invariavelmente refugiar-se no fundo da frisa de Carlos, por trás de Taveira ou do Cruges, donde pudesse olhar de vez em quando Raquel Cohen – e ali ficava, silencioso, com a cabeça apoiada ao tabique, repousando e como saturado de felicidade...

O dia (dizia ele) tinha-o todo tomado : andava procurando

casa, andava estudando mobílias... Mas era fácil encontrá-lo pelo Chiado e pelo Loreto, a rondar e a farejar – ou então no fundo de tipóias de praça, batendo a meio galope, num espalhafato de aventura. O seu dandismo requintava ; arvorara, com o desplante soberbo de um Brummel, casaca de botões amarelos sobre colete de cetim branco ; e Carlos, entrando uma manhã cedo no *Universal*, deu com ele pálido de cólera, a despropositar com um criado, por causa de uns sapatos mal envernizados. Os seus companheiros constantes, agora, eram um Dâmaso Salcede, amigo do Cohen, e um primo da Raquel Cohen, mocinho imberbe, de olho esperto e duro, já com ares de emprestar a trinta por cento.

Entre os amigos, no *Ramalhete*, sobretudo na frisa, discutia-se às vezes Raquel, e as opiniões discordavam. Taveira achava-a «deliciosa !» – e dizia-o rilhando o dente : ao marquês não deixava de parecer apetitosa, para uma vez, aquela carnezinha *faisandée* de mulher de trinta anos : Cruges chamava-lhe uma «lambisgóia relambória» Nos jornais, na secção do *High Life*, ela era «uma das nossas primeiras elegantes» : e toda a Lisboa a conhecia, e a sua luneta de oiro presa por um fio de oiro, e a sua caleche azul com cavalos pretos. Era alta, muito pálida, sobretudo às luzes, delicada de saúde, com um quebranto nos olhos pisados, uma infinita languidez em toda a sua pessoa, um ar de romance e de lírio meio murcho : a sua maior beleza estava nos cabelos, magnificamente negros, ondeados, muito pesados, rebeldes aos ganchos, e que ela deixava habilmente cair numa massa meio solta sobre as costas,

como num desalinho de nudez. Dizia-se que tinha literatura, e fazia frases. O seu sorriso lasso, pálido, constante, dava-lhe um ar de insignificância. O pobre Ega adorava-a.

Conhecera-a na Foz, na Assembleia ; nessa noite, cervejando com os rapazes, ainda lhe chamou *camélia melada* ; dias depois já adulava o marido ; e agora esse demagogo, que queria o massacre em massa das classes médias, soluçava muita vez por causa dela, horas inteiras, caído para cima da cama.

Em Lisboa, entre o Grémio e a Casa Havanesa, já se começava a falar do «arranjinho do Ega». Ele todavia procurava pôr a sua felicidade ao abrigo de todas as suspeitas humanas. Havia nas suas complicadas precauções tanta sinceridade como prazer romântico do mistério ; e era nos sítios mais desajeitados, fora de portas, para os lados do Matadouro, que ia furtivamente encontrar a criada que lhe trazia as cartas dela... Mas em todos os seus modos (mesmo no disfarce afectado com que espreitava as horas), transbordava a imensa vaidade daquele adultério elegante. De resto sentia bem que os seus amigos conheciam a gloriosa aventura, o sabiam em pleno drama : era mesmo talvez por isso que, diante de Carlos e dos outros, nunca até aí mencionara o nome dela, nem deixara jamais escapar um lampejo de exaltação.

Uma noite, porém, acompanhando Carlos até ao *Ramalhete*, noite de Lua calma e branca, em que caminhavam ambos calados, Ega, invadido decerto por uma onda interior de paixão, soltou desabafadamente um suspiro, alargou os braços, declamou com os olhos no astro, um tremor na voz :

*Oh ! laisse-toi donc aimer, oh ! l'amour c'est la vie !*

Isto fugira-lhe dos lábios como um começo de confissão ; Carlos ao lado não disse nada, soprou ao ar o fumo do charuto.

Mas Ega sentiu-se decerto ridículo, porque se calou, refugiou-se imediatamente no puro interesse literário.

– No fim de contas, menino, digam lá o que disserem, não há senão o velho Hugo...

Carlos, consigo, lembrava furores naturalistas do Ega, rugindo contra Hugo, chamando-lhe «saco-roto de espiritualismo», «boca-aberta de sombra», «avozinho lírico», injúrias piores. Mas nessa noite o grande fraseador continuou :

– Ah, o velho Hugo ! o velho Hugo é o campeão heróico de verdades eternas... É necessário um bocado de ideal, que diabo !... De resto o ideal pode ser real...

E foi, com esta palinódia, acordando os silêncios do Aterro. Dias depois, Carlos, no consultório, acabava de despedir um doente, um Viegas, que todas as semanas vinha ali fazer a

fastidiosa crónica da sua dispepsia – quando do reposteiro da sala de espera lhe surgiu o Ega, de sobrecasaca azul, luva *gris-perle* e um rolo de papel na mão.

– Tens que fazer, doutor ?

– Não, ia a sair, janota !

– Bem. Venho-te impingir prosa... Um bocado do *Átomo*... Senta-te aí. Ouve lá.

Imediatamente abancou, afastou papéis e livros, desenrolou o manuscrito, espalmou-o, deu um puxão ao colarinho – e Carlos, que se pousara à borda do divã, com a face espantada e as mãos nos joelhos, achou-se quase sem transição transportado dos rugidos do ventre do Viegas para um rumor de população, num bairro de judeus, na velha cidade de Heidelberga.

– Mas espera lá ! – exclamou ele. – Deixa-me respirar. Isso não é o começo do livro ! Isso não é o Caos...

Ega então recostou-se, desabotoou a sobrecasaca, respirou também.

– Não, não é o primeiro episódio... Não é o Caos. É já no séc. XV... Mas num livro destes pode-se começar pelo fim... Conveio-me fazer este episódio : chama-se *A Hebreia*.

A Cohen ! – pensou Carlos.

Ega tornou a alargar o colarinho – e foi lendo, animando-se, ferindo as palavras para as fazer viver,

soltando grandes cheios de voz nas sonoridades finais dos períodos. Depois da sombria pintura de um bairro medieval de Heidelberg, o famoso *Átomo*, o *Átomo do Ega*, aparecia alojado no coração do esplêndido príncipe Franck, poeta, cavaleiro, e bastardo do imperador Maximiliano. E todo esse coração de herói

## Capítulo V 75

### Os Maias

palpitava pela judia Ester, pérola maravilhosa do Oriente, filha do velho rabino Salomão, um grande doutor da Lei, perseguido pelo ódio teológico do Geral dos Dominicanos.

Isto contava-o o *Átomo* num monólogo, tão recamado de imagens como um manto da Virgem está recamado de estrelas – e que era uma declaração dele, Ega, à mulher do Cohen. Depois abria-se um intermédio panteísta : rompiam coros de flores, coros de astros, cantando, na linguagem da luz ou na eloquência dos perfumes, a beleza, a graça, a pureza, a alma celeste de Ester – e de Raquel... Enfim, chegava o negro drama da perseguição : a fuga da família hebraica, através de bosques de bruxas e brutas aldeias feudais ; a aparição, numa encruzilhada, do príncipe Franck que vem proteger Ester, de lança alta, no seu grande corcel ; o tropel da turba fanática, correndo a queimar o rabino e os seus livros hereges ; a batalha, e o príncipe atravessado pelo chuço de um reitre, indo morrer no peito de Ester, que morre com ele num beijo. Tudo isto se precipitava como um sonoro e tumultuoso soluço ; e era tratado com as maneiras modernas de estilo, o esforço atormentado inchando a

expressão, as camadas de cor atiradas à larga para fazer ressaltar o tom de vida... Ao findar, o *Átomo* exclamava, com a vasta solenidade de um cheio de órgão : «Assim arrefeceu, parou, aquele coração de herói que eu habitava ; e evaporado o princípio de vida, eu, agora livre, remontei aos astros, levando comigo a essência pura desse amor imortal.» – Então ?... – disse Ega, esfalfado, quase trémulo. Carlos só pôde responder :

– Está ardente.

Depois elogiou a sério alguns lances, o coro das florestas, a leitura do *Ecclesiastes*, de noite, entre as ruínas da torre de Othon, certas imagens de um grande voo lírico.

Ega, que tinha pressa, como sempre, enrolou o manuscrito, reabotoou a sobrecasaca, e já de chapéu na mão :

– Então, parece-te apresentável ?...

– Vais publicar ?

– Não, mas enfim... – E ficou nesta reticência, fazendo-se corado.

Carlos compreendeu tudo dias depois, encontrando na *Gazeta do Chiado* uma descrição «da leitura feita em casa do Ex. mo Sr. Jacob Cohen, pelo nosso amigo João da Ega, de um dos mais brilhantes episódios do seu livro – *As Memórias de Um Átomo*». E o jornalista acrescentava, dando a sua impressão pessoal : «É uma pintura dos



sofrimentos por que passaram, nos tempos da intolerância religiosa, aqueles que seguem a Lei de Israel. Que poder de imaginação ! Que fluência de estilo ! O efeito foi extraordinário, e quando o nosso amigo fechou o manuscrito ao sucumbir da protagonista – vimos lágrimas em todos os olhos da numerosa e estimável colónia hebraica !» Oh, furor do Ega ! Rompeu nessa tarde pelo consultório, pálido, desorientado...

– Estas bestas ! Estas bestas destes jornalistas ! Leste ? *Lágrimas em todos os olhos da numerosa e estimável colónia hebraica* ! Faz cair a coisa em ridículo... E depois a *fluência do estilo*. Que burros ! Que idiotas !

Carlos, que cortava as folhas de um livro, consolou-o. Aquela era a maneira nacional de falar de obras de arte... Não valia a pena bramar...

– Não, palavra, tinha vontade de quebrar a cara àquele foliculário !

– E porque lha não quebras ?

## Capítulo V 76

### Os Maias

– É um amigo dos Cohens.

E foi grunhindo impropérios contra a imprensa, a passos de tigre pelo gabinete. Por fim, irritado com a indiferença de Carlos :

– Que diabo estás tu aí a ler ? *Nature parasitaire des*

*accidents de l'impaludisme...* Que *blague*, a medicina !  
Dize-me uma coisa. Que diabo serão umas picadas que me vêm aos braços, sempre que vou a adormecer ?...

– Pulgas, bichos, vérmina... – murmurou Carlos com os olhos no livro.

– Animal ! – rosnou Ega, arrebatando o chapéu.

– Vais-te, John ?

– Vou, tenho que fazer ! – E junto do reposteiro, ameaçando o céu com o guarda-chuva, chorando quase de raiva : – Estes burros destes jornalistas ! São a escória da sociedade !

Daí a dez minutos reapareceu, bruscamente : e já com outra voz, num tom de caso sério : – Ouve cá. Tinha-me esquecido. Tu queres ser apresentado aos Gouvarinhos ?

– Não tenho um interesse especial – respondeu Carlos, erguendo os olhos do livro, depois de um silêncio. – Mas não tenho também uma repugnância especial.

– Bem – disse Ega. – Eles desejam conhecer-te, sobretudo a condessa faz empenho... Gente inteligente, passa-se lá bem... Então, decidido ! Terça-feira vou-te

buscar ao *Ramalhete*, e vamo-nos *gouvarinhar*.

Carlos ficou pensando naquela proposta do Ega, na maneira como ele sublinhara o *empenho* da condessa. Lembrava-se agora que ela era muito íntima da Cohen : e ultimamente, em S. Carlos, naquela fácil vizinhança de frisa, surpreendera certos olhares dela... Mesmo, segundo o Taveira, ela realmente *fazia-lhe um olhar*. E Carlos achava-a picante, com os seus cabelos crespos e ruivos, o narizinho petulante, e os olhos escuros, de um grande brilho, dizendo mil coisas. Era deliciosamente bem-feita – e tinha uma pele muito clara, fina e doce à vista, a que se sentia mesmo de longe o cetim.

Depois daquele dia tristonho de aguaceiros, ele resolvera passar um bom serão de trabalho, ao canto do fogão, no conforto do seu *robe-de-chambre*. Mas, ao café, os olhos da Gouvarinho começaram a faiscar-lhe por entre o fumo do charuto, a fazer-lhe um *olhar*, colocando-se tentadoramente entre ele e a sua noite de estudo, pondo-lhe nas veias um vivo calor de mocidade... Tudo culpa do Ega, esse Mefistófeles de Celorico !

Vestiu-se, foi a S. Carlos. Ao sentar-se, porém, à boca da frisa, preparado, de colete branco e pérola negra na camisa – em lugar dos cabelos crespos e ruivos, avistou a carapinha retinta de um preto, um preto de doze anos, trombudo e luzidio, de grande colarinho à mamã sobre uma jaqueta de botões amarelos ; ao lado outro preto, mais pequeno, com o mesmo uniforme de colégio, enterrava pela venta aberta o dedo calçado de pelica branca. Ambos eles lhe relancearam

os olhos bugalhudos, cor de prata embaciada. A pessoa que os acompanhava, escondida para o fundo, parecia ter um catarro ascoroso. Dava-se a *Lúcia* em benefício, com a segunda dama. Os Cohens não tinham vindo – nem o Ega. Muitos camarotes estavam desertos, em toda a tristeza do seu velho papel vermelho. A noite chuviscosa, com um bafo de sudoeste, parecia penetrar ali, derramando o seu pesadume, a morna sensação da sua humidade. Nas cadeiras, vazias, havia uma mulher solitária, vestida de cetim claro ; Edgardo e *Lúcia* desafinavam ; o gás dormia, e os arcos das rabecas, sobre as cordas, pareciam ir adormecendo também.

## Capítulo V 77

### Os Maias

– Isto está lúgubre – disse Carlos ao amigo Cruges, que ocupava o escuro da frisa.

Cruges, amodorrado num acesso de *spleen*, com o cotovelo sobre as costas da cadeira, os dedos por entre a cabeleira, todo ele embrulhado em crepes sobrepostos de melancolia, respondeu, como do fundo de um sepulcro :

– Pesadote.

Por indolência, Carlos ficou. E pouco a pouco, aquele preto de que os seus olhos se não podiam despegar, ali entronizado na poltrona de repes verde da Gouvarinho, com a manga da jaqueta plantada no rebordo onde costumava alvejar um lindo braço – foi-lhe arrastando, a seu pesar, a imaginação para a pessoa dela ; lembrou *toilettes* com que ela ali estivera ; e nunca lhe pareceram tão picantes, como

agora que os não via, os seus cabelos ruivos, cor de brasa às luzes, de um encrespado forte, como crestados da chama interna. A carapinha do preto, essa, em lugar de risca tinha um sulco cavado à tesoura na massa de lã espessa. Quem seriam, porque estavam ali, aqueles africanos de perfil trombudo ?

– Tu já reparaste nesta extraordinária carapinha, Cruges ? O outro, que se não mexera da sua atitude de estátua tumular, grunhiu da sombra um monossílabo surdo.

Carlos respeitou–lhe os nervos.

De repente, ao desafinar mais áspero de um coro, Cruges deu um salto.

– Isto só a pontapé... Que empresa esta ! – rugiu ele, envergando furiosamente o paletó.

Carlos foi levá–lo no *coupé* à Rua das Flores, onde ele morava com a mãe e uma irmã ; e até ao *Ramalhete* não cessou de lamentar consigo o seu serão de estudo perdido.

O criado de Carlos, o Baptista (familiarmente o *Tista*) esperava–o lendo o jornal, na confortável antecâmara dos «quartos do menino», forrada de veludo cor de cereja, ornada de retratos de cavalos e panópias de velhas armas, com divãs do mesmo veludo, e muito alumiada a essa hora por dois candeeiros de globo pousados sobre colunas de carvalho, onde se enrolavam labores de ramos de vide.

Carlos tinha desde os onze anos este criado de quarto, que

viera com o Brown para Santa Olávia, depois ter servido em Lisboa, na Legação inglesa, e ter acompanhado o ministro, Sir Hercules Morrisson, várias vezes a Londres. Foi em Coimbra, nos Paços de Celas, que Baptista começou a ser um personagem : Afonso correspondia-se com ele de Santa Olávia. Depois viajou com Carlos ; enjoaram nos mesmos paquetes, partilharam das mesmas sanduíches no bufete das gares ; *Tista* tornou-se um confidente. Era hoje um homem de cinquenta anos, desempenado, robusto, com um colar de barba grisalha por baixo do queixo, e o ar excessivamente *gentleman*. Na rua, muito direito na sua sobrecasaca, com o par de luvas amarelas espetado na mão, a sua bengala de cana-da-índia, os sapatos bem envernizados, tinha a considerável aparência de um alto funcionário. Mas conservava-se tão fino e tão desembaraçado como quando em Londres aprendera a valsar e a boxar na rude balbúrdia dos salões dançantes, ou como quando mais tarde, durante as férias de Coimbra, acompanhava Carlos a Lamego e o ajudava a saltar o muro do quintal do senhor escrivão de Fazenda – aquele que tinha uma mulher tão garota.

Carlos foi buscar um livro ao gabinete de estudo, entrou no quarto, estendeu-se, cansado, numa poltrona. À luz opalina dos globos, o leito entreaberto mostrava, sob a seda dos cortinados, um luxo efeminado de bretanhas, bordados e rendas.

– Que há hoje no *Jornal da Noite* ? – perguntou ele

bocejando, enquanto Baptista o descalçava. Capítulo V 78

## Os Maias

– Eu li-o todo, meu senhor, e não me pareceu que houvesse coisa alguma. Em França continua sossego... Mas a gente nunca pode saber, porque estes jornais portugueses imprimem sempre os nomes estrangeiros errados.

– São uma bestas. O Sr. Ega hoje estava furioso com eles... Depois, enquanto Baptista preparava com esmero um grogue quente, Carlos já deitado, aconchegado, abriu preguiçosamente o livro, voltou duas folhas, fechou-o, tomou uma *cigarette*, e ficou fumando com as pálpebras cerradas, numa imensa beatitude. Através das cortinas pesadas sentia-se o sudoeste que batia o arvoredos, e os aguaceiros alagando os vidros.

– Tu conheces os senhores condes de Gouvarinho, *Tista* ?

– Conheço o Pimenta, meu senhor, que é criado de quarto do senhor conde... Criado de quarto e serve à mesa.

– E que diz então esse Tormenta ? – perguntou Carlos, numa voz indolente, depois de um silêncio.

– Pimenta, meu senhor ! O Manuel é Pimenta. O Sr. Gouvarinho chama-lhe Romão, porque estava acostumado ao outro criado que era Romão. E já isto não é bonito, porque cada um tem o seu nome. O Manuel é Pimenta. O Pimenta não está contente...

E Baptista, depois de colocar junto da cabeceira a salva com o grogue, o açucareiro, as *cigarettes*, transmitiu as

revelações do Pimenta. O conde de Gouvarinho, além de muito maçador e muito peguinheiro, não tinha nada de cavalheiro : dera um fato de cheviote claro ao Romão (ao Pimenta), mas tão coçado e tão cheio de riscas de tinta, de limpar a pena à perna e ao ombro, que o Pimenta deitou o presente fora. O conde e a senhora não se davam bem : já no tempo do Pimenta, uma ocasião, à mesa, tinham-se pegado de tal modo que ela agarrou do copo e do prato, e esmigalhou-os no chão. E outra qualquer teria feito o mesmo ; porque o senhor conde, quando começava a repisar, a remoer, não se podia aturar. As questões eram sempre por causa de dinheiro. O Thompson velho estava farto de abrir os cordões à bolsa...

– Quem é esse Thompson velho, que nos aparece agora, a esta hora da noite ? – perguntou Carlos, a seu pesar interessado.

– O Thompson velho é o pai da senhora condessa. A senhora condessa era uma Miss Thompson, dos Thompson do Porto. O Sr. Thompson não tem querido ultimamente emprestar nem mais um real ao genro : de sorte que, uma vez, já no tempo do Pimenta também, o senhor conde, furioso, disse à senhora que ela e o pai se deviam lembrar que eram gente de comércio e que fora ele que fizera dela uma condessa ; e com perdão de Vossa Excelência, a senhora condessa ali mesmo à mesa mandou o condado à tábua... Estas coisas não estão no género do Pimenta.

Carlos bebeu um gole do grogue. Bailava-lhe nos lábios uma pergunta, mas hesitava. Depois reflectiu na puerilidade



de tão rígidos escrúpulos a respeito de uma gente que, ao jantar, diante do escudeiro, quebrava a porcelana, mandava à tábua o título dos antepassados. E perguntou :

– Que diz o Sr. Pimenta da senhora condessa, Baptista ? Ela diverte-se ?

– Creio que não, meu senhor. Mas a criada de confiança dela, uma escocesa, essa é desobstinada. E não fica bem à senhora condessa ser assim tão íntima com ela...

Houve um silêncio no quarto, a chuva cantou mais forte nos vidros.

## Capítulo V 79

### Os Maias

– Passando a outro assunto, Baptista. Vamos a saber, há quanto tempo não escrevo eu a Madame Rughel ?

Baptista tirou do bolso interior da sua casaca um livro de apontamentos, aproximou-se da luz, encavalou a luneta no nariz, e verificou, com método, estas datas : «Dia 1 de Janeiro, telegrama expedido com felicitações do começo de ano a Madame Rughel, Hôtel d'Albe, Champs Elysées, Paris. Dia 3, telegrama recebido de Madame Rughel, reciprocando cumprimentos, exprimindo amizade, anunciando partida para Hamburgo. Dia 15, carta lançada ao correio, para Madame Rughel, William-Strasse, Hamburgo, Allemagne.» Depois – mais nada. De modo que havia já cinco semanas que o menino não escrevia a Madame

Rughel...

– É necessário escrever amanhã – disse Carlos.

Baptista tomou uma nota.

Depois, entre uma fumaça lânguida, a voz de Carlos ergueu-se de novo na paz dormente do quarto :

– Madame Rughel era muito bonita, não é verdade, Baptista ? É a mulher mais bonita que tu tens visto na tua vida !

O velho criado meteu o livro no bolso da casaca, e respondeu, sem hesitar, muito certo de si :

– Madame Rughel era uma senhora de muita vista. Mas a mulher mais linda em que tenho posto os olhos, se o menino dá licença, era aquela senhora do coronel de hussardos que vinha ao quarto do hotel em Viena.

Carlos atirou a *cigarette* para a salva – e escorregando pela roupa abaixo, todo invadido por uma onda de recordações alegres, exclamou da profundidade do seu conforto, no antigo tom de ênfase boémia dos Paços de Celas :

– O Sr. Baptista não tem gosto nenhum ! Madame Rughel era uma ninfa de Rubens, senhor ! Madame Rughel tinha o esplendor de uma deusa da Renascença, senhor ! Madame Rughel devia ter dormido no leito imperial de Carlos Quinto... Retire-se, senhor ! Baptista entalou mais o *couvre-pieds*, relanceou pelo quarto um olhar solícito, e,

contente da ordem em que as coisas adormeciam, saiu, levando o candeeiro. Carlos não dormia : e não pensava na coronela de hussardos, nem em Madame Rughel. A figura que no escuro dos cortinados lhe aparecia, num vago dourado que provinha do reflexo dos seus cabelos soltos, era a Gouvarinho – a Gouvarinho que não tinha o esplendor de uma deusa da Renascença como Madame Rughel, nem era a mulher mais linda em que Baptista pusera os seus olhos como a coronela de hussardos : mas, com o seu nariz petulante e a sua boca grande, brilhava mais e melhor que todas na imaginação de Carlos – porque ele esperara-a essa noite e ela não tinha aparecido.

Na terça-feira prometida Ega não veio buscar Carlos para se irem *gouvarinhar*. E foi Carlos que daí a dias, entrando como por acaso no *Universal*, perguntou rindo ao Ega :

– Então quando nos *gouvarinhamos* ?

Nessa noite, em S. Carlos, num entreacto dos Huguenotes, Ega apresentou-o ao senhor conde de Gouvarinho, no corredor das frisas. O conde, muito amável, lembrou logo que já tivera, mais de uma vez, o prazer de passar pela porta de Santa Olávia, quando ia ver os seus velhos amigos, os Tedins, a Entre Rios – uma formosa vivenda também. Falaram então do Douro, da Beira, compararam outras paisagens. Para o conde, nada havia, no nosso Portugal, como os campos do Mondego : mas a sua parcialidade era perdoável,